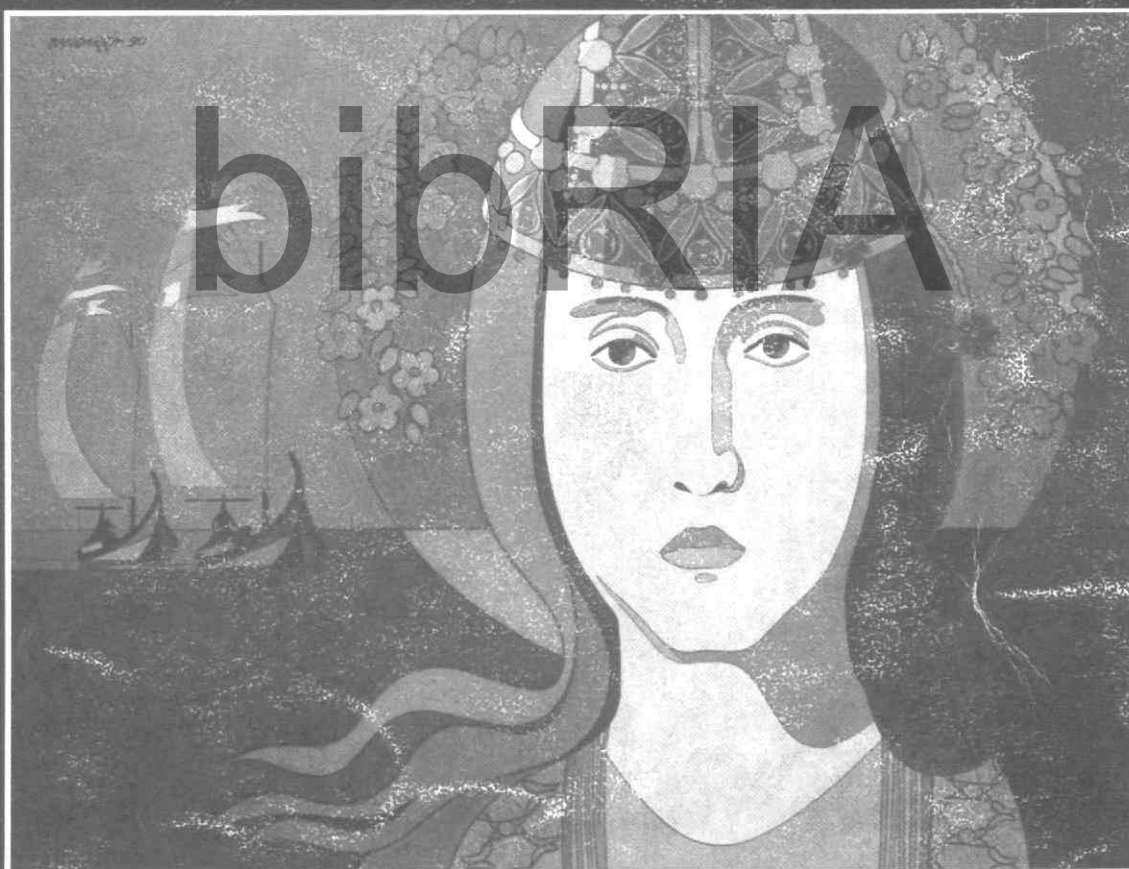


BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO



ANO VIII - Nº 15-16

FL
908
141

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

bibRIA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

OFERTA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
FUNDO
LOCAL

INTERDITO
AO
EMPRÉSTIMO

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

bibRIA





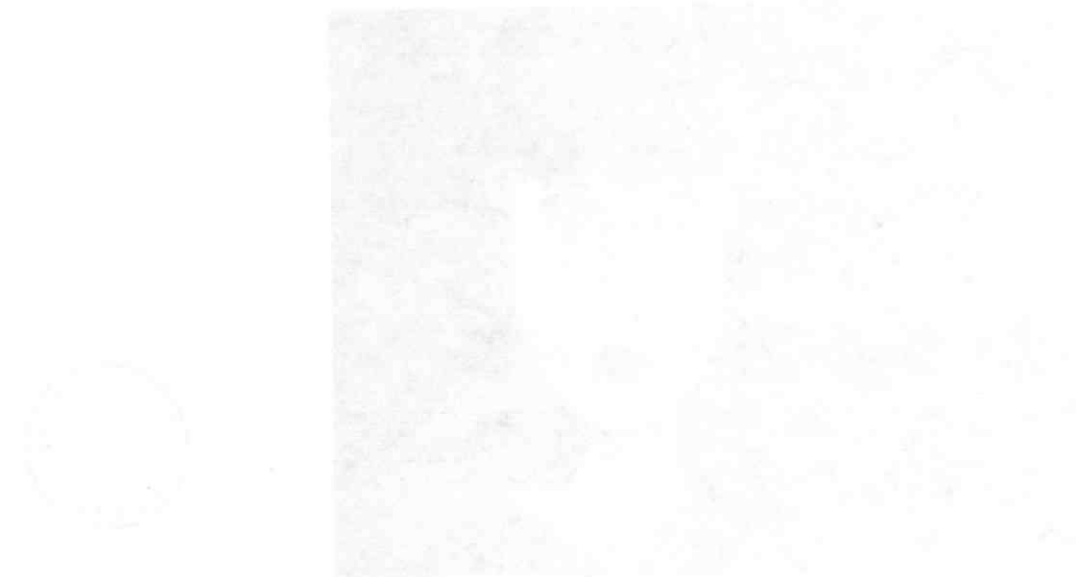
No dia 12 de Maio de 1490, "andando nas duas horas depois da meia noite, esta Senhora disse baixo: digam a ladaínha; e o Padre Prior Frei João Dias a começou a dizer alto, como costumam. (...) E chegando com a ladaínha e dizendo o Padre: Omnes Sancti Innocentes, aquela mui inocente e pura alma foi solta da prisão do cárcere deste mortal corpo (...), sem fazer mais jeito algum de dor, mas mui quieta, alegre, claro e plácido vulto, se baixaram e caíram suas formosas mãos que até àquele passo levantadas tinha ante a Cruz (...), em maneira que os Padres alçando suas mãos aos Céus disseram: Com os Santos Inocentes se foi".

*Memorial da Princesa Santa Joana,
fls. 100 v a - 101 r b.*

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

Publicação Semestral de Índole Cultural e Informativa

Dezembro de 1990



bibRIA

BOLETIM Nº 15 - 16

DIRECÇÃO: Presidente da Câmara Municipal de Aveiro – Vereador do Pelouro da Cultura

PROPRIEDADE: Câmara Municipal de Aveiro

REDACÇÃO: Praça da República – Aveiro – Tel. 24081/82

SUPERVISÃO: Assessor Cultural da C.M.A.

CAPA: Manuel Bandarra

TIRAGEM: 1000 exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Gráfica do Vouga, lda. - Rua do Loureiro, 13 - 3800 Aveiro

Depósito Legal nº 12 442/86 • ISBN - 972/9137/06/4

Abertura - Prof. Celso dos Santos	7
V Centenário da Princesa Santa Joana	9
Efemérides - 1991	26
Santa Joana - O Mais Precioso Tesouro da Cidade	
- D. António Baltasar Marcelino	27
A Decisão da Princesa - Mons. João Gonçalves Gaspar	33
Edições da Câmara Municipal de Aveiro	38
Uma Princesa a Quem o Povo Chamou Santa	39
As Tricanas e a Tricana Isabel de Almeida	43
João Jacinto de Magalhães - João Gaspar	47
"O Americano" - Fausto Ferreira	49
Museu da Ria de Aveiro - Daniel Tércio Guimarães	53
Cidades Irmãs e Amigas	57
Calendário de Feiras e Exposições - 1991	60
Notícias	61
Notícias Breves	85

bibRIA

Os textos assinados são da responsabilidade dos autores.

Os artigos publicados podem ser transcritos, total ou parcialmente, desde que se indique a origem.

Estas palavras, apesar de breves, servem de pórtico a mais um número do **Boletim Municipal de Aveiro**, que é duplo, por se referir a todo o ano de 1990.

O grande acontecimento que os Aveirenses celebraram em festa durante este ano, especialmente em Maio, foi o quinto centenário da morte de Santa Joana, Princesa de Portugal e Padroeira da Cidade e da Diocese, cujos restos mortais religiosamente se guardam entre nós, em precioso e artístico mausoléu. Houve diversos programas, uns da iniciativa da Câmara Municipal ou por ela apoiados, e outros promovidos tanto pela Diocese, como por diversas instituições académicas, culturais e desportivas. O **Boletim**, não podendo alhear-se, faz desenvolvida referência às comemorações e destina-lhes grande número de páginas.

Uma outra efeméride ocorreu em Fevereiro: o bicentenário do falecimento, em Inglaterra, do cientista João Jacinto de Magalhães. O nome e a actividade deste insigne aveirense foram proficientemente recordados em congresso internacional, realizado de 7 a 10 de Novembro, por iniciativa do Departamento de Física da Universidade de Coimbra, o qual decorreu nessa Universidade e na Universidade de Aveiro. Também o **Boletim** o lembra, embora lamente a modéstia da notícia alusiva; João Jacinto de Magalhães, cujo valor foi reconhecido por diversas Academias Científicas da Europa, de que fez parte, bem merece não ser esquecido pelos Aveirenses.

Outros autores nos deram a honra de escolher o nosso **Boletim** para publicarem os seus estudos, todos de interesse: Amadeu de Sousa, no cinquentenário da revista "Molho de Escabeche", traz-nos à memória a tricana Isabel de Almeida, que deu ocasião ao drama brilhante escrito pelo poeta Dr. Luís Regala e levado à cena, em 1940, pelo Grupo Cénico do Clube dos Galitos. Fausto Ferreira, com igual desejo de fazer renascer cinzas do passado, fala-nos das tentativas, em 1874, para a construção de um caminho de ferro pelo sistema americano, entre o cais da cidade e a estação da Linha do Norte. Daniel Tércio Ramos Guimarães trata, mais uma vez, da necessidade imperiosa da organização do Museu da Ria de Aveiro, segundo o projecto de um ecomuseu.

A última parte do **Boletim** é ocupada por notícias que julgamos de tal forma relevantes, que se justifica sejam conhecidas e fiquem arquivadas nestas páginas.

Finalmente, deixo uma palavra de gratidão a todos os que tornaram possível o presente número do **Boletim Municipal de Aveiro**.

Aveiro, Dezembro de 1990

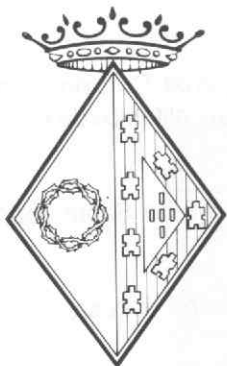
O Vereador do Pelouro da Cultura da C. M. A.,


Prof. Celso dos Santos

bibRIA

V CENTENÁRIO DA PRINCESA SANTA JOANA

1490 — 1990



Precisamente no dia 12 de Maio de 1990, ocorreu o quinto centenário da morte de Santa Joana, Princesa de Portugal e Padroeira de Aveiro. Como não podia deixar de ser, comemorou-se festivamente a efeméride, com diversificados actos e cerimónias, levadas a efeito pela Câmara Municipal, pela Diocese, pela Universidade, pelo Museu Nacional, pelo Seminário de Santa Joana e por associações cívicas, culturais e desportivas.

Já no ano de 1987, como preparação, a Diocese publicara, em fac-símile, a primeira edição da "Vida da Sereníssima Princesa Dona Joana, Filha d'El-Rei Dom Afonso o quinto de Portugal", escrita em 1585 por Frei Nicolau Dias. Também a Câmara Municipal, com data de Maio de 1988, fez sair do prelo a segunda edição, de 5.000 exemplares, da biografia "A Princesa Santa Joana e a sua Época", cujo autor é Monsenhor João Gonçalves Gaspar; a primeira edição, de 1981, que fora de 2.500 exemplares, esgotara-se há muito.

Outrossim não podemos esquecer que a mesma Diocese, em 15 de Maio de 1988, realizou em Aveiro uma grande concentração que, após um desfile festivo desde o Largo da Estação, reuniu em frente da Catedral e junto ao túmulo de Santa Joana, alguns milhares de pessoas, com bandas de música, colectividades e grupos folclóricos e etnográficos, representando todas as freguesias.

Por último, ainda com o mesmo intuito de sensibilização, a Irmandade de Santa Joana, com o apoio da Diocese e da Câmara Municipal de Aveiro, tomou a iniciativa de erguer uma estátua à Padroeira, que foi descerrada em 10 de Dezembro de 1989, na Praça do Milenário.

Todavia, o ano de 1990 — e nele especialmente o mês de Maio — era a data própria das solenes comemorações. Promoveu-se então, para essa altura, uma série de actividades, de que damos aqui um breve apontamento, transcrevendo os respectivos programas.

FESTAS DO MUNICÍPIO DE AVEIRO

V CENTENÁRIO DE SANTA JOANA

5 A 20 DE MAIO DE 1990

Dia 5 — Sábado

15H00

Rossio

Patinagem — Corridas de Patins

21H30

Igreja da Misericórdia

Música Coral, com a participação de: Coro do Carmo de Beja, Orfeão de Leiria e Coral Polifónico de Aveiro

Dia 6 — Domingo

09H00

Praça da República

II Rally Fotográfico Lions Clube de Santa Joana Princesa

10H00

Piscina

Natação — Torneio "Santa Joana Princesa"

Dia 12 — Sábado

Feriado Municipal

09H00

Eixo

Ciclismo — 3ª Etapa do "Grande Prémio Clássica das Beiras". Contra Relógio individual

10H00

Aveiro

Arruada — com a participação das Fanfarras de: São Jacinto, Costa do Valado, São Bernardo e Emak Hor — França

11H00

Sé

Missa Solene

14H00

Recinto de Feiras e Exp.

Gincana Automóvel "Dragões de Aveiro"

15H30

Costa Nova

Vela — I Regata "Santa Joana Princesa"

16H00

Aveiro

Procissão de Santa Joana — Percurso: R. Santa Joana, R. C. Grande Guerra, R. Coimbra, Ponte-Praça, Praça J. Melo Freitas, R. Domingos Carrancho, R. Manuel Firmino, R. C. Luís Magalhães, R. Agostinho Pinheiro, A. Dr. Lourenço Peixinho, R. Viana do Castelo, Ponte-Praça, R. Coimbra, R. C. Grande Guerra, R. Santa Joana, Sé.

16H30

Pav. Gimnodesportivo

Basquetebol — 1ª Jornada do XI Torneio "Santa Joana"

17H00

Pavilhão do Beira-Mar

Andebol — 1ª Jornada do Torneio "Santa Joana"

18H30

Av. Dr. Lour. Peixinho

Ciclismo — Chegada da última etapa do "Grande Prémio Clássica das Beiras"

21H30

Igreja da Misericórdia

Concerto de Música Medieval sobre trechos da Carmina Burana, pelo grupo Música Reservata

Dia 13 — Domingo

09H00

Praça da República

09H30

Pav. Gimnodesportivo

10H00

Canal Central

10H00

Av. Dr. Lour. Peixinho

Cicloturismo — Partida do I Convívio Cicloturista

Basquetebol — 2ª Jornada do XI Torneio "Santa Joana"

Vela — Provas de "Optimist"

VIII Corrida de Bandeja de Aveiro

biblioteca

Cartaz das festas comemorativas (Designer: Jeremias Bandarra).



10H00

Igreja da Misericórdia

11H00

Pavilhão do Beira-Mar

15H00

Sé

Visita guiada — Das Carmelitas à Misericórdia

Andebol — 2ª Jornada do Torneio "Santa Joana"

Música Coral com a participação de: Órfeão Universitário de Aveiro, Órfeão de Esgueira, Coral Poli-

fónico de Aveiro, Coral Vera-Cruz e Coro da Renascença.

16H00
Costa Nova

Vela — II Regata "Santa Joana Princesa"

17H30
Praça da República

Concerto pela Banda da Armada

Dia 15 — Terça-Feira

Dia de Oita — Cidade Irmã

Dia 16 — Quarta-Feira
17H30
Salão Cultural

Conferência "O Liberalismo" pelo Dr. Amadeu Carvalho Homem

Dia 17 — Quinta-Feira
18H00
Salão Cultural

Palestra da Academia da Marinha "As embarcações tradicionais, significado de um património cultural", pelo Prof. Arquitecto Lixa Filgueiras.

Dia 18 — Sexta-Feira
16H00
Salão Cultural

Palestra da Academia da Marinha "A Salão Cultural vida a bordo dos navios da carreira da Índia na segunda metade do Séc. XVI" pelo Dr. Inácio Guerreiro.
"A Ria de Aveiro, na Idade Média" pelo Professor Doutor Baquero Moreno

Dia 19 — Sábado
09H30
Salão Cultural

Colóquio — Debate sobre os Descobrimentos, uma iniciativa do Instituto D. João de Castro

15H00
Museu de Aveiro

Auto de Santa Joana, pelos alunos da Escola Prep. João Afonso de Aveiro

Dia 20 — Domingo
10H30
Capela N. Sr^a Alegria

Visita guiada de Sá às Barrocas

Dia 26 — Sábado
15H00
Jardim Museu de Aveiro

"Uma tarde de Jogos no século XV" pelos alunos da Escola Preparatória João Afonso de Aveiro

De 4 a 14
Galeria Municipal

Exposição da Direcção de Faróis

De 5 a 13

Concurso de Montras

De 9 a 13
Salão Cultural

Mostra Filatélica do Clube dos Galitos

CONCERTOS DE MÚSICA CORAL

5 de Maio — Igreja da Misericórdia (Aveiro)



CORAL POLIFÓNICO DE AVEIRO

Veni, veni, Emmanuel
Stabat Mater

Zoltan Kodaly
Zoltan Kodaly

Direcção de: MANUEL SARRICO

CORO DO CARMO DE BEJA

O Félix Anima
Ave Maria
O Magnum Misterium
Alma Redemptoris Mater
O Filii et Filiae

Signore Delle Cime
Do Lord
Lord I Want
Bendita e Louvada Seja

Ó Virgem Maria
Regina Coeli
Herr Deine Güte

Jacobus Carissimi
Arcadelt
D. Pedro de Cristo
Palestrina
Tema gregoriano
adap. J. Noyon
G. de Marzi
Espiritual Negro
Espiritual Negro
Canto rel./pop. Alentejano
adap. A. Cartageno
Idem
Gregor Aichinger
A. B. Grell

Direcção de: JOSÉ EUGÉNIO

ORFEÃO DE LEIRIA

Entrada em Jerusalém

Psaume 121
Locus Iste

Mochel Corboz
Anton Bruckner

(Coro Masculino)
(Coro Misto)

Ceia

O Sacrum Convivium
Ave Verum Corpus

C. Ballester
W. A. Mozart

(Coro Masculino)
(Coro Misto)

Agonia e Traição

In Monti Oliveti
Unus Ex Discipulis Meis

J. B. Martini
P. S. Borghest

(Coro Câmara I)
(Coro Câmara III)

Cristo Crucificado/Contemplação

Popule Meus
Stabat Mater
Tenebrae Factae Sunt

G. P. Palestrina
C. Ballester
Francisco Martins

(Coro Masculino)
(Coro Masculino)
(Coro Misto)

Ressurreição

Cantate Domino

L. Hasler

(Coro Masculino)

Alleluia
There Shall Be Peace

Manoel Mendes
Arr. M. Goldman

(Coro Misto)
(Coro Misto, Piano,
Percussão)

Piano
Percussão
Assist. Direcção

Luis Pinto
José Manuel Maria
Vitor Gaspar

Direcção Artística: RUI DE MATOS

CANTO EM COMUM: Canticorum Jubilo

12 de Maio — Igreja da Misericórdia (Aveiro)

GRUPO MÚSICA RESERVATA

Fas et nefas
Nomen a sollemnibus
Katerina collaudamus
Procurans odium
Licet eger cum egrotis

Dulci solum natalis patrie
Vite perdit me legi
Axe Phoebus aureo
Exiit diluculo rustica puella
Dic Christi veritas - Bula fulminante

bibRIA

13 de Maio — Catedral de Aveiro

ORFEÃO UNIVERSITÁRIO

Rio Riu Chiu
Alta Trinitá Beata
Ay Mi Dios - D. Pedro Cristo
Gaudeamos

ORFEÃO DE ESGUEIRA

Canticorum lubilo
Ó Santissima
Go Down Moses
Alleluya

Autor: Georg Friedrich Händel
Harmonização de M. Sampaio Ribeiro
Espiritual Negro
W. Boyce

CORAL POLIFÓNICO DE AVEIRO

En Belen Tocan a Fuego
Popule Meus
Velum Templi
S'Nami Bog (Lit. Ortodoxa Russa)

E. Cervera (Séc. XVI)
T. L. Vittoria (Séc. XVI)
Frei Manuel Cardoso (Séc. XVI)
Anónimo (Séc. XIX)

CORO DA RENASCENÇA

I. Três motetes:

- Cantate Domino
- Exultate Deo
- Exultate Iusti

Hans Leo Hassler
Alessandro Scarlatti
Viadana

II. Três cânticos a Nossa Senhora:

- Regina Coeli
- Ave Maria
- Senhora nós Vos Louvamos

J. Cererols
J. Arcadelt
Manuel Faria

III. Três "clássicos":

- Jesus Bleibet
- Psallite Deo
- Worthy is the Lamb

- Da Cantata 147 - J. S. Bach
- Do Magnificat - J. S. Bach
- Do Messias - J. F. Haendel

CORAL VERA-CRUZ

Lode
Adoramus Te
Panis Angelicus
Le Jesus Est Né

F. Silcher
Palestrina
C. Franck
Negro Spiritual

hibRiA

A Câmara Municipal de Aveiro, além de apoiar todas as iniciativas que pretenderam celebrar o acontecimento, também mandou executar e cunhar uma medalha em bronze, alusiva ao V Centenário de Santa Joana, cujo desenho foi do artista aveirense Jeremias Bandarra.



DIOCESE DE AVEIRO — IRMANDADE DE SANTA JOANA

PROGRAMA CULTURAL

CICLO DE CONFERÊNCIAS:

1 de Maio, às 21.30 horas, no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro:

• **A Ordem Dominicana no Século XV**, por Frei Rui Carlos Antunes e Almeida Lopes, O.P.

2 de Maio, às 21.30 horas, no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro:

• **Aveiro Medieval**, pela Dr^a D. Maria João Violante Branco Marques da Silva, Bolseira do Instituto Nacional de Investigação Científica.

3 de Maio, 21.30 horas, no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro:

• **A decisão da Princesa**, por Monsenhor João Gonçalves Gaspar.

• **O humanista Cataldo Sículo e a Infanta D. Joana**, pelo Professor Doutor Américo da Costa Ramalho, Catedrático da Universidade de Coimbra.

PROGRAMA RELIGIOSO

TRÍDUO PREPARATÓRIO:

9 e 10 de Maio, às 21.30 horas, na Igreja de Jesus.

11 de Maio, às 21.30 horas, na Catedral de Aveiro.

— Sob a presidência do Bispo de Aveiro.

12 DE MAIO — FERIADO MUNICIPAL

DIA COMEMORATIVO DA MORTE DE SANTA JOANA:

11.00 horas, na Catedral:

— Eucaristia, presidida pelo Bispo de Aveiro, D. António Baltasar Marcelino, e concelebrada por outros Bispos e Sacerdotes.

— No final, junto do túmulo, oração e evocação de Santa Joana.

14.30 horas, no Bairro de Santiago (Aveiro):

— Bênção e lançamento da 1^a pedra para o novo edifício do Lar Universitário de Santa Joana, das Irmãs Dominicanas.

16.00 horas, saindo da Catedral e da Igreja de Jesus:

— Procissão, presidida pelo Bispo de Aveiro, com a participação de Sacerdotes e de Diáconos, da Ordem Terceira de S. Francisco, das Irmandades do Santíssimo Sacramento da Glória e da Vera-Cruz, da Irmandade da Misericórdia, da Irmandade de Santa Joana, de Delegações das Paróquias da Diocese, da Região de Aveiro do Corpo Nacional de Escutas, das Irmãs Dominicanas, dos Bombeiros Voluntários de

Aveiro, das Colectividades locais, das Autoridades Cívicas, Judiciais, Académicas e Militares e de Bandas de Música.

Ao fim da tarde, nas Paróquias:

— Celebração da Padroeira da Diocese, nas liturgias dominicais.

20 DE MAIO — PEREGRINAÇÃO DAS FRATERNIDADES LEIGAS DOMINICANAS AO TÚMULO DA PRINCESA SANTA JOANA

— 12.00 horas, na Catedral, Eucaristia.

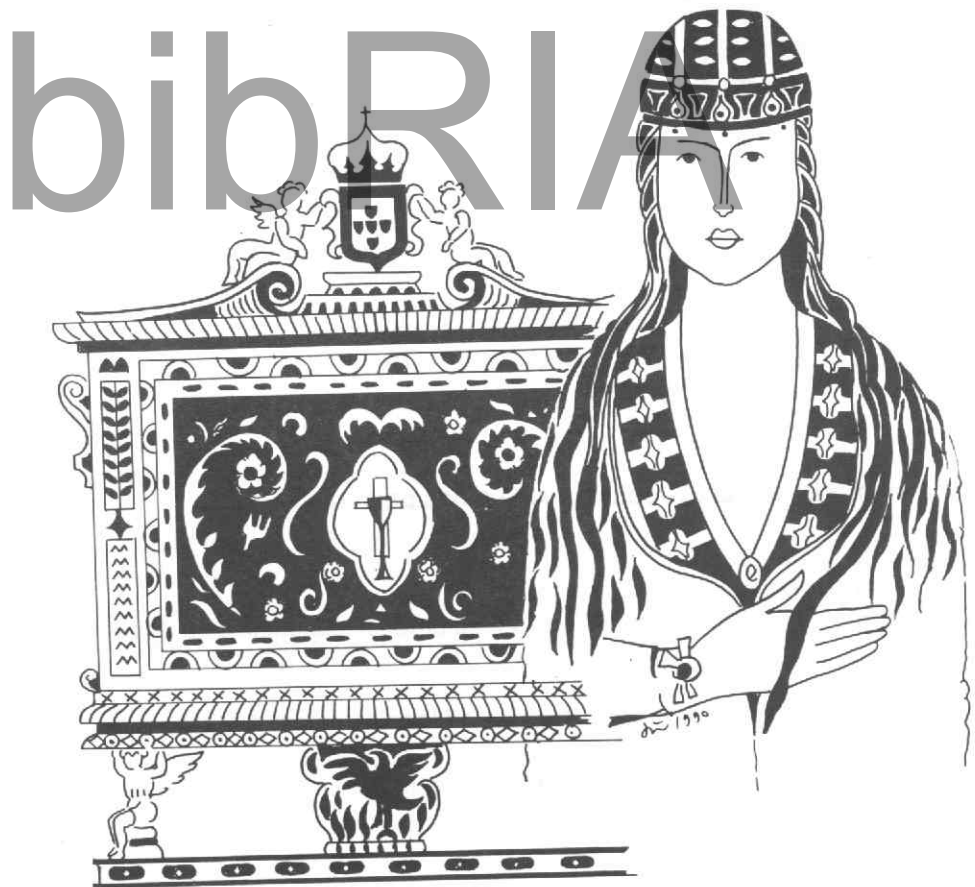
— 14.00 horas, junto ao túmulo, evocação e oração.

Outras iniciativas da Diocese:

— Execução de uma estatueta de Santa Joana, tanto em cor bronzeada, como nas cores dominicanas (branco e negro);

— Edição, em fac-símile, da estampa policromada de 1889 (IV Centenário da morte de Santa Joana);

— Edição de um desdobrável com uma tiragem de 50.000 exemplares, cuja distribuição foi feita entre os jovens, sobretudo nas catequese e nas escolas (texto-resenha biográfica da Princesa, da autoria de Cláudia Pinho e Melo).



Desenho que ilustrou o programa da Diocese de Aveiro (Designer: Jeremias Bandarra).

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Comemorações dos 500 anos da morte da Excelentíssima Senhora Infanta e Princesa Dona Joana (Lisboa, 6-2-1452 — Aveiro, 12-5-1490).

PROGRAMA

Dia 10-5-90

14.30

Sessão inaugural: As figuras, o tempo e a história da Princesa Joana

— Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho:
"Cataldo, D. Jorge e a Infanta D. Joana"

— Prof. Doutor Anthony D. Barker:
"A Infanta Santa Joana e o **Pecador** de W. Shakespeare"

— Prof. Doutora Evelina Verdelho:
"A mulher na historiografia do reinado de D. João II".

— Dr^a Ana Maria Machado:
"**O Memorial da Infanta Santa Joana**. Entre a crónica e a hagiografia".

17.00

Abertura da exposição bibliográfica e monográfica.

Dia 11-5-90

14.30

Sobre a memória de Santa Joana na Arte e nas palavras

— Dr. António Filipe Pimentel:
"Vivência da morte no tempo do Barroco:
tumulária portuguesa dos séculos XVII e XVIII (a propósito do mausoléu da Princesa Santa Joana)"

— Dr. Vitor Serrão: "O pintor António André e o Maneirismo em Aveiro".

— Prof. Doutor Telmo Verdelho: "A memória das palavras no Memorial de Santa Joana".

16.30

Visita guiada ao Museu de Aveiro e Convento de Jesus.
Breve momento de música antiga no claustro conventual:
— Prof. Adelino Martins e Prof. António Andrade.

MUSEU DE AVEIRO

6 de Fevereiro — Igreja de Jesus

Concerto integrado nas comemorações centenárias, pelo "Symphonïæ Portugalensis Musici".

J. Krebs
1713-1780

Triosonata si m
Andante, Allegretto
Un poco Allegro, Vivace

J. S. Bach
1685-1750

Tocata B W V 914
Cravo Solo

J. Quantz
1697-1773

Trio sonato dó m
Andante moderato
Allegro, Larghetto
Vivace

Carlos Seixas
1704-1742

Sonata Lá M
Allegro, Minueto
Sonata Lá M
Allegretto, Adágio, Allegro

B. Galuppi
1706-1785

Triosonata Sol M
Allegro moderato
Andante, Allegro

J. S. Bach
1685-1750

Triosonata ré m
Adágio, Allegro
Largo, Vivace

Symphonïæ Portugalensis Musici
Américo Costa — Flauta
Eduardo Lucena — Flauta
M^a de Lurdes Alves — Cravo

23 de Abril — Oferta de Imagem

Neste dia, o Lions Clube de Santa Joana Princesa entregou ao Museu uma imagem da Padroeira de Aveiro, esculpida em madeira talvez nos princípios do século XVIII. O acto realizou-se durante uma sessão solene, no salão nobre do referido Museu; a Dr^a D. Albertina Valentim Oliveiros, que se encarregara de evocar Santa Joana, sujeitou as suas palavras ao tema "Uma Princesa a quem o povo chamou Santa".

A Directora do Museu, Dr^a D. Clementina Quaresma, a terminar, agradeceu ao Lions Clube de Santa Joana pelo interesse e empenhamento no processo de aquisição da imagem, só possível pela campanha de angariação de fundos.

19 de Maio — Auto de Santa Joana

A Escola Preparatória de João Afonso de Aveiro apresentou no claustro do Museu, naquela data, o "Auto de Santa Joana". Foi uma evocação realizada por

alunos e alunas do 6º ano, orientados pelo Prof. Sarrico e Profª Fátima Ribeiro, da qual damos um resumo:

1º - Leitura de alguns factos marcantes da vida da Princesa, antes da entrada neste Convento, a 4 de Agosto de 1472.

2º - **Margarida Pinheiro**, a cronista da Infanta e deste Convento de Jesus, faz uma espécie de prólogo.

3º - **AUTO PROPRIAMENTE DITO.**

Quadro I - Recepção da comitiva real.

D. Brites Leitoa, a Madre abadessa deste Mosteiro e as suas freiras dão os últimos retoques nos preparativos.

Estão para chegar D. Afonso V, o Príncipe D. João, a Infanta, sua tia D. Filipa, a monja amiga do Mosteiro de Odivelas, D. Mécia de Alvarenga, donzelas, pajens e demais acompanhantes.

Quadro II - Chegada do cortejo real.

A Infanta fica no Convento.

O rei parte amargurado.

(INTERVALO)

Quadro III - Cerimónia da tomada de hábito.

(Perante a comunidade conventual)

Quadro IV - Algumas considerações.

(Breve alusão aos últimos acontecimentos)



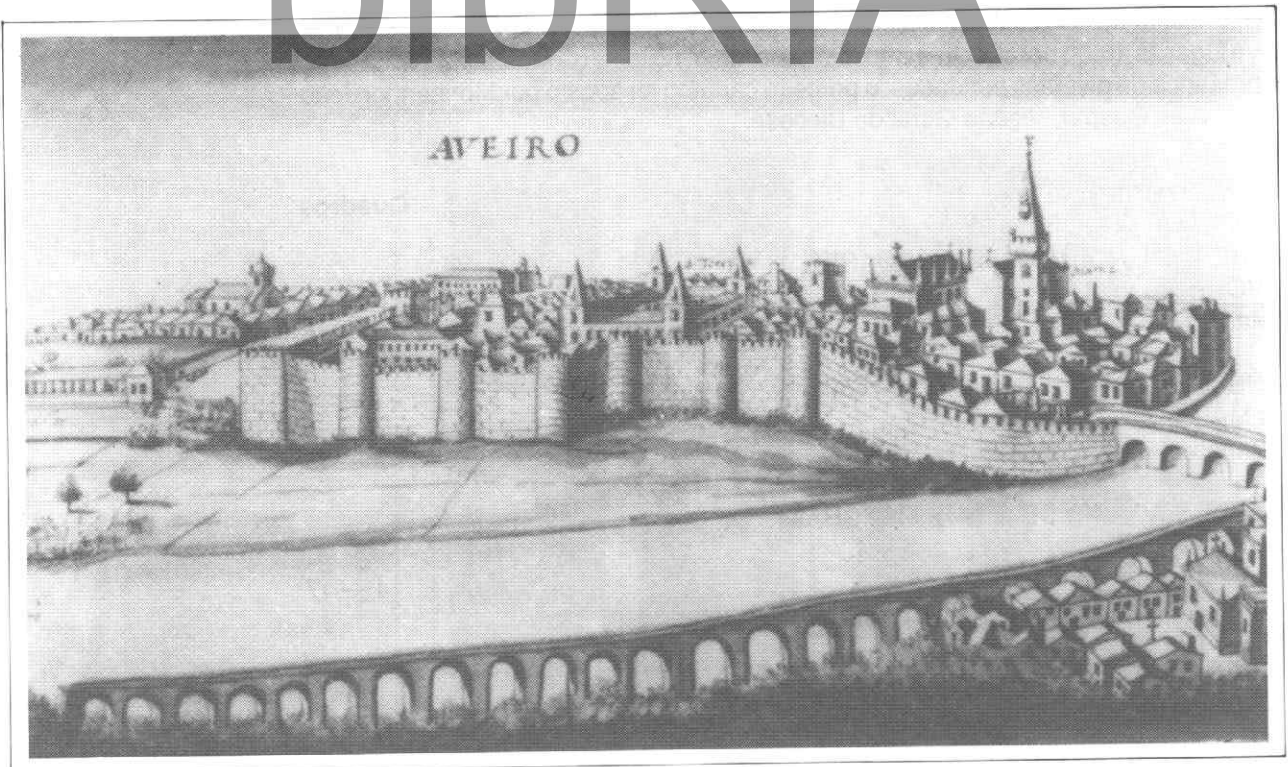
Desenho que ilustrou o programa do Auto de Santa Joana,
da Escola Preparatória de João Afonso de Aveiro.

ACADEMIA DA MARINHA CAPITANIA DO PORTO DE AVEIRO

Integradas nas Festas do Município, a Academia da Marinha e a Capitania do Porto de Aveiro, com o apoio da Câmara Municipal, levaram a efeito um ciclo de palestras que tiveram lugar no salão cultural do Município, nos dias 17 e 18 de Maio.

- Prof. Arquitecto OCTÁVIO LIXA FILGUEIRAS
(Professor Catedrático de Arquitectura da Universidade do Porto e do Centro de História da Faculdade de Letras do Porto).
"Embarcações tradicionais, significado de um património cultural".
- Dr. INÁCIO GUERREIRO
(Sub-Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo).
"A vida a bordo dos navios da carreira da Índia, na segunda metade do séc. XVI".
- Prof. HUMBERTO BAQUERO MORENO
(Professor Catedrático da Faculdade de Letras do Porto, ex-Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo).
"A Ria de Aveiro na Idade Média".

bibRIA



Aveiro — Desenho do século XVIII

CLUBE DOS GALITOS

Secção Filatélica e Numismática

MOSTRA FILATÉLICA COMEMORATIVA



Assinalando a passagem do 5º Centenário da Morte de Santa Joana, Princesa de Portugal e Padroeira de Aveiro, a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos levou a efeito, de 9 a 13 de Maio, no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro, uma Mostra Filatélica dedicada ao tema Religião, na qual estiveram presentes nove colecções do referido tema, enviadas por filatelistas convidados e residentes nos mais diversos pontos do País.

Esta Mostra Filatélica foi integrada no programa das Festas do Município e das Comemorações dos 500 Anos da Morte de Santa Joana, tendo a alto patrocínio da Câmara Municipal de Aveiro, dos Correios e Telecomunicações de Portugal, da Federação Portuguesa de Filatelia e da Irmandade de Santa Joana.

Associando-se a estas comemorações, os Correios e Telecomunicações de Portugal (CTT), por solicitação da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos, concederam a sua valiosa colaboração à referida Mostra Filatélica através de diversos tipos de apoio, de entre os quais é oportuno salientar a concessão de um **carimbo comemorativo**, que abaixo se reproduz, o qual foi utilizado, no dia 12 de Maio, no Posto de Correio que funcionou no local da Mostra Filatélica e foi aplicado em todas as correspondências ali apresentadas, das 16.00 às 20.00 horas daquele dia.

Refira-se que a cerimónia do lançamento oficial deste carimbo comemorativo teve lugar às 10.00 horas do mesmo dia 12 de Maio, no local da Mostra Filatélica, com a presença de diversas entidades; o primeiro carimbo foi apostado por Monsenhor João Gonçalves Gaspar, Vigário Geral da Diocese.

EXPOSITORES

Quadros

ALBERTO LINO DA CÂMARA SOARES
ÉVORA

"Maria, Mãe de Jesus"

1 — 6

ANSELMO GOMES DA CONCEIÇÃO
ALMADA

"Temática Religiosa"

7 — 13

CARLOS ACÁCIO DE JESUS MARCHÃO
ABRANTES

"A Virgem e o Menino"

14 — 17

JOÃO SANTOS DUARTE
SEIA

"Ecce Homo"

18 — 21

JOSÉ ANTÓNIO MARQUES
BRAGA

"A História da Salvação do Homem por Cristo"

22 — 23

JOSÉ MANUEL RIBEIRO MARQUES
PÓVOA DE VARZIM
"A Religião"

26 — 29

LUÍS MANUEL DE SOUSA FERNANDES
CALDAS DA RAINHA
"No Princípio era o Verbo"

30 — 34

MANUEL ANTÓNIO TERROSO
PÓVOA DE VARZIM
"Religião Cristã — Fé e Vida"

35 — 38

MARIA ELISA G. S. BASTO MACHADO
FUNCHAL
"A Vida de Cristo"

39 — 43



Carimbo comemorativo: 12 de Maio de 1990

bibRIA

Em 1952, os CTT editaram um selo alusivo à comemoração do quinto centenário do nascimento da Princesa Santa Joana (valores: 1\$00 e 3\$50). Aqui o reproduzimos.



SEMINÁRIO DE SANTA JOANA

Exposição Evocativa

O Seminário Diocesano de Aveiro, que tem como titular a Princesa Santa Joana, não ficando alheio à efeméride, organizou uma exposição evocativa, que esteve patente ao público de 2 a 10 de Junho.

Pela transcrição do catálogo resumido, pode concluir-se do valor do acervo ordenadamente exposto: livros, imagens, painéis, medalhas, selos, desenhos de crianças, etc..

1. BIOGRAFIA:

- *História de los dos Religiosos Infantes de Portugal, 1595.*
- *Flos Sanctorum, séc. XVIII* (2 exemplares diferentes)
- *O Memorial*
- *Virtuosa Vida e Santa Morte da princesa D. Joana, séc. XVII*

2. MONOGRAFIA:

- *Vida da Sereníssima Princesa...* - Pe. Nicolau Dias - séc. XVI
- *Epítome da vida de Santa Joana* - séc. XVIII
- *D. Joana de Portugal - a Princeza Santa* - Marques Gomes, séc. XX
- *Vida de Doña Juana* - séc. XX
- *A Princesa Santa Joana e a sua Época - 1452-1490* - Pe. João Gaspar - séc. XX

3. BIBLIOGRAFIA:

- *Elogios dos Reis de Portugal* - António de Figueiredo - séc. XVIII
- *Portugal Glorioso* - Joseph Pereyra Bayam - séc. XVIII
- *Retratos e elogios de Barões e Donas* - Pedro José Figueiredo - séc. XIX
- *Lendas da Nossa Terra* - Gentil Marques
- *Lendas Portuguesas* - Fernanda Frazão

4. ICONOGRAFIA:

- Painéis de azulejo
- Esculturas várias (biscuit, marfinite, madeira, barro vermelho, etc.)
- Várias representações icónicas

5. LITURGIA:

- *Missal Romano* - séc. XVIII — Beata Joana
- *Missal Romano* - séc. XVIII — Santa Joana
- *Missal Romano* - séc. XX — Beata Joana
- *Breviário* - séc. XVII — Beata Joana
- *Breviário* - séc. XVIII — Santa Joana
- *Breviário* - séc. XX — Beata Joana

6. DEVOCIONÁRIO:

- *Novena* - séc. XVIII
- *Sermão na solenidade da trasladação do corpo da Princesa S. Joana pregado no Mosteiro de Jesus de Aveiro...* - séc. XVIII
- Expressões de devoção popular: pagelas

7. TOPONÍMIA:

- Paróquia de Santa Joana - Aveiro
- Paróquia de Santa Joana - Lisboa

8. SANTA JOANA VISTA PELAS CRIANÇAS:

- Participação da Cooperativa de Ensino de Santa Joana

9. MEDALHÍSTICA:

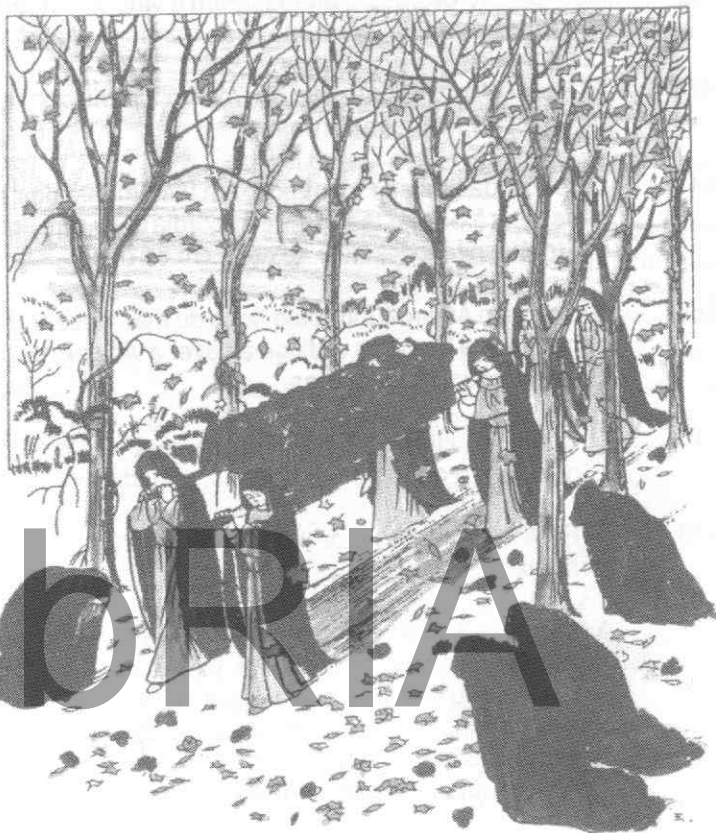
- Vários exemplares

10. NUMISMÁTICA:

- Algumas moedas evocativas de homens e factos da época
- Dois exemplares de **ceitil** da época

11. FILATELIA:

- Belo exemplar da filatelia portuguesa - peça rara
 - Pequena mostra de selos evocativos de factos, homens e barcos da época
- (Com a colaboração do **Clube dos Galitos**)



Desenho evocativo do funeral da Princesa Santa Joana.

FREGUESIA DE SANTA JOANA

A Junta de Freguesia e a Paróquia de Santa Joana, no concelho de Aveiro, se anualmente recordam a sua Padroeira, este ano fizeram-no com mais solenidade e participação de pessoas. O programa, que se desejou fosse também integrado nas comemorações do V Centenário de Santa Joana, constou das seguintes alíneas:

12 de Maio — Monumental Serenata Coimbrã.

13 de Maio — Arruada pela Fanfarra da Costa do Valado;

— Missa Solene, com a participação da Irmandade de Santa Joana (Irmãos, Cavaleiros, Pajens e Infantes);

— Actuação da Tuna Musical de Santa Joana e do Rancho Folclórico das Alagoas.

EFEMÉRIDES — 1991

1 - I - 1216	D. Urraca Afonso, meia-irmã de El-Rei D. Sancho I, e seu marido doaram ao Mosteiro de Tarouca mil moios anuais de sal que tinham em Aveiro.	775 anos
1 - I - 1466	No Mosteiro de Jesus, professaram a virtuosa Madre D. Brites Leitão, uma das fundadoras do Convento, e as freiras D. Inês Álvares e D. Isabel Pires.	725 anos
12 - I - 1466	El-Rei D. Afonso V assistiu em Aveiro à profissão religiosa de várias dominicanas, no Mosteiro de Jesus.	725 anos
14 - I - 1641	D. Isabel da Luz de Figueiredo, em testamento desta data, deixou todos os seus bens à Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, impondo-lhe a instituição de um hospital para nele se curarem os doentes pobres.	350 anos
24 - II - 1866	Nasceu em Aveiro o intrépido "lobo do mar" José Rabumba, a cujas proezas abnegadas e heróicas se ficou a dever a vida de muitas pessoas, salvas por ele em tragédias marítimas.	125 anos
19 - III - 1116	O Conde D. Henrique e D. Teresa, sua mulher, doaram ao Mosteiro de Lorvão, entre outras propriedades, metade de Cacia e parte de Esgueira.	875 anos
2 - VI - 1516	El-Rei D. Manuel I outorgou foral novo "aos concelhos e terra de Eixo e Requeixo".	475 anos
6 - VII - 1791	A Rainha D. Maria I determinou ao provedor da Comarca de Aveiro, encarregado da Superintendência das Obras da Barra, que mandasse abrir um regueirão que cortasse o areal que separava o oceano da ria; delineado o plano, prontamente se executou o trabalho junto da capela de Nossa Senhora das Areias, em São Jacinto - o que logo o mar obstruiu, de tal forma que, em 1802, nem sequer restavam vestígios.	200 anos
10 - VII - 1966	Foi benzida e inaugurada a nova igreja matriz de São Bernardo, da cidade de Aveiro.	25 anos
13 - VIII - 1841	Foi demolido o magnífico cruzeiro da igreja do Espírito Santo, "muito notável pelos arrendados da cruz, cujos braços e parte superior terminavam em flor de lis", e "muito semelhante ao que ainda hoje se vê no adro de S. Domingos" (Rangel de Quadros).	150 anos
17 - X - 1866	Deu-se por terminada a estrada de Eixo à ponte da Rata, em Eirol, cujos trabalhos haviam começado em 8 de Agosto de 1864.	125 anos
18 - X - 1866	Deu-se por concluída a obra da nova ponte da Rata, entre Eirol e Almeir, sobre o rio Águeda, iniciada em 19 de Maio de 1865.	125 anos
12 - XI - 1641	Por morte de D. Sancho de Noronha, que faleceu sem descendentes, os bens da Casa de Odemira - entre eles os de Eixo - passaram para a Coroa.	350 anos
23 - XII - 1966	O ministro das Obras Públicas recebeu, no seu gabinete, uma representação de aveirenses que foram pedir ao Governo a construção de uma ponte entre as duas margens da ria, sobre o canal de São Jacinto; o pedido não teve seguimento.	25 anos

SANTA JOANA, O MAIS PRECIOSO TESOURO DA CIDADE

D. António Baltasar Marcelino

Dado o relevante conteúdo da homilia proferida pelo Bispo de Aveiro, D. António Baltasar Marcelino, na Eucaristia solene, celebrada na Sé, no dia 12 de Maio, o "Boletim Municipal" entende prestar um serviço prestimoso a toda a Comunidade ao publicar na íntegra o texto dessa mensagem.

As Comemorações do 5º Centenário da morte de Santa Joana Princesa, que o Papa Paulo VI, em 1965, constituiu e declarou padroeira principal da Cidade e da Diocese de Aveiro, sugerem-me, por se tratar de uma religiosa, uma reflexão mais cuidada sobre o sentido da vida consagrada, como dom e como apelo, para a nossa Igreja Diocesana.

Nesta celebração eucarística, ponto central e mais alto das Comemorações, louvando Deus, Pai e

se digne continuar a chamar entre nós, jovens e menos jovens, que O queiram seguir sem condições e façam da sua vida, pela acção atenta do Espírito Santo, um permanente louvor de Deus, no serviço generoso e dedicado aos irmãos.

AVEIRO CRESCE GRAÇAS A DOIS CONVENTOS

A pequena vila de Aveiro, a partir do séc. XV, cresce e afirma-se progressivamente, não apenas pelas suas capacidades naturais e humanas, mas também por albergar, dentro das suas reduzidas muralhas, duas dinâmicas forças espirituais e morais: o Convento Dominicano de Nossa Senhora da Misericórdia, de que resta apenas a sua igreja, hoje esta Sé Catedral, e o Mosteiro de Jesus, das religio-



*Catedral de Aveiro -
12 de Maio de 1990:
Eucaristia comemorativa do quinto centenário da morte da Princesa Santa Joana.*

Senhor de todos os dons, pelo chamamento que se dignou fazer à Santa Princesa e pela resposta, pronta, generosa e fiel que a mesma soube dar, convido-vos a pedir comigo a Deus que o povo cristão tenha, em relação à vida consagrada, uma correcta e crescente compreensão e uma estima concreta e autêntica. Peçamos também ao Senhor

das dominicanas, hoje Museu de Aveiro, detentor do mais precioso tesouro desta cidade, a Santa Princesa Joana, filha de El-rei D. Afonso V. Neste Mosteiro morreu e está sepultada, após 18 anos da vida comunitária e da observância religiosa que lhes foram permitidas pela sua condição e pelos chamados "interesses do reino".

Não constam, de então, outros mosteiros ou conventos, no espaço geográfico da que é hoje a Diocese de Aveiro, que o foi antes na sua primeira fase e com limites diferentes de 1774 a 1882, e de novo restaurada em 1938, por querer de Deus, por bula do Papa Pio XI e por denodado esforço apostólico de um grande aveirense e seu primeiro bispo, D. João Evangelista de Lima Vidal, acompanhado então por um grupo de gente, rica de fé e de grande amor à sua terra.

EMBRIÃO QUE FLORESCE NAS COMUNIDADES RELIGIOSAS ACTUAIS

A partir deste embrião que foram as duas primeiras comunidades religiosas, vemos hoje uma árvore, proporcionada à vitalidade de uma Cidade e de uma Diocese, que cresceu em gente, em realizações, em capacidades e em problemas e desafios.

A Igreja Diocesana tem actualmente, no seu seio 25 institutos de vida consagrada (religiosos e seculares) num total de 34 comunidades e de algumas dezenas de leigos que vivem a sua consagração na vida familiar e profissional, de harmonia com o seu estatuto de secularidade.

E que fazem, entre nós, estes nossos irmãos e irmãs, como membros do Povo de Deus que são e que todos somos como eles? O que fazem está à vista, e será, para todos, a porta de acesso à possível compreensão, na fé, daquilo que são na Igreja e do que constitui a sua verdadeira identidade e a sua dimensão cristã e eclesial.

Formam e educam crianças e jovens; cuidam diariamente de idosos e de doentes; são procuradores gratuitos e permanentes dos mais pobres e carenciados; misturam-se com a população e vivem de porta aberta para quem os procura e deles precisa; praticam o acolhimento das maneiras mais diversas e para as mais diversas pessoas, em instituições e serviços da Diocese; são, em muitos casos, profissionais de educação, de saúde e ainda há quem faça trabalho de fábrica e de secretaria. Aos institutos masculinos estão confiadas quatro paróquias, para além do serviço das suas instituições; e há comunidades femininas que têm alguns dos seus membros no trabalho exclusivo de comunidades paroquiais.

OS CONSAGRADOS VALEM PELO QUE SÃO

Porém, esta generosidade e dedicação que, em muitos casos, se pode ver na sua missão de serviço evangelizador, não é senão, como dizia, a porta de acesso à compreensão do mais importante. Como frisou Paulo VI, os consagrados tornam-se sobretudo úteis à Igreja e à sociedade, não tanto pelo que fazem, mas sobretudo pelo seu "ser", pelo que são, por virtude da sua vocação e consagração. Na compreensão progressiva do significado e do valor do seu "ser", se encontra a chave de leitura da sua

identidade, do sentido da sua presença e da sua acção.

LIBERTAR AS MENTES DA SUPER E DA SUB VALORIZAÇÃO DA VIDA CONSAGRADA

Historicamente, todos o sabemos, tanto se supervalorizou a vida consagrada em detrimento de outras vocações na Igreja, como se desvalorizou, se lhe decretou a morte e se tentou explicar a sua persistência à base de argumentos ausentes de critérios evangélicos e distorcidos por infundados critérios humanos.

Deixando de lado a carga negativa dos preconceitos históricos de que também foi vítima a Princesa Joana na sua opção vocacional, preconceitos que ainda constituem poalha em muita gente que parou no tempo mas nem por isso consegue fazer parar o tempo, acautelemo-nos, seguindo a doutrina do Vaticano II, tanto dos exageros que em tempos conferiam aos consagrados o estatuto de estado mais perfeito no seio da Igreja, como do detrimento da mesma vocação de consagração específica, depois que se descobriu e aprofundou a vocação laical, se recuperou a teologia matrimonial e familiar e, pela reflexão teológica e pelas orientações pastorais e canónicas, se deu uma mais alargada compreensão e implementação dos diversos ministérios eclesiais.

Hoje tornou-se claro na Igreja que a vida consagrada não se identifica com a universalidade da perfeição evangélica e que esta perfeição tem, antes, as suas raízes e as suas exigências na consagração baptismal, constituindo, por isso mesmo, um apelo permanente para todos os cristãos, sem excepção, qualquer que seja o seu estado de vida e a sua vocação específica na Igreja. Deste modo a vida consagrada, não sendo uma grandeza isolada no seio do Povo de Deus, também não é uma expressão competitiva, frente a outras formas de existência cristã.

Compreendendo cada vez melhor a Igreja, tornada visível e concreta na Igreja Particular ou Diocesana, e, sentindo como exigência da sua verdade ser uma comunidade de convocados para viver e testemunhar o Mistério de Cristo, a vocação específica à vida consagrada adquire nesta Igreja todo o seu sentido harmónico e original.

O AUXÍLIO PRESTIMOSO DE PAULO VI

Foi Paulo VI que, de maneira modelar, na Exortação Apostólica "A evangelização no mundo contemporâneo" (E.N. 69), nos iluminou o caminho para a verdadeira compreensão da vida consagrada.

"Pelo mais profundo do seu ser, diz o Papa, os religiosos situam-se, de facto, no dinamismo da Igreja, sequiosa do absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças. Eles são, enfim,

pela sua mesma vida, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos. E, em tudo isto, têm os religiosos uma importância especial no quadro do testemunho primordial na evangelização. Este seu testemunho silencioso, de pobreza e de despojamento, de pureza e de transparência, de entrega para a obediência, pode tornar-se ao mesmo tempo uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja, uma pregação eloquente capaz de tocar o coração, mesmo dos não cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores".

neste espaço geográfico, cultural e humano que é Aveiro. Porém, nem o espaço, nem o tempo nos podem limitar como Igreja universal de Cristo que nós somos. Aqui se concentra todo o Mistério de Cristo ressuscitado que se deve tornar visível e transparente para o mundo, através da nossa comunidade eclesial.

Como Igreja universal aqui concentrada, temos de conservar e de promover, de todos os modos, a nossa abertura a todos - a todas as Igrejas particulares, a todos os dons e apelos que delas nos podem

A estátua de Santa Joana atapetada por milhares de cravos e outras flores (Maio de 1990).



É neste contexto de inserção eclesial que tem sentido de dom e de apelo, para a nossa Igreja Diocesana, o estilo de vida em comunidade dos consagrados; a força da sua espiritualidade e vida de oração; a sua capacidade humanizadora; o seu compromisso apostólico com todos e muito especialmente com os mais pobres, qualquer que seja a sua forma de pobreza; as suas obras e instituições ou aquelas nas quais trabalham com sentido evangelizador, que outro não pode ser o sentido da sua presença e da sua acção.

Tudo isto nos conduz a dois pontos que pretendo pôr em destaque neste Dia, como um serviço que devo à Igreja Diocesana, a fim de que ela cresça, harmoniosamente, como Igreja de Cristo. Assim os sintetizo:

- Que significado tem para a Diocese de Aveiro a presença no seu seio de comunidades e de pessoas consagradas?
- Qual o compromisso próprio das comunidades e dos consagrados na nossa Diocese?

A IGREJA OLHA A VIDA CONSAGRADA COMO DOM ACOLHIDO E AGREDECIDO

A nossa Diocese é, como qualquer outra, por vocação e por missão, Igreja universal, enraizada

vir, a todas as vocações que Deus quiser suscitar. Abrirmo-nos e aceitarmos eclesialmente tudo e todos como laços de comunhão.

O mistério de comunhão que existe na nossa Igreja diocesana, como em qualquer outra, é verdadeiramente grandioso. Por esta comunhão, o serviço apostólico está por inteiro, no bispo que preside à comunidade diocesana como seu primeiro servidor; a Igreja universal está toda, por inteiro, nesta nossa Igreja, quando, na sua vida e missão, está conscientemente aberta e acolhedora dos dons de Deus e dos Apelos dos homens.

Ora, a vida consagrada é um dom para a nossa Igreja e, a ela, temos todos de estar abertos.

O Espírito Santo foi enriquecendo a nossa história com a presença de comunidades e de pessoas consagradas (institutos religiosos e seculares). Não surgiram entre nós. Enraizados já antes noutras Igrejas e reconhecidos pela Igreja Universal, foram-nos enviados, vieram de longe e de perto, há muito ou há pouco tempo, para se inserirem na vida da nossa Igreja Diocesana. Vieram para potenciar a dimensão contemplativa desta Igreja, para potenciar a nossa missão evangelizadora, educadora, sócio-caritativa. Vieram e os acolhemos, como algo que passou a fazer parte de nós mesmos, como algo de entranhável da nossa vida eclesial.

Dom à Igreja Diocesana, porque, como afirma o Vaticano II (L.G. 43), "a profissão dos conselhos evangélicos é um dom divino que a Igreja recebeu de Deus e que conserva com a Sua graça". Dom, porque, em si mesmos, os institutos religiosos e seculares de vida consagrada estão marcados pela gratuidade de Deus. Estas comunidades e pessoas estão, pois, na nossa Diocese, não por méritos próprios ou por engenhos próprios ou de outrem, mas "por soberana gratuidade do Pai, por amor de Cristo-Esposo para com a Sua Igreja-Esposa".

A nossa atitude de acolhimento para com eles manifestará a nossa fé e o nosso agradecimento para com o Senhor. Inseridos e integrados na Igreja Diocesana, como dons vivos do Ressuscitado, o seu não-acolhimento, a sua recusa ou marginalização na vida e na acção pastoral, o não-reconhecimento da sua novidade carismática, seriam uma recusa ao Senhor e ao Seu Espírito.

Como dom acolhido e agradecido serão os consagrados, na Diocese e para a Diocese, um apelo e um estímulo para que ela viva o Evangelho no seu radicalismo. É a este radicalismo que é chamado cada cristão no seu seguimento de Jesus Cristo, único caminho e modelo de santidade e de perfeição.

Apelo e estímulo a sermos todos, segundo o estado próprio de cada um, comunidade fundada na fraternidade evangélica, segundo o modelo da Comunidade-fraternidade, que deve ser cada comunidade religiosa, pelo amor, pelo perdão, pelo diálogo, pela disponibilidade, pela abertura, pela partilha, pelo clima contagiante de serenidade, de oração, de paz.

Presença viva e expressiva de uma Igreja desejosa de se entregar em total disponibilidade a Deus, à Igreja, aos irmãos, numa atitude de peregrino, em busca da plenitude.

OS CONSAGRADOS MANIFESTAM A RIQUEZA DOS CARISMAS

Os consagrados mostram-nos, também, pela sua vida e pela sua acção, a riqueza dos carismas com os quais Deus enriquece a Sua Igreja, a família dos Seus filhos, testemunhando esta tão rica variedade os diversos aspectos do Mistério de Cristo. Carismas, que são gérmes que cada família religiosa deve viver, guardar, aprofundar e desenvolver, constantemente, na comunhão eclesial. Carismas que todos nós somos chamados a conhecer, defender e apoiar para que sejam integrados na comunhão diocesana com a sua riqueza diferenciada e não de uma maneira vaga, ambígua e sem os contornos próprios que lhes vêm de Deus e que a Igreja reconheceu como riqueza singular.

Neste reconhecimento e aceitação recebe a nossa Diocese a graça de que tantos jovens se possam sentir confrontados pelo insondável projecto de Deus em relação a cada um, e ao seu lugar como cristão na Igreja e no mundo.

A catequese sobre a vida consagrada, que vimos fazendo desde há anos sob diversos modos, em todas as paróquias da Diocese, para além de um dever nosso, de bispo, presbitério e consagrados, pretende ser também para o povo cristão o provocar do conhecimento e da gratidão e o despertar da sensibilidade para o chamamento e para a resposta generosa, em clima de fé, de serviço e de comunhão eclesial.

Desejo muito que saibamos, cada dia mais, intensificar e qualificar esta catequese, que o testemunho da vida e da acção de todos os consagrados tem por dever ilustrar.

CONSAGRADOS PARA A IGREJA UNIVERSAL NA IGREJA LOCAL

De tudo isto flui o compromisso das comunidades e das pessoas consagradas no seio da Igreja Diocesana.

Ninguém se pode considerar da Igreja Universal, se não se sentir ligado à vida e à missão de uma Igreja particular ou diocesana.

Em Novembro de 1978 disse João Paulo II aos Superiores Gerais, em Roma:

"Onde quer que vos encontreis no mundo, sois por essa vocação para a Igreja Universal, através da vossa missão numa determinada Igreja local. Portanto, a vossa vocação para a Igreja Universal realiza-se dentro das estruturas da Igreja local. É necessário fazer todo o possível para que a vida consagrada se desenvolva nas Igrejas locais, para que contribua para a sua edificação espiritual, para que constitua a sua força especial. A unidade com a Igreja universal, por meio da Igreja local: eis aqui o vosso caminho".

A vida consagrada, religiosa ou secular, não pode mais entender-se como uma consagração ou uma reserva especial para Deus. A consagração é sempre uma realidade relativa, pois que toda a consagração existe em ordem à missão. Assim, insistimos, sempre mais, sobre a missão própria de cada uma das formas da vida consagrada, começando pelas comunidades contemplativas.

É a missão que define o seu consagrado, porque este ser é dinâmico e missionário. A realidade do carisma fundacional lê-se em função da sua missão eclesial. A missão é essencial à vida consagrada. Consagrados por Deus e a Deus na Igreja, para quê, porquê? Para a realização do projecto salvador. Por isso mesmo, nunca se poderá considerar uma missão da Igreja, que não seja realizada no seio da mesma Igreja e em verdadeira comunhão.

É NA IGREJA DIOCESANA QUE OS CONSAGRADOS PARTICIPAM DA MISSÃO

A consagração nos diversos institutos de vida consagrada (religiosa ou secular), tem um carisma próprio, não, porém, uma missão própria, pois parti-

cipa sempre na missão única da Igreja. A missão da Igreja Diocesana e não outra, é a missão de todos os consagrados existentes na Diocese.

Responsabilidade recíproca e benefício mútuo, quer para a Diocese e, especificamente, comunidades ou pessoas. Todos nos sentimos, permanentemente, convidados a purificar os nossos critérios, passando do utilitário ao missionário, do particular ao eclesial, do individual ao comunitário, do desencarnado ao concreto.

A Igreja Diocesana, se tem consciência desta

inevitável tensão. E é também importante que o Povo de Deus e todos os jovens cristãos vejam este empenhamento do Bispo da Diocese em relação à salvaguarda da vida consagrada na sua genuidade, na sua fidelidade e na sua correcta integração na unidade da missão eclesial.

AS SEMENTES CRISTÃS VINDAS DO SÉCULO XV

Ponhamos, de novo, o nosso olhar nos primei-

Aspecto da procissão comemorativa - O andor com a imagem da Princesa Santa Joana.



realidade e desta responsabilidade, não dispensará nunca uma pastoral orgânica, na qual os consagrados têm o seu lugar próprio. A vida consagrada irá também aparecendo cada vez mais na sua dimensão ministerial e na sua participação específica, fazendo surgir, inevitavelmente, um estilo de vida mais evangélico, uma mentalidade e uma expressão de compromisso mais eclesiais no seio da Comunidade Diocesana.

Então, as comunidades de consagrados enriquecerão a Igreja diocesana com os seus carismas próprios integrados na missão comum, e as comunidades cristãs da Diocese enriquecerão os consagrados, permitindo-lhes uma inserção de dimensão mais eclesial, mais pluralista, mais concreta, mais missionária, mais fraterna.

A tensão, por vezes inevitável, entre o universal do carisma do instituto e a intensidade com que se é chamado a viver o compromisso missionário na Igreja Diocesana, não poderá nunca debilitar a comunhão com o instituto ou família religiosa, antes, a enriquecerá, se sempre se acentuar e valorizar o carisma fundacional próprio e a compreensão autêntica da particularidade da Igreja Diocesana, aberta à universalidade.

Tenho consciência de que é determinante o ministério episcopal para a solução positiva desta

ros consagrados que, envolvidos no hábito branco de S. Domingos, Deus enviou para terras de Aveiro, no já longínquo séc. XV. Trouxeram consigo, como semente da vida cristã, uma vida simples e modesta, o testemunho de pobreza e de austeridade, a expressão concreta do louvor de Deus e do serviço da comunidade humana. Pelo estudo e pela pregação, pela oração e pelo recolhimento, iluminaram, durante séculos, a nossa cidade com a luz da fé e a alegria do Evangelho. Testemunhando, deste modo, o absoluto de Deus, foram abrindo as portas do seu coração fraterno a quantos demandavam, diariamente, o Convento de Nossa Senhora da Misericórdia e o Mosteiro de Jesus, procurando a luz de Deus e se constituíram, desde então, a seu modo e na sua parte, cabouqueiros da cidade e da diocese futura, sempre aberta e acolhedora para todos quantos na Igreja sentem e sentirão a vida consagrada, como escolha pessoal de Deus, para bem dos homens.

SAUDAÇÕES E VOTOS FINAIS

Aos Padres Dominicanos e às Irmãs Dominicanas, hoje aqui presentes em tão grande número, saúdo com especial afecto e gratidão. E, em nome de toda a Diocese, quero aproveitar este momento e este dia, para manifestar o nosso reconhecimento à

Madre Geral e à Superiora Provincial das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena por terem querido dar à pastoral universitária, nesta cidade, o grande contributo que vai significar o Lar Universitário de Santa Joana Princesa, do qual lançaremos, hoje mesmo, a primeira pedra.

Saúdo, também, com amor fraterno, todos os consagrados de institutos religiosos e seculares que vivem connosco em comunhão e missão eclesial.

Peço a Deus para todos, por intercessão de Santa Joana Princesa, a graça de uma fidelidade generosa, traduzida diariamente em convincente testemunho de alegria, de paz e de disponibilidade pastoral.

Convido toda a Diocese e, de um modo particular, os membros do nosso Presbitério, o corpo diaconal, todas as famílias cristãs e comunidades paroquiais, a que acolham sempre os institutos de vida consagrada, como dom de Deus que são, para

a nossa Igreja Diocesana. Promovam na gente nova o espírito de oração e o compromisso apostólico, pois que estes propiciam o clima de abertura, para se poder perceber e acolher os sinais de Deus que orientam para a resposta acertada que cada cristão tem de dar para encontrar o seu lugar na Igreja; que, com a ajuda de todos nós, os nossos jovens tenham também o mesmo discernimento, decisão e generosidade daquela jovem de 20 anos que, sendo filha de Reis, soube guardar bem viva a consciência de que a sua vida pertencia, antes de mais e acima de tudo, a Deus, seu Senhor e Pai.

Por ela, hoje, aqui, nos congregamos.

Por ela, hoje, aqui, louvamos festivamente o nosso Deus.

António Baltasar Marcelino
Bispo de Aveiro



12 de Maio de 1990 — A procissão foi presidida pelo Bispo de Aveiro e nela participaram representações das paróquias da Diocese, comunidades religiosas, associações cívicas e autoridades distritais, judiciais, académicas, militares e municipais.

A DECISÃO DA PRINCESA

Mons. João Gonçalves Gaspar

15 de Agosto de 1471. El-Rei D. Afonso V e o Príncipe D. João, seu filho, com fidalgos, cavaleiros e cerca de 30 000 homens, saíram a barra do Tejo, rumando para Marrocos; aí, na segunda quinzena do mês, os portugueses conseguiram não apenas a tomada de Arzila e Tânger, mas também o resgate dos restos mortais do Infante D. Fernando, o mártir de Fez. Nos finais de Setembro seriam acolhidos em Lisboa, com grande regozijo.

A Princesa D. Joana preparara-se, sobretudo ela, para receber o pai e o irmão com dignidade e em festa. Acompanhada pela tia materna, a Infanta D. Filipa, e por toda a sua Casa de donzelas, damas e fidalgos, desceu até junto do Tejo, para a cerimónia da recepção. "Mui guarneçada e aposta" - como refere Margarida Pinheira - talvez ao lado do Arcebispo de Lisboa, D. Jorge da Costa, enquanto esperava o pai, testemunhava uma mocidade em flor e uma consciência empaz e tornava-se o alvo das atenções da nobreza e do povo. Levava, contudo, no seu íntimo a decisão de pedir autorização ao Rei para deixar a Corte e recolher-se em qualquer convento do País. A altura era ótima e o discurso estava preparado.

Trocados os cumprimentos, D. Joana fez menção de falar; naturalmente as suas palavras seriam calmas, viriam carregadas de interioridade e traduziriam um longo sonho de vários anos. E, "cheia de graça divina como de formosura corporal, abrindo a sua boca com eloquentes palavras e discretas" - como escreve a referida cronista sua contemporânea - falou nestes ou semelhantes termos:

- Esta hora que vivemos, meu pai e senhor, é de extraordinário júbilo para todos, pelo triunfo que Deus houve por bem conceder às vossas armas; mas também deve ser de profundo reconhecimento ao Todo-Poderoso. Em diversos livros de autores latinos aprendi ter sido costume - como Vossa Alteza muito bem sabe - que os antigos imperadores e reis gentios, ao regressarem a casa depois de alguma vitória em batalha infligida aos inimigos, ofereciam aos seus deuses e ídolos um grande dom e a melhor jóia que tinham ou podiam haver; essas jóias e dons, que doavam aos templos para o serviço dos deuses, eram as suas mui prezadas filhas. Vossa Alteza, que é rei cristão, não deve fazer menos do que eles em honra do verdadeiro e mui poderoso Senhor, o qual sempre vos concedeu - e nestes últimos dias muito mais - a graça de ser o mais vitorioso e louvado rei, como nunca acontecera com outro qualquer rei de Portugal, submetendo-vos os inimigos da fé e que-

brantando, diante de vós, as suas forças e o seu grande poder, apesar de serem numerosos; e esta tão assinalada mercê, mais do que os outros Imperadores e Reis, Vossa Alteza a recebeu agora em tão breve tempo e sem nenhum trabalho e perigo para a vossa real pessoa, a do vosso filho e a de toda a restante Cavalaria. Por isso, Vossa Alteza tem maior obrigação em ser generoso na gratidão e na oferta a Deus; e não terá outra coisa melhor e maior com que mais serviço faça a Deus por tão assinalada vitória do que, seguindo o louvado costume dos Reis antigos, ainda que estivessem longe do verdadeiro conhecimento de Deus, oferecer-lhe a vossa única filha. Por esta razão, suplico encarecida e ardentemente a Vossa Alteza que não pense mais, durante toda a vossa vida, em cuidar ou falar-me de qualquer casamento. E, em troca de tanta alegria com que o Senhor Deus ordenara que Vossa Alteza, o Príncipe e toda a sua gente voltassem ao Reino, rogo que queira e me dê lugar e licença, como coisa dada e oferecida já a Deus, para me recolher em algum dos mosteiros do vosso Reino, onde esteja mais à minha vontade e, com mais descanso do meu espírito, me dedique a servir Aquele que por nos salvar todo Se deu e ofereceu na cruz.

Encheram-me de lágrimas os olhos do Rei, do Príncipe e dos que estavam com eles e ouviram a Princesa, "em seu falamento e arenga cheia de graça divina". E, enquanto um rumor surdo de palavras, à mistura de troca de olhares, agitava D. João e a Corte, El-Rei D. Afonso V, não querendo contristar a filha, disse-lhe que "lhe prazia e outorgava o que tão sabedoramente soubera pedir; fosse em tudo o que Deus por seu serviço tivesse por bem ordenar, ao que ele não podia resistir e estorvar, nas suas mãos punha todos os seus feitos - e este sobre todos que a ele mais relevava".

O sonho encetara finalmente o caminho da concretização; depois de algumas dificuldades de percurso, numa noite de Dezembro de 1471, D. Joana, "acompanhada de poucas e assinadas pessoas, segundo pertencia a sua guarda e honestidade, sem outra gente de estado e pompa, saindo do seu paço, mui secretamente se foi ao Mosteiro de Odivelas, da Ordem de S. Bernardo" - conta Margarida Pinheira. A abadessa e as monjas de Cister receberam-na tão magnificamente como lhes foi possível, não deixando de se maravilhar pelo que significava "a vinda tão súbita e a desoras de uma tão grande Princesa".

A notícia da retirada de D. Joana, transpondo naturalmente os limites do meio familiar e palaciano, alvoroçara rapidamente o ambiente citadino de Lisboa; as pessoas andavam inquietas e pediam providências, porque viam estar em perigo a sucessão ordinária e legítima do Reino.

Nesses dias, encontravam-se na capital os procuradores a Cortes das cidades e vilas, que tinham sido convocados por D. Afonso V, para tratar de assuntos que lhes diziam respeito a si e ao bem e proveito dos povos; uma das matérias de interesse era a dotação da Casa do Príncipe D. João e um outro problema a discutir relacionava-se com o projecto de D. Joana. Os procuradores da Nação já antes haviam dado ao Rei o conselho de não deixar que a filha entrasse em mosteiro; contudo, tendo casado o Herdeiro, ele não se impusera, "porque, em semelhantes casos, se deve às pessoas menos embargo pôr de usarem da sua liberdade e livre alvedrio, e do que lhes Deus ministra e dá a entender" - como se lê no documento arquivado na Torre do Tombo.

Não se conformaram os procuradores. Diante da frouxidão do Monarca, protestaram oficialmente, no paço; foi no dia 22 de Dezembro de 1471. Da parte de Deus, porque outro superior não tinham a quem pudessem recorrer, instavam que El-Rei não autorizasse a entrada da filha em religião; e, se já lhe tivesse dado licença, que a revogasse, proibindo-lhe que o fizesse e a mandasse repousar com suas donzelas, no seu paço, como até então acontecera.

Quando os delegados do Povo julgavam o caso arrumado, eis que chegava ao seu conhecimento "que ela, dita Senhora, se mete em a dita religião, e que a isso o pai dava sua autoridade e consentimento; pelo qual nós, vossos povos, a que pertence, mais que a outra alguma pessoa, cujos suficientes procuradores somos, tal entrada de religião contradizemos e reclamamos, em maneira alguma nela não consentimos e protestamos ser nenhuma e de nenhum valor.

D. Afonso V pretendeu acalmar os ânimos; quis então fazer crer que apenas se limitara a "dar à filha, ora, lugar para haver de estar alguns dias no Mosteiro de Odivelas, sem filhar hábitos nem fazer outra mudança de si, para dali poder tomar melhor deliberação e considerar e ordenar o que sentisse por serviço de Deus e bem seu dela". Os procuradores não aceitaram tal explicação; voltando à carga, apresentaram o exemplo da Infanta D. Isabel, que D. João I, seu pai, conservou consigo até aos trinta anos, apesar de ela insistir em entrar no claustro, mantendo-se no estado de largueza que lhe competia, como rainha que fosse, depois da morte da mãe, D. Filipa de Lencastre.

Começara já a correr em Lisboa o boato de que a resolução da Princesa teria obedecido a ressentimentos por falta de recursos financeiros; os procuradores também disso se fizeram eco e, con-

cluindo pela existência de dificuldades materiais na sua Casa, aconselharam o Rei a que a filha, nas receitas, fosse tida como a Infanta D. Isabel.

Os delegados do Povo aventavam ainda que D. Joana, não sendo precisa para garantir a sucessão do trono, podia casar fora do Reino, com grande proveito para o País, em que Deus se houvesse "dela por mais servido que entrando em religião"; se o Monarca tinha diligenciado tão bons casamentos para as irmãs, ele não devia desprezar a filha, "mais chegada a vossa pessoa e real estado" - acrescentavam.

Contudo, não ficaram tranquilos os procuradores e, em 24 de Dezembro, deslocaram-se a Odivelas. Chegados ao Mosteiro, logo falaram com a Infanta D. Filipa, que aí acompanhava a sobrinha, e solicitaram-lhe que, com a abadessa, fizesse chegar à Princesa o requerimento com o pedido de os ouvir e lhes trouxesse a resposta. D. Joana resolveu não comparecer, desculpando-se que estava "retraída, em maneira que os não podia ouvir"; pela tia, limitava-se a dizer que "El-Rei, seu senhor e pai, a pusera em aquele Mosteiro, em o qual, prazendo a Deus, entendia de estar, com propósito de ser a toda a obediência, querer e ordenança sua". Em face da negação da Princesa, os delegados do Povo rogaram a D. Filipa que os atendesse, juntamente com a abadessa e todas as freiras do Convento; de facto, assim aconteceu. Concretizando as suas razões, eles repetiam então, com pormenor, o que já haviam exposto ao Rei, para que tudo fosse integralmente transmitido a D. Joana.

Por estes protestos oficiais, concluímos que o facto insólito do recolhimento claustral de Santa Joana perturbou enormemente a vida da Corte e teve vários reflexos na política do reino; ele frustrou possíveis alianças que laços matrimoniais poderiam cimentar ou fortalecer. E tanto assim foi que, logo em seu tempo, o acontecimento foi cuidadosamente registado, anotando-se tudo quanto se relacionava com ele. D. Joana, por seu lado, saberia aproveitar as contrariedades que sofrera, levando o Monarca a autorizar-lhe a troca do Mosteiro de Odivelas por outro mais afastado de Lisboa; mesmo assim, quando já estava em Aveiro, os protestos iriam continuar - o que penosamente a levaria, após consultas e recomendações, a não professar como religiosa, continuando a viver como "freira sem profissão" - no dizer de Frei Luís de Sousa.

Mas... por que motivo a filha de D. Afonso V se inclinou por Aveiro que, nesse tempo - como diz Margarida Pinheira - era uma "vila mui pobre e despovoada de gente e moradas", ou - como opinava o Príncipe Prefeito - era um "lugar mui pequeno e desprezível e em edifícios pobre e pouco sumptuoso para tal Princesa haver de entrar nem estar um só dia".

Poderemos descobrir algumas razões. Encontrava-se já em Aveiro, no Mosteiro de Jesus,

desde Dezembro de 1471, decidida a prosseguir a vida claustral, D. Leonor de Meneses, filha do denodado D. Duarte de Meneses que, expondo a sua vida para salvar a de El-Rei, fora morto em Ceuta às mãos dos mouros, na segunda campanha de Marrocos. D. Leonor de Meneses fora e era a confidente de D. Joana; desde tenra idade, estabelecera-se entre ambas uma amizade tão estreita e tão singular que se encorajavam mutuamente no propósito comum de religião. Uma vez em Aveiro, ela comunicaria sem demora à Princesa o nível superior na observância das constituições conventuais, na piedade, na oração, na pobreza, no estudo e na caridade que o incipiente Mosteiro de Jesus atingira. Assim, o ambiente na comunidade das Irmãs, os laços que vinham de trás entre as duas, além da distância da Corte que D. Joana preferia para seu sossego, teriam sido as grandes razões da escolha de Aveiro.

Para mais, o convento fora recentemente fundado por D. Brites Leitoa que enviuvara de D. Diogo de Ataíde, virtuoso cavaleiro fidalgo da Casa

do Infante D. Pedro e guarda-mor de D. Isabel, esposa do Duque de Coimbra e Senhor de Aveiro. Ferida a batalha de Alfarrobeira, o casal refugiara-se na sua quinta de Ouca, onde D. Diogo, atingido pela peste, acabaria por sucumbir. A ela juntara-se D. Mícia Pereira, também senhora de nobre linhagem, viúva de Martim Mendes de Berredo, diplomata de D. Afonso V.

Portudo isto, já que o coração tem razões que a razão não compreende, a vila de Aveiro foi escolhida por D. Joana; a cronista anotaria que "outro lugar maior nem melhor não queria salvo este, ao qual chamava 'minha Lisboa a pequena'".

* * *

O cronista Rui de Pina escreveu que D. Joana vivia em Lisboa "com tão grande Casa de donas e donzelas e oficiais, como se fora rainha", e atribuiu a iniciativa do seu enclausuramento em Odivelas ao próprio Monarca, seu pai, "porque fazia sem necessidade grandes despesas, e assim por se evitarem

biblioteca

A Princesa, nas margens do rio Tejo, recebe o pai e o irmão, que regressam vitoriosos do norte de África. Cheia de graça e formosura, pediu a el-rei que lhe desse licença de se recolher num convento do Reino, onde sossegadamente servisse e louvasse a Deus. O monarca anuiu.



alguns escândalos e prejuízos que em sua Casa, por não ser casada, se podiam seguir".

Antes de mais, devemos pôr de sobre-aviso ante as afirmações do cronista régio. De facto, há quem o acuse com fundamento de adaptar ao seu estilo histórico velhos manuscritos da livreria real e ocultar outros. Importa mesmo ter presente que Rui de Pina viveu numa altura em que o trabalho "histórico" começava a ter a finalidade de exaltar o monarca e o poder real. Assim, com uma tendência laudativa no cântico de glórias ligadas ao rei e no silêncio de mazelas que o comprometessem, a história, que fora para Fernão Lopes "a clara certidão da verdade" e para Eanes de Zurara uma exaltação do Infante D. Henrique e da Nobreza Senhorial, tornara-se para Rui de Pina um ofício remunerado ao serviço do monarca; ele próprio, no prólogo da **Crónica de D. Duarte**, considera-a como "mui liberal princesa" que, feita sobretudo compêndio de ética, dava força de ânimo aos leitores. Não admira, por isso, que a verdade possa sair um pouco minimizada da sua pena.

Rui de Pina, com efeito, erra frequentemente na cronologia, no apuramento da verdade, na seriação dos factos, na correlação destes com a história geral, na documentação que por vezes descure. No próprio texto alusivo a Santa Joana, há diversas inexactidões históricas que podiam ser evitadas, tanto mais que a Princesa foi contemporânea do cronista.

O passo de Rui de Pina, funcionário da Corte pago pelo Erário Real, quando diz que D. Afonso V meteu a filha no convento por fazer sem necessidade grandes despesas e para prevenir possíveis deslizes morais, porque desejava vê-la virtuosa e isenta de difamações, parece sobretudo registar a opinião comum das pessoas acerca das razões que levaram D. Joana a tomar aquela atitude. Tal opinião enquadra-se melhor na preocupação do suspeito cronista em amontoar motivos para engrandecer a pessoa de El-Rei, do que numa linha de fidelidade imparcial à verdade concreta. Mas... porque não se serviu Rui de Pina do documento onde constam os protestos escritos e as respostas da Princesa, quando os procuradores do Povo se insurgiram contra a ida da filha do Monarca para o convento?

O primeiro motivo - o das despesas - é inconsistente, em face da relativa modéstia da Princesa, que até evitava "jogos e vaidades, em que costumavam exercitar-se pessoas de semelhante estado e idade". E, para lembrar apenas o verão de 1471, na ausência do pai em Marrocos, D. Joana até se vestia com extrema simplicidade, deixando o que "pertencia ao seu real estado e o Rei queria e lhe mandava". Onde está a prova de que Santa Joana fazia, perdulariamente e sem necessidade, grandes despesas? Aliás, analisando o inciso do cronista, pode mesmo concluir-se, sem esforço, que ele talvez não se refira directamente à acção governativa da Princesa mas à exigência de se prover a uma Casa de tantas damas, donzelas e oficiais, cuja sustentação - como

indica Damião de Góis, "se não podia fazer sem grande despesa".

Além disso, na hipótese de ter sido D. Afonso V a tomar a iniciativa de enclausurar a filha, como se explica que os procuradores do Povo tenham agido em Odivelas como se D. Joana - e não o Rei - fosse a primeira pessoa de todo este episódio? Mais: se o Monarca, tomando a iniciativa, raciocinasse em bases económicas, como se compreende que ele tenha provido à Casa do Príncipe Herdeiro, com tal esbanjamento que não passou despercebido tanto a Rui de Pina como a Damião de Góis? Aqueles procuradores viriam contrariá-lo, comprometendo-se a financiar os gastos da Casa da Rainha, agora da Princesa.

Rui de Pina apresenta outra razão para o enclausuramento de D. Joana, e esta de ordem moral: D. Afonso V desejaria evitar "alguns escândalos e prejuízos que em sua Casa, por não ser casada, se podiam seguir". Semelhante motivo, no caso de se referir a Santa Joana - o que não se pode asseverar apoditicamente - não se coaduna com a linha evolutiva do seu carácter íntegro. Falar do ambiente de virtude em que foi educada, cresceu e se fez senhora, do desinteresse pelos projectos de casamento que sempre manifestou, do entusiasmo pelas devoções litúrgicas, pelas leituras ascéticas, pelas práticas penitenciais e pelas obras de caridade, e do desejo, sempre crescente, pela vida consagrada - falar de tudo isto seria repetir o que sabemos da sua juventude. Nela se desenvolveu todo um processo de vocação sincera e esclarecida, que não foi original porque vulgaríssimo na história da vida monástica.

Sobre aquelas descuidadas palavras, que, quando muito, apenas contêm uma hipótese futura e preventiva, e sobre duas referências genealógicas avulsas, houve quem modernamente architectasse um romance de amor falhado, na mira de explicar o recolhimento da Princesa em Odivelas e as renúncias que se lhe seguiram; tal versão é uma pura fantasia e uma afronta gratuita.

Nas **Genealogias de Portugal** - manuscrito do século XVI, arquivado na Academia das Ciências de Lisboa - diz-se que Duarte de Sousa, filho de Luís Álvares de Sousa e de sua mulher D. Filipa Coutinho, foi mandado degolar por D. Afonso V, "por entrar no paço de noite e lhe acharem um sapato que foi conhecido por seu".

Reflectindo sobre um texto tão impreciso, algumas perguntas ficam sem resposta: - Que paço era este? O do Rei ou o da Princesa? Qual a intenção do fidalgo ao entrar abusivamente no paço? E, ainda que fosse o paço da Princesa e o fim fosse de ordem amorosa, quem nos garante que a pessoa a atingir fosse D. Joana, uma vez que, em sua Casa, havia mais de trinta donzelas e damas nobres? A todas estas interrogações nada responde o linhagista.

Por outro lado, que grau de crédito pode merecer o autor das **Genealogias**, pois que, logo a seguir, escreve ter tido D. Afonso V dois filhos bastardos? É que não se conhece qualquer bastardo do

"Africano" que, aliás, foi "sobretudo de mui louvada continência" e "acerca de mulheres mui abstinente" - como testemunha Rui de Pina; depois da morte da Rainha, teve o "propósito de nunca jamais casar e (...) não ter mais filhos que esta Senhora e seu irmão, o Príncipe D. João" - no dizer de Margarida Pinheira. Além disso, sendo D. Afonso V dotado de feitio tão austero e D. Joana avessa ao casamento, como seria possível qualquer sombra de idílio ou aventura amorosa?

Henrique Lopes de Mendonça, em 1920 e, depois, em 1927, supôs que o aventureiro palaciano fosse João Fernandes de Sousa, sobrinho daquele Duarte, o qual teve, efectivamente, vida romanesca no paço com uma certa dama, que veio a desposar. Mas, embora sem atingir a honorabilidade da Princesa, Mendonça só faz palpites e suposições.

Da mesma forma, o Dr. Júlio Dantas, numa das suas cartas literárias, depois incluída no volume **Arte de Amar**, além de atribuir a vocação religiosa de D. Joana às influências de D. Leonor de Meneses, sem ultrapassar a mera hipótese, vai ao ponto de querer concluir ter sido aquela "tragédia de amor, mais do que um desgosto ou um despeito pela extinção da sua Casa principesca, a causa do recolhimento quase monástico da Infanta D. Joana em Odivelas e, mais tarde, da sua obstinada deliberação de professar em Aveiro no hábito de S. Domingos", e não é de surpreender "muito se amanhã, encontrados novos elementos de prova, a filha de D. Afonso V tiver de ser considerada, não apenas como uma grande santa dominicana, mas também como uma das grandes amorosas da nossa história".

Assim se pretendeu avolumar tal rumor que Marques Rosa, no "romance histórico" **Princesa Santa**, fez denodados esforços para o demonstrar como realidade. Este livro, porém, não pode ser tomado a sério, embora o autor, procurando em vão solidificar a sua tese ao longo de estiradas páginas, afirme que "averiguações posteriores tornaram absolutamente verosímil aquela hipótese". Infeliz como romance, pouco escrupuloso no respeito a factos históricos, semeado de erros e insinuações e irreverências, o trabalho passou despercebido. A virtude nada sofreu com o desaforo.

Também em Aveiro, no ano de 1901, numa ocasião em que o tema das Ordens Religiosas era um dos assuntos mais comuns nos ataques à Igreja Católica, a lembrança da Princesa foi infelizmente difamada e a sua virtude foi maldosamente posta em causa. No jornal **Progresso de Aveiro**, dirigido por Ernesto de Freitas, em edição de 16 de Maio, lia-se, entre outras coisas, que "Santa Joana, a formosa filha de D. Afonso V, a quem Luís XI de França envolveu nos seus costumados ardis, levando-o a solicitar a aliança do seu temível adversário Carlos o Temerário (...), veio, segundo reza a má língua, residir em Aveiro, atraída pelos encantos de certo frade da Ordem de S. Domingos". Passados apenas dois dias, o **Campeão das Províncias**, igualmente

de Aveiro, rebateu este consciente atropelo da história, repelindo-o com indignação e denominando-o de "baixo e infame". Não se calou o articulista do **Progresso de Aveiro**, o que deu ensejo ao erudito aveirógrafo João Augusto Marques Gomes de brilhantemente refutar tal amontoado de mentiras numa série de artigos, sob o título "Retalhos d'História".

Vou terminar. Durante alguns minutos, procurei lembrar como a Princesa soube ser firme na decisão que livremente tomou, defendendo a liberdade da sua consciência na escolha do estado de vida, perante tão grandes dificuldades, perante os protestos dos representantes do Povo e mesmo perante as razões políticas do irmão. Procurei lembrar também como a sua atitude, porque de ordem espiritual, logo desde então não é compreendida ou é mal interpretada por quem não tem a faculdade de descobrir e ver a vocação religiosa dentro do contexto da fé - o único onde ela se enquadra.

Porém, não devemos esquecer que os próprios cronistas definem Santa Joana como uma pessoa emoldurada por virtudes relevantes: - assim, Rui de Pina testemunha que ela "faleceu honestamente sem casar nem obrigação de religião no Mosteiro de Jesus de Aveiro", ou, noutro passo, que viveu em Aveiro, "onde, sem casar, com nome de honesta e mui virtuosa, acabou depois sua vida"; Garcia de Resende, falando da sua morte, anotou que viveu e se finou "solteira sem casar, com vida e obras de mui virtuosa e católica Princesa"; e Damião de Góis, em certa passagem, após a referência à sua ida para Odivelas, escreveu que "foi depois mudada para o Mosteiro de Jesus, de Aveiro, onde viveu até que Deus houve por seu serviço a chamar desta vida para a sempiterna, (...) deixando de si singular exemplo de virtudes, com nome de verdadeira e católica cristã". Estas expressões resumida e magistralmente condensam uma vida inteira, votada a um superior ideal de perfeição e de amor a Deus.

Para as gentes da Beira-Ria, no meio de quem a Princesa Santa Joana viveu, morreu e foi sepultada, as suas relíquias venerandas não podem ser apenas um mero objecto de museu; elas são, sobretudo, termo de piedosas peregrinações. Junto do seu magnífico túmulo, ouve-se murmúrio da prece de quem a considera como amiga e padroeira. Ela é uma daquelas personagens que, eminentes no passado, continuam a ser válidas no presente, pela sua memória inesquecível e pelo seu testemunho extraordinário.

João Gonçalves Gaspar

EDIÇÕES DA CÂMARA MUNICIPAL

1. — LIVROS E OPÚSCULOS

AVEIRO, BERÇO DA LIBERDADE. A REVOLUÇÃO DE 16 DE MAIO DE 1828 — Marques Gomes - Ed. 1928.

AVEIRO, ROTEIRO DA CIDADE — Comissão Municipal de Turismo - Ed. 1945.

DIVAGAÇÕES DE UM TERCEIRO — Jaime de Magalhães Lima - Ed. 1957.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DR. ALBERTO SOUTO NO ACTO SOLENE DA SUA POSSE EM 11 DE MAIO DE 1957 - Ed. 1957.

EFEMÉRIDES AVEIRENSES. VOL. 1 — António Cristo - Ed. 1959.

COLECTÂNEA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS. VOL. 1 — Rocha Madail - Ed. 1959.

JOSÉ ESTÊVÃO - ESTUDO E COLECTÂNEA — Comissão do Centenário de José Estêvão - Ed. 1962.

O MEU DIÁRIO DE VIAGEM — D. João Evangelista de Lima Vidal - Ed. 1968.

COLECTÂNEA DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS. VOL. II — Rocha Madail - Ed. 1968.

LIVRO DE ACORDOS DA CÂMARA DE AVEIRO DE 1580 — Francisco Ferreira Neves - Ed. 1971.

MOLICEIROS — Diamantino Dias - Ed. 1971.

AVEIRO E A SUA REGIÃO — Fernando Rebelo / Ângelo Quaresma - Ed. 1979.

A FREGUESIA DE SÃO BERNARDO — João Gonçalves Gaspar - Ed. 1980.

A PRINCESA SANTA JOANA E A SUA ÉPOCA. 1452-1490 — João Gonçalves Gaspar - 1ª Ed. 1981; 2ª Ed. 1988.

ROTEIRO DE AVEIRO — Comissão Municipal de Turismo - Ed. 1983.

JOSÉ ESTÊVÃO - DISCURSOS PARLAMENTARES. Ed. 1983 (reimpressão fac-similada da 1ª edição).

AVEIRO. NOTAS HISTÓRICAS — João Gonçalves Gaspar - Ed. 1983.

CACIA E O BAIXO VOUGA - APONTAMENTOS HISTÓRICOS E ETNOGRÁFICOS — Bartolomeu Conde (Coordenador) - Ed. 1984.

AVEIRO ANTIGO. CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE ANTÓNIO GRAÇA — Ed. 1985.

INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA. COMEMORAÇÃO DOS 75 ANOS. IMAGENS DA ÉPOCA — Coordenação de Custódio Ramos, Emanuel Cunha e Manuel Rodrigues - Ed. 1985.

CALENDÁRIO HISTÓRICO DE AVEIRO — António Cristo e João Gonçalves Gaspar - Ed. 1986.

ORIGENS DA RIA DE AVEIRO — Orlando de Oliveira - Ed. 1988.

ACHEGAS PARA A HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE — João Evangelista de Campos - Ed. 1988.

AVEIRO ÀS CIDADES IRMÃS E AMIGAS — Júlio de Sousa Martins e João Gaspar; pinturas de Cândido Teles - Ed. 1988.

INVENTÁRIO DESPORTIVO DO MUNICÍPIO DE AVEIRO — Coordenação de Rui Barros, Emanuel Cunha e Jorge Guimarães - Ed. 1989.

A FEIRA DE MARÇO ATRAVÉS DOS TEMPOS — Júlio de Sousa Martins - Ed. 1989.

SÃO GONÇALINHO EM REDONDILHAS — Amadeu de Sousa - Ed. 1989.

I BIENAL INTERNACIONAL DE CERÂMICA ARTÍSTICA (Catálogo) — Serviços de Cultura da C.M.A. - Ed. 1989.

AGENDA CULTURAL - 1990 — Serviços de Cultura da C.M.A. - Ed. 1990.

AGENDA DESPORTIVA - 1990/91 — Serviços de Cultura da C.M.A. - Ed. 1990.

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO — Publicação semestral desde 1983.

INFORMATIVO — Publicação mensal desde Fevereiro de 1987.

2. — CERÂMICA

ESTATUETA DE SANTA JOANA — Escultor: Jorge José de Figueiredo; Material: "Biscuit"; Oficina: Fábrica da Vista Alegre; Tiragem: 1000 ex. numerados (Série limitada); Ano: 1983.

ESTATUETA DE SANTA JOANA — Escultora: D. Maria Graciosa Mendes de Carvalho; Material: Barro vermelho; Oficina: José Augusto; Ano: 1983.

BUSTO DA REPÚBLICA — Escultor e Oficina: José Augusto; Material: Barro vermelho; Ano: 1985.

3. — NUMISMÁTICA

MEDALHA COMEMORATIVA DO 225º ANIVERSÁRIO DA ELEVACÃO DE AVEIRO A CIDADE — Desenho: Jorge Trindade; Diâmetro: 7,9 cm; Material: Bronze; Ano: 1984.

MEDALHA COMEMORATIVA DO 550º ANIVERSÁRIO DA FEIRA DE MARÇO — Desenho: Jorge Trindade; Diâmetro: 7,9 cm; Material: Bronze; Ano: 1984.

MEDALHA COMEMORATIVA DO 555º ANIVERSÁRIO DA FEIRA DE MARÇO — Desenho: Afonso Henrique; Diâmetro: 7,9 cm; Material: Bronze; Ano: 1989.

MEDALHA COMEMORATIVA DO V CENTENÁRIO DE SANTA JOANA — Desenho: Jeremias Bandarra; Diâmetro: 9 cm; Material: Bronze; Ano: 1990.

UMA PRINCESA A QUEM O POVO CHAMOU SANTA

Palavras proferidas pela Dr^a D. Albertina Valentim Oliveiros, na cerimónia da oferta ao Museu de Aveiro de uma imagem de Santa Joana, pelo Lions Clube de Santa Joana Princesa - 23 de Abril de 1990.

Sem deixar de, primeiramente, invocar o nome de D. João Evangelista de Lima Vidal, 1^o Arcebispo de Aveiro, e os nomes de Rocha Madahil, Ferreira Neves, Marques Gomes; antes de começar, quero dizer-vos que todo o trabalho que vou ler é fundamentado em fontes históricas fidedignas, procurando ter sido imparcial e escrupulosa na sua análise e crítica. Eis as principais:

— O códice quinhentista existente neste Museu de Aveiro;

— A crónica da fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro e memorial da Infanta Santa Joana, filha de El-Rei D. Afonso V e dos cronistas: Gomes Eanes de Azurara, Rui de Pina, Garcia de Resende e Damião de Góis.

Oferecida pelo Lions Clube, que para seu nome adoptou o nome da Padroeira da cidade, filha de D. Afonso V, rei de Portugal, e que aqui viveu e morreu, em odor de santidade, é entregue, hoje, a este Museu de Aveiro, uma imagem preciosa e rara da Princesa Santa Joana.

Um dos objectivos do Lionismo é "interessar-se, activamente, pelo bem estar público, cultural, social e moral da Comunidade. — Está cumprido.

Convidada pela Presidente para dizer algumas palavras sobre a excelsa figura da Infanta, acedi com muito aprazimento, pois desde que vim para esta região — e já lá vão largos anos — me apaixonei pela figura singular da Princesa e pela milenária cidade da Ria de poentes fantásticos de oiro fundido em luz única e deslumbrante.

Ficar-me-ei pela sua chegada ao convento.

Os Santos vivem o amor de Deus, e, por vivê-lo, são inacessíveis à corrosão do tempo e às limitações do espaço.

Passam, na fragilidade mortal da sua carne, mas ficam perenemente na perpetuidade do amor que, em certo modo, cristificando-os, os humaniza.

A vida do Santo mergulha as suas raízes no mistério da fé. Quem não possuir o sentido religioso da existência humana não pode compreender e sentir o Santo, no que ele tem de mais alto e transcendente.

Mas mesmo para quem não tenha fé, mas possua a nobre sensibilidade dos altos ideais e das acções generosas, os

santos constituem uma dinastia de almas superiores, que alumiam e enriquecem o mundo, com suas virtudes e suas mortificações heróicas.

Neste sentido escreveu Antero "que a santidade é a mais alta forma de personalidade, termo último da evolução universal e a própria finalidade do ser". Estas palavras significam bem o apreço do filósofo e poeta pela santidade.

(Mas) Aquele que fala sobre um Santo, deve ser pessoa de fé: sem experiência religiosa não pode falar-se, com verdade, sobre experiência religiosa.

Não quero, de forma alguma, fazer-vos acreditar que tudo na vida desta Santa se passa em atmosfera de milagres. Todos os Santos sofreram, dolorosamente, o espinho da tentação; é, então, que a graça triunfa, vencendo-se a carne em mortificação austera, que arripia a nossa embotada sensibilidade.

Hoje, é mais difícil compreender a vida duma Santa do século XV, e Princesa, pois o nosso século XX está marcado por uma cultura hedonista em que o valor supremo é a busca desenfreada do prazer.

É certo que o hedonismo e a paixão de gozar, não são fenómenos novos, na história da sociedade; o que é novo é que a cultura moderna tenha erigido a satisfação dos prazeres em valor supremo do indivíduo.

Todavia, o coração humano continua a ser misteriosamente solicitado por uma felicidade maior que o próprio homem.

É o apelo do Espírito que se faz sentir muitas vezes, até, sob a forma dum vazio ou duma nostalgia.

É de louvar, portanto, a resposta a este apelo do Espírito, do Lions Clube de Santa Joana Princesa que assim satisfaz, hoje, o sétimo preceito do Código de Ética do Lionismo:

"Ter sempre presentes os meus deveres para com o meu Deus e a minha Pátria... dedicando-lhes o meu tempo, o meu trabalho e os meus recursos".

Acabada esta introdução, comecemos, então, a falar duma "Princesa que se chamou Joana, e que entrou neste Convento".

"Nasceu esta Infanta na mui nobre cidade de Lisboa, aos seis dias do mês de

Fevereiro da era do Senhor de 1452" — diz o cronista.

Rui de Pina repete e acrescenta "que sempre se chamou Princesa, até ao ano em que o Príncipe D. João nasceu, e depois se chamou Infanta".

Nasceu, pois, esta "Singular Princesa" como a intitula Garcia de Resende na "Crónica de El-Rei D. João II", nos meados do século XV, quando Portugal tem aventurado os primeiros passos, nos mares desconhecidos, na dilatação da Fé e do Império, lançando-se numa gigantesca epopeia marítima que ficará a assinalar uma época na história e civilização de todos os povos; quando em Itália floresce a fulgurante cultura de humanismo fecundo e eterno; quando o resto da Europa se arruina e retalia em lutas sangrentas, e enquanto o Turco prepara o golpe mortal, que há-de abater a velha cidade de Constantinopla, baluarte fronteiro da civilização latina.

Surge esta Princesa "de muitas virtudes, bondades e perfeições, muito devota, católica e amiga de Deus" — como ainda a qualifica o mesmo Garcia de Resende — como figura luminosa desta época e cuja vida é uma epopeia calada — senão silenciosa — mas eloquente, na projecção que teve sobre o mundo e a sociedade em que viveu e que, após quinhentos anos passados, nos faz ainda recolher em saudosa meditação.

E, para melhor se compreender todo o valor desta alma de eleição, seria acertado, se não se tornasse longo, dar uma sucinta resenha de como vivia a Europa deste século e até de Portugal especialmente: seria a moldura adequada para esta figura.

Melhor se avaliaria do sacrifício e da renúncia desta filha de D. Afonso V que no dizer do cronista — "solteira, sem casar, com vida e obras de mui virtuosa e católica Princesa, se finou no Mosteiro de Jesu, de Aveiro" e a quem os seus contemporâneos chamavam Santa Princesa.

Toda a Europa vivia sob o fogo da rebelião religiosa mais radical que se tem conhecido e que trouxe a mais dolorosa divisão da Cristandade.

Só nesta ponta ocidental da Península, Portugal se afirmava já uma nacionalidade, com as fronteiras que ainda hoje tem, plena de vigor, transbordante de vitalidade, uma nacionalidade forte,

ansiosa de expansão e de "fazer cristandade".

Passada a crise de crescimento, há paz e há grandeza.

Portugal entra assim no século XV marcando uma posição de destacada preponderância, numa Europa inquieta e atormentada por numerosas guerras de predomínio e cisões religiosas.

O primeiro passo da expansão portuguesa — a conquista de Ceuta — é o marco miliário duma Idade Nova — duma Idade Oceânica — em que Portugal representa o primeiro papel; ela foi a precursora imediata dos descobrimentos marítimos portugueses, a determinante duma viragem da História.

Foi de Ceuta que se partiu para a grande Rota — que substituiu a concêntrica civilização mediterrânica, pela excêntrica civilização atlântica.

É neste momento histórico que em Lisboa nasce a Princesa D. Joana, filha de El-Rei D. Afonso V de Portugal e de sua mulher a Rainha D. Isabel.

Por morte de sua mãe — poucos anos depois — e por ordem de El-Rei, toda a casa da Rainha, com suas damas, donzelas e outros oficiais, passou para D. Joana, sem em nada se mudar.

Assim, cresceu esta Princesa e passou a sua meninice, servida com todo o estado que a uma rainha pertence.

D. Afonso V, rei muito ilustrado e grande impulsionador da cultura portuguesa — "o primeiro que em seus paços teve livreria" — isto é biblioteca, deu uma grande importância à educação dos filhos.

A Infanta teve por aia D. Beatriz de Menezes, senhora de alta linhagem e uma das principais do Reino, pela ilustração e dotes de espírito.

Os primeiros anos de D. Joana, nos seus paços de Rainha, deslizaram suaves e iguais entre a vigilância de D. Beatriz de Menezes, e a ternura de D. Filipa, sua tia — filha do malogrado infante D. Pedro, e que junto dos dois principinhos, substituiu a mãe que tão cedo perderam.

Ela guiou a infância da sobrinha, e até do Príncipe, e este meio culto e intensamente religioso em que se formou a alma da Princesa alargou-lhe o espírito e abriu-o à beleza mística.

El-Rei não deixou de proporcionar a seus filhos livros e mestres, de modo a desenvolverem-lhes a inteligência e a darem-lhes vasta cultura.

A predileção de D. Joana pelas letras e pelos livros manifestou-se sempre, até quando, esquecida do mundo, vivia apagada e humilde no convento, cuja biblioteca enriqueceu.

Aos 9 anos, além de escrever e ler fluentemente a sua língua materna, falava, com correcção, o latim.

"Quando foi de maior idade, foram-lhe entregues todas as jóias e quanto ficou da Rainha sua mãe, para que, mui magnificamente, fosse servida em todo o seu estado e excelência.

Vivendo em seu paço e casa de Rainha, o Rei vinha com frequência à sua corte, trazendo o Príncipe, e com eles duques, marqueses e condes e todos os outros senhores e fidalgos, os quais — segundo dizem os cronistas — "como a paço duma Rainha, não tendo outra, vinham a se desenhado".

A Princesa saía a recebê-los, vestida com pomposos e magníficos trajes de ouro e pedrarias, adornada de colares e firmas de ouro e pedras preciosas, conquistando todos pela sua graça e formosura.

Era muito formosa e esbelta — dizem os cronistas coevos; bastante alta e delgada. Tinha o porte airoso e de grande magestade; a pele era branca e levemente rosada, e uns grandes olhos verdes, de expressão infantil, davam vida ao rosto de linhas puras e correctas.

Os cabelos, louros, cor de ouro esmaecido, lisos, e que costumava trazer caídos, com simplicidade, molduravam-lhe a fronte alta e inteligente.

Foi considerado crime de lesa magestade o corte destes lindos cabelos, seu mais belo e precioso enfeite, quando já estava no convento e tomou hábito; o povo da vila clama contra o que se fez, chorando em altos brados; os fidalgos mandaram chamar a priora e mostraram-lhe o seu desagrado; e o Príncipe imediatamente se pôs a caminho de Aveiro e, asperamente, falou à superiora.

A testemunhar a sua beleza peregrina, lembrando uma virgem iluminada a ouro, num livro de Horas, está a tábua quatrocentista existente neste Museu, e sobre a qual, muito, também haveria a dizer.

Desde bastante nova mostrou um gosto pronunciado pelo recolhimento, e, com surpresa das suas aias, afastava-se das turbulências e jogos da Corte.

Neste século de transição, em que os costumes se iam corrompendo cada vez mais, atingindo até a classe eclesiástica duma maneira geral, cujo luxo e vida nem sempre edificante era mau exemplo para o povo cristão, a princesa começou a dar-se a muito fervorosas e devotas orações, ameadas e secretas disciplinas, e assim na sua alma nasceu a íntima vocação de se entregar totalmente a Deus.

No paço, a ocultas, começou, então, a fazer vida de áspera penitência: a princípio, iludindo a vigilância das donas e donzelas de seu serviço, apenas jejuava e passava a noite em vigília, rezando no Oratório mas, depois, tomando por confidentes duas das suas aias e o tesoureiro de sua casa, mandou que lhe arrandassem cilícios e disciplinas.

Sob os ricos vestidos de brocado e oiro, usava cilício permanente e grosseiras camisas de estamena e, diz o cronista, "curtas de mangas e estreitas de corpo, por tal, que trazendo-as debaixo das mui grandes e ricas todas lavradas de ouro e seda, as de lá não pudessem ser vistas, enxergadas nem conhecidas".

Quando, de noite, todos a julgavam tranquilamente adormecida no majestoso leito de lençóis finíssimos e ricas colgaduras, colchas e dosséis, a Princesa, ou rezava, no Oratório, meditando nos mistérios da Paixão que, desde sempre, a fascinavam, ou descansava o corpo dorido do cilício, sobre um leito de cortiça, tendo por cobertores umas mantas de burel e repousando a cabeça num travesseiro duro.

Se a Paixão de Cristo foi o principal tema das suas meditações, pela coroa de espinhos tinha especial devoção. Assim, à maneira do que então costumavam fazer os príncipes, para testemunharem os seus cuidados e pensamentos, escolheu como símbolo da sua vida a coroa de espinhos "que por divisa e arma muito singular tinha tomado".

Esta insígnia mandou pintar em todos os seus aposentos, esmaltar em suas jóias e gravar na sua porta, e no seu próprio escudo em forma de losango, vê-se, ao lado das armas de Portugal, a mesma coroa de espinhos — refere Frei Luis de Sousa. E vêmo-la nós, no escudo da Princesa, que neste Museu aparece nas portas, nas paredes e em lugares mais destacados. Bem haja a quem, com desvelado amor pela Arte e pelo Museu, teve tão significativa lembrança.

Jejuava muitos dias e durante a Quaresma observava este preceito rigorosamente, alimentando-se de pão e água, na quinta e sexta-feira santas, e, sempre em constante oração, guardava rigoroso silêncio; na noite de quinta-feira maior, a ocultas, mandava que fossem trazidas à sua presença doze das mulheres mais pobres que encontrassem e, à semelhança do que fizera Jesus aos apóstolos, de joelhos, lhes lavava os pés. Dava a todas avultada esmola, e no mesmo segredo em que tinham vindo, se tornavam, sem nunca saberem onde isto lhes fora feito, nem a pessoa que lho fizera.

Socorria todos os necessitados, auxiliava os presos, ajudava os doentes, e àqueles que por vergonha de mendigar sofriam miséria, a estes, principalmente, fazia chegar a sua generosidade.

Verdadeira despenseira dos pobres era esta Princesa, porque, tudo quanto propriamente lhe pertencia, fazia distribuir pelas cadeias, pelos hospitais e pelas casas religiosas mais pobres.

Todavia, mortificada e ciliciada como uma penitente, sabia, como ninguém, no seu palácio, exercer as funções

de Princesa, com requintada arte, e era a mais amável, a mais alegre e graciosa da sua pequena corte.

O dia em que ela haveria de partir, como penhor de qualquer aliança com outro Reino, aproximava-se. É que neste século, a mão de uma Princesa portuguesa não era pequeno peso na balança do equilíbrio europeu.

Seu Pai já se intitulava "D. Afonso, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, daquém e d'além mar, em Africa."

Foi pedida em casamento por Luís XI, rei de França, para o filho primogénito e herdeiro, que seria o rei Carlos VIII; por Frederico III, para Maximiliano, seu filho, que foi imperador da Alemanha; pelo rei de Inglaterra e ainda outros.

Mas a Infanta, habilmente, apresentava uma escusa formal e categórica:

vento para se certificar da vida e ordem das monjas de S. Bernardo. Embora ocupadas no serviço de Deus, parecia-lhe que não tinham aquele repouso e quietação de espírito, que a sua alma, sempre propensa ao recolhimento, desejava. E pensou, de si para si, que não iria para Odíveas. D. Joana não queria encerrar-se na "claustra" como então se chamava a esta degeneração da disciplina, mas em apertada e austera clausura.

Foi nesta data que começou a tornar-se conhecido, pela aspereza de vida e austeridade de regra, um convento dominicano, havia pouco tempo fundado em Aveiro.

Era este mosteiro verdadeiro eremitério, nova Tebaida de penitência e oração.

Por D. Leonor de Menezes, soube a Infanta do rigor e pobreza do Convento,

ser que ainda neste mosteiro teria e se meteria coisa sua".

Na verdade, 10 anos passados, a Infanta D. Joana, sua única filha e princesa jurada do Reino, deixando todas as pompas e vaidades do mundo, ali se veio encerrar.

A chegada do Rei e do Príncipe D. João do Norte de África, após as vitórias sobre Alcácer, Arzila e Tânger, pareceu à princesa ocasião propícia para fazer ao Pai o pedido de deixar o mundo e entrar no convento.

O povo de Lisboa preparou grandes festas para os receber, que se estenderam por todo o Reino e continuaram por muitos dias.

A Princesa, ricamente vestida de veludo verde, cor dos seus magníficos olhos e da esperança de alcançar, enfim,



Na sessão, a Dr^a Albertina Valentim Oliveiros no uso da palavra.

uma razão de Estado, pois o irmão era novo para se casar — ela era 3 anos mais velha que D. João — e não lhe parecia conveniente que ela — Princesa jurada herdeira — saísse do reino.

O rei, embora contrariado, concordava com estas razões, que lhe pareciam sensatas.

Porém, a verdadeira razão era que a Infanta queria recolher-se a um convento.

Através de D. Leonor de Menezes, ia a Infanta sabendo informações dos diferentes conventos do reino.

Do que tinha conhecimento mais perfeito e mais próximo era do de Odíveas, onde costumava recolher-se sua tia D. Filipa. Um dia, acompanhada das suas donzelas e damas, foi ela própria ao con-

vento para se certificar da vida e ordem das monjas de S. Bernardo. Embora ocupadas no serviço de Deus, parecia-lhe que não tinham aquele repouso e quietação de espírito, que a sua alma, sempre propensa ao recolhimento, desejava. E pensou, de si para si, que não iria para Odíveas. D. Joana não queria encerrar-se na "claustra" como então se chamava a esta degeneração da disciplina, mas em apertada e austera clausura.

Foi nesta data que começou a tornar-se conhecido, pela aspereza de vida e austeridade de regra, um convento dominicano, havia pouco tempo fundado em Aveiro.

Era este mosteiro verdadeiro eremitério, nova Tebaida de penitência e oração. Por D. Leonor de Menezes, soube a Infanta do rigor e pobreza do Convento, ser que ainda neste mosteiro teria e se meteria coisa sua". Na verdade, 10 anos passados, a Infanta D. Joana, sua única filha e princesa jurada do Reino, deixando todas as pompas e vaidades do mundo, ali se veio encerrar. A chegada do Rei e do Príncipe D. João do Norte de África, após as vitórias sobre Alcácer, Arzila e Tânger, pareceu à princesa ocasião propícia para fazer ao Pai o pedido de deixar o mundo e entrar no convento. O povo de Lisboa preparou grandes festas para os receber, que se estenderam por todo o Reino e continuaram por muitos dias. A Princesa, ricamente vestida de veludo verde, cor dos seus magníficos olhos e da esperança de alcançar, enfim,

satisfação para os seus desejos, com a cabeça e o colo cobertos de ricos diademas e colares, acompanhada de todos os fidalgos e donzelas de sua casa, saiu a receber El-Rei.

Junto à carne, a rasgar profundos sulcos, o áspero cilício e a camisa de estaménha. Do seu coração subiam preces a Deus.

Acompanhavam-na D. Leonor — a jovem esposa do Príncipe — a que mais tarde foi "A Princesa Perfeitíssima" — a tia e o velho Duque de Bragança; seguia-a luzido cortejo, montando esbeltos e nervosos cavalos, que ostentavam valiosos xaireis, ia a nobreza que ficou em Portugal com D. Joana — princesa regente na ausência do Rei, segundo alguns cronistas.

Como sempre, o povo corre a vê-la, "todos, grandes e pequenos, velhos e moços e todas as mulheres saíam a ver sua formosura e gentileza".

Dotada pela natureza de graça e bondade, bastava o seu aspecto para lhe valer a admiração geral. Ela sabia ganhar todos os corações, porque nunca se mostrava arruogante de vera soberania, e porque, com a simplicidade natural que lhe era própria, fazia esquecer a grandeza do seu nascimento.

O rei é recebido em triunfo, e, feitas as costumadas cortesias, a Princesa adianta-se para implorar a D. Afonso, generoso e magnânimo, uma mercê; o que recusaria à "sua muito amada e prezada filha" aquele dadivoso rei, naquela hora de apoteose e de glória?

Confiante, ela pede: lhe faça mercê de a oferecer, em holocausto, a Deus.

O estranho pedido surpreende a todos e a Infanta, aproveitando a emoção que os invade e lhes não permite falar, continua: "tal como os reis antigos depunham no altar das oferendas, como sacrifício aos falsos deuses a quem atribuíam suas vitórias, as mais raras jóias que possuíam e suas amadas filhas, ele, não menos que eles, devia fazer ao verdadeiro e mui poderoso Senhor, o qual o fizera sempre e, então muito mais, o mais vitorioso e louvado Rei.

Se foi grande o espanto pelas palavras da Princesa, não foi menor a tristeza de todos, quando o Rei, abraçando-a, e com lágrimas, que bem demonstravam a amargura do coração, concedeu a graça pedida: "Fosse em tudo o que Deus, por seu serviço, tivesse em bem ordenar; nas suas mãos punha todos os seus feitos, e este sobre todos, que a ele mais relevava".

Mas logo aí os fidalgos e quantos estavam presentes protestaram, por parte do Reino — cuja segunda Princesa jurada era — contra tal determinação.

Os protestos não se ficaram por aqui: os procuradores das cidades e vilas, que estavam reunidos em cortes, quiseram dissuadir a Princesa desta resolução e pensaram, até, recorrer ao Santo Padre, se ela se mantivesse naquele propósito, que não compreendiam.

Tão estranha lhes pareceu a decisão da Princesa, que chegaram a supor que El-Rei não pudesse acudir com meios bastantes à sustentação do seu estado, e em requerimento dos Povos, dirigido à Infanta, com data de 22 de Dezembro de 1471, ofereceram-se para suprir o que faltasse.....

D. Afonso lembrou o Convento de S. Clara, em Coimbra, "que era mui excelente e sumtuoso"...

As imensas riquezas acumuladas nos Mosteiros levavam muitas senhoras a

entrar no claustro, sem vocação.

Neste convento estavam muitas mulheres nobres e fidalgas — continuava el-rei, para a convencer, "e poderiam ir vê-la muitas vezes, e tomar prazer e consolação com ela".

Todavia, a Princesa, pensava em Aveiro, "porque queria pobreza e humildade".

Por um lado, o Rei anunciou à abadessa do rico mosteiro das claristas a próxima chegada da Infanta. Porém, D. Joana escreveu a D. Brites Leitoa, para o Convento de Jesus de Aveiro.

Em Julho do ano de 1472, acompanhada de D. Afonso V e do príncipe D. João, com todos os da sua Corte, cobertos de luto e muito tristes, seguiam a caminho de Coimbra; mas, antes de chegar à cidade, a Princesa pediu, humildemente, ao Pai que a deixasse ir para Aveiro.



Junto da imagem, no Museu de Aveiro, D. Adelaide Borges, Dr.ª Albertina Valentim Oliveiros e D. Maria Clementina Quaresma (Directora do Museu de Aveiro).

E El-Rei mandou — contra vontade e parecer de todos — "que endereçassem suas jornadas para a vila de Aveiro".

O que era Aveiro, no século XV já rodeada de um cinto de muralhas de sólida construção, em hexágono irregular, emoldurada pela estranha beleza da sua singular laguna?

Daria para muito tempo fazer referência, ainda que breve, a esta vila, que na opinião do Príncipe Perfeito, "mais parecia ilha de desterro que vila", mas a Princesa chamava-lhe terna e carinhosamente "a sua Lisboa, a pequena".

Ela queria o convento pobre e humilde, pois só procurava religião "onde estivesse com Cristo pobre e pequenino". Escolheu este mosteiro dominicano para sepultar a sua radiosa beleza, renunciando voluntariamente e com alegria, aos esplendores da Corte, à majestade dum Trono.

"Aos 4 dias do mês de Agosto do ano do Senhor, de 1472, entrou a dita Senhora Princesa e Senhora Infanta, Dona Joana, Nossa Senhora, neste mosteiro de Jesus...." reza a crónica.

Estranha figura a desta mulher que desce os degraus magníficos dum trono, e subir o caminho íngreme e pedregoso do Calvário, para, mortificada e penitente, abraçar a Cruz.

Este é o grande heroísmo!...

Esta é a grande, a verdadeira vitória!...

xxx

Saúdo e felicito todas as minhas companheiras e companheiros do Lions Clube de Santa Joana Princesa;

Saúdo e felicito todas as minhas

Irmãs e Irmãos, da Irmandade de Santa Joana Princesa;

Felicito todos os Aveiros e todos os Aveirenses pelo quase profético sobrenome com que a Princesa apelidou esta vila: "minha Lisboa, a pequena".

É que Aveiro, hoje a caminho do séc. XXI com a projecção europeia que os homens de boa vontade desta terra têm sabido imprimir-lhe, não desmerece da Lisboa de projecção universal que no séc. XV — o nosso século de ouro — tinha a, então, capital do Império.

Dr.ª D. Albertina Valentim Oliveiros

(Transcrição, em fac-símile, do "Boletim do Lions Clube de Santa Joana Princesa", nº 4, Março/Abril de 1990, pgs. 14-17).

AS TRICANAS E A TRICANA ISABEL DE ALMEIDA

Amadeu de Sousa

"Mais parecendo uma miragem ou sonho, xaiies de antanho esvoaçaram, durante dois dias, sobre os corpos eternamente esbeltos de um grupo de tricanas, em bando de saudade.

Com o garbo, a elegância e distinção de outra, essas lídimas representantes de um costume ímpar, que por muitas décadas, foi o ex-libris da beleza incomparável da mulher aveirense, tiveram o condão mágico de nos fazer recuar no tempo, transportando-nos aos tempos do verdadeiro Aveiro".

Foi com estas palavras de comentário que brindámos e homenageámos a presença de um grupo de admiráveis tricanas, aquando das comemorações das Bodas de Ouro da revista "Ao Cantar do Galo", em 25 de Julho de 1986.

Decorridos que são quatro anos, repete-se outra notável efeméride, - porventura mais famosa, pela dimensão e encenação -, a engrandecer o historial do glorioso Grupo Cénico do Clube dos Galitos, com a estreia no Teatro Aveirense em 10 de Junho de 1940 da monumental revista-fantasia "Molho de Escabeche", que com aquela, e a precedente não menos apreciada "A Caldeirada", alcançou inusitados êxitos nos principais palcos do país, mormente no Coliseu dos Recreios de Lisboa, legando à posteridade uma inolvidável estreia de luminosidade no firmamento artístico local, e nacional, a nível de amadores.

Contudo, embora revelando-se uns tantos, - e de que maneira! -, por naturais dotes, para os sucessos retumbantes obtidos, contribuíram essas gerações de famosas tricanas, que deslumbraram com a sua beleza e porte distinto os milhares de espectadores que tiveram a ventura de as ver e aplaudir, até ao delírio, quer na rua quer no palco. A beldade e a elegância da mulher aveirense, patenteava-se uma vez mais de forma inigualável, através dos tempos, em famosos grupos e ranchos, cortejos e representações, na cena teatral e na própria corte. Porque pelos salões da nobreza passaram Isabel de Almeida, que por um triz não foi marquesa; e Florinda de Sousa Marques, (a Florinda Pirré) ama do príncipe D. Luís Filipe, que Artur Ravara, médico da Câmara Real, por natural bairrismo, levava para o Paço. De tal forma, que o seu porte distinto chamara a atenção da Rainha Dona Amélia, ao excluir: - É notável a gentileza e o ar senhoril daquelas mulheres de Aveiro. Como a ama do príncipe, por exemplo, pisava uma sala!

Há uma nota a assinalar da conduta exemplar de Florinda, que num rasgo extraordinário logra salvar a vida do presuntivo herdeiro da coroa, ante um incêndio deflagrado nos Paços de Vila Viçosa. Quando as labaredas já lhe crestam os cabelos,

toma nos braços "o seu querido menino" e, abrindo uma janela, salta resolutamente para um canteiro do jardim, resguardando, mais que o dela, o pequenino corpo do príncipe. Até à morte trágica do desditoso D. Luís Filipe, este dispensou-lhe sempre particular



Isabel de Almeida

afeição. A formosa tricana Florinda de Sousa Marques veio a ser mãe de três filhas, senhoras finamente educadas e de distinta apresentação.

É, pois, com a saudade estampada na alma, que não nos coibimos de assinalar, em enaltecida veneração e preito de homenagem, numa pequena antologia, as elogiosas referências dispensadas por homens ilustres, (e foram muitos ao longo dos tempos!) em louvor das formosíssimas tricanas.

Começemos por Almada Negreiros. - "As mulheres de Aveiro, são no seu conjunto, (digo exactamente no seu conjunto) o tipo físico da portuguesa. A sua maneira de andar, (que já a notou uma rainha) é impressionante: uma graça antiquíssima vivida pelos nossos olhos dentro; a sua presença igual à

que já tínhamos visto há séculos nas margens do Mediterrâneo; a sua feminilidade a um tempo sadia e delicada, isto é demasiadamente comum e evidente para que o não notemos. Simplesmente, neste firmamento humano as estrelas são todas da mesma grandeza".

Agora, ouçamos o enlevo das palavras de Sebastião de Magalhães Lima. - "Sem amor não há mocidade. E Aveiro não se compreenderia sem a tricana, que é para a cidade o que a rosa é para um delicioso jardim - um elemento de beleza e de adorno indispensável.

A tricana, com um lenço de seda a envolver-lhe a cabeça e o xaile a emoldurar-lhe o tronco, é um vestígio da raça árabe. Donairoso e gentil, leve como uma gazela, poucas mulheres no mundo a poderão igualar na graça e na originalidade".

Depois, pela mesma origem céltica, diz que a andaluza se lhe assemelha, mas - "... Não possui a mesma feminilidade, embora a paixão que os olhos negros revelam, seja a mesma, como sucede na formosa Carmen". E em relação à mulher napolitana, diz-nos - "... é também impetuosa e ardente. Mas a adorável tricana é dotada de um sorriso encantador e de uma doçura celestial, à maneira da Madona".

E Magalhães Lima finaliza: - "A tricana é uma tradição. E eu lamento que não tivesse podido escapar à lei inexorável por que tudo passa no mundo. Confesso que a tricana foi uma das grandes atrações da minha juventude". E ainda acrescenta: - "A tricana foi a primeira que despertou em mim o ideal da beleza que me tem acompanhado".

Luís de Magalhães expressa-se da seguinte forma. - "Pela formosura decantada, de "lendárias", enaltece-as pelos gestos expressivos, "... que lhes fixam a gracilidade e seu quase patricio porte, descrevendo-as de "graciosas", de uma elegância magra e nervosa, marchando num ritmo curto, e ligeiro sobre as pontas das minúsculas e agudas chinelas, e todas esguias em seus longos xailes caídos, e nas suas longas e compridas saias, que se lhes colam à linha fina das pernas, com as roupagens de estatuetas de Tânagra".

Também o lente de medicina e homem de letras Tomás de Carvalho atribui à tricana de Aveiro, cuja formosura considera inexcédível no país, "esse tipo imortal de beleza feminina". Descreve-a "de olhos vivos, alegres e travessos, dentes de uma alvura de jaspe, incomparáveis; feições regularíssimas, o corpo estatuário. A tricana é positivamente um enxerto da Geórgia ou da Circassia". Relevando-lhe os dons que a tornaram famosa, o mestre termina: - "Agora acrescentai que, com quanto de uma vida dura e cortada de trabalho, o seu trato é por extremo polido e delicado, as maneiras palacianas, o conversar finíssimo e espirituoso. - A tricana é o enlevo dos olhos. - Isto vem da raça".

Fechamos esta selecta com um excerto da reportagem sobre Aveiro do jornalista António de Cértima, subintitulada — A tricana - Nossa Senhora

do Encantamento. Escreve assim: - "... E rítmica, esbelta, triunfadora, - a tricana passa: Passa majestática e graciosa como ânfora - a âncora fenícia de que descende. O passo miúdo, bem lançado, o busto erguido como magnólia de orgulho que um caule tenro, flexível como narciso, segura delicadamente, o caule da cintura fina, fragilíssima...; a garganta nua, pedindo colares de filha de rei, a cabeça nua, emoldurada da treva dos cabelos ou diademada com a seda negra da faixa grega ou judaica...".

É este o rastro brilhante de gerações sucessivas de tricanas que marcaram toda uma época, esvaída em saudade com o "Molho de Escabeche" a encerrar a inesquecível trilogia de revistas-fantasia de cunho regional, já que foram vãs as tentativas posteriores de um renascimento, como os casos prometedores mas efémeros de "Ainda Canta o Galo" e "Escabeche e Piripiri".

Indubitavelmente que o apogeu da memorável trilogia se atinge com a apresentação do faustoso "Molho de Escabeche", composto de festivos e esplendorosos quadros, e de uma excelente partitura musical. É deste "molho" a preceito, que nos permitimos destacar o lindíssimo quadro "Era uma vez...", personificado pelo fidalgo e a tricana, junto da fonte dos Arcos, onde tem lugar um idílico amor, ilustrado pela pena brilhante, lírica e romântica, do poeta Dr. Luís Regala.

Pois como se sabe, aquele diálogo amoroso inspira-se na história apaixonante, ocorrida por volta de 1875, entre o Marquês de Castelo Melhor e a tricana Isabel de Almeida, que deu brado na então corte de D. Luís I.

Vejamos quem foram os protagonistas reais desse romance vivido intensamente, que teve por epílogo um funesto desígnio.

João de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga, 5º e último marquês de Castelo Melhor (10.11.1841-20.01.1878).

Verdadeira encarnação do fidalgo romântico, desinibido e aventureiro, foi insigne toureiro e um dos fundadores do Clube Tauromáquico. No dizer dos que de perto o conheciam, era considerado o fidalgo mais simpático do país.

A família dos Vasconcelos, uma das nobilíssimas de Portugal, procede do Capitão Mem Rodrigues de Vasconcelos, celebrado em "Os Lusíadas", e grande favorito do rei D. Dinis, descendendo de D. Rodrigo Velloso, filho de D. Ramiro III de Leão.

Conforme assento no Livro nº 14 - 1820-1859, folha 174 verso, da Paroquial da Vera-Cruz, Isabel de Almeida nasceu em 25 de Setembro de 1853, e foi baptizada em 2 de Outubro do mesmo ano, sendo filha legítima de José de Almeida Moreira e de sua mulher Maria Rosa, moradores na dita freguesia; neta paterna de João de Almeida e de sua mulher Maria Moreira, da vila de Mira; e materna de José Luís da Maia e de sua mulher Joana Margarida, naturais da Vera-Cruz. Apadrinharam o acto de baptismo o Padre João Nunes Duarte, de Fermente-

los, e Dona Ana Rita Isabel de Carvalho Queirós.

Ora, a paixão entre os dois, nasceria aquando das visitas do marquês a Aveiro, para conhecer a terra onde sua mãe, que segundo crê Homem Christo, era filha do marquês de Ponte de Lima. As vindas repetem-se, e o marquês de Castelo Melhor em 16 e 19 de Setembro de 1875, dirige na Praça do Campo de São João (Rossio) duas sensacionais touradas em benefício do Asilo de José Estêvão. Além de outros fidalgos, toma parte o administrador e técnico-agrário do marquês, de nome João Meleças, integrado no grupo de forçados, do qual falaremos adiante.

Não levaria por certo muito tempo, que nas suas deslocações a Aveiro, mais frequentes pela nossa atraente terra, o marquês lograsse encontrar a tricana Isabel de Almeida e, fascinado pela sua beleza, a conquistasse com os seus modos de irradiante simpatia.

E foi assim que a tricana, a bela plebeia, pela mão do apaixonado fidalgo de alta estirpe, investida em dama senhorial, viria a deslumbrar e conquistar a corte. Mas, para os familiares do marquês, rico e solteiro, era por demais evidente aos seus olhos, que a formosa Isabel representava uma inesperada intrusa a interpor-se como séria candidata aos teres e haveres do fidalgo. Até porque, fruto da paixão idolatrada que nutriam, nasceria em 28 de Abril de 1877 uma sua filha, a qual receberia o nome de Maria da Pureza de Vasconcelos e Sousa, que mais tarde viria a ser pelo matrimónio Condessa da Ribeira Grande.

O comportamento digno e exemplar de Isabel de Almeida, o porte e as maneiras palacianas com que se apresentava e conduzia nos salões da corte, causariam a admiração do próprio monarca pela origem modesta de tão distinta mulher. E de tal forma cativado pelos seus dotes e encanto, El-Rei D. Luís I, por mercê expressa, concedeu a ambos a permissão de se unirem pelos sagrados laços do matrimónio. Mas, o destino, abruptamente degenerado, assim não o permitiu. Três dias antes da data apazada para o feliz enlace, o marquês de Castelo Melhor, em circunstâncias um pouco estranhas, morre repentinamente.

Consumara-se o trágico romance de amor. Isabel de Almeida com o coração dilacerado pela dor, atenta contra a vida. Só muito mais tarde, recomposta do grande infortúnio, veio a contrair matrimónio com o técnico-agrário João Meleças, de cuja união houve três filhos. Com avançada idade, finar-se-ia em meados da década de quarenta.

Quase marquesa, que não "rainha", termo usado por alusão pelo poeta Paulo Carique no soneto intitulado "Aveiro", transcrevemos os dois tercetos:

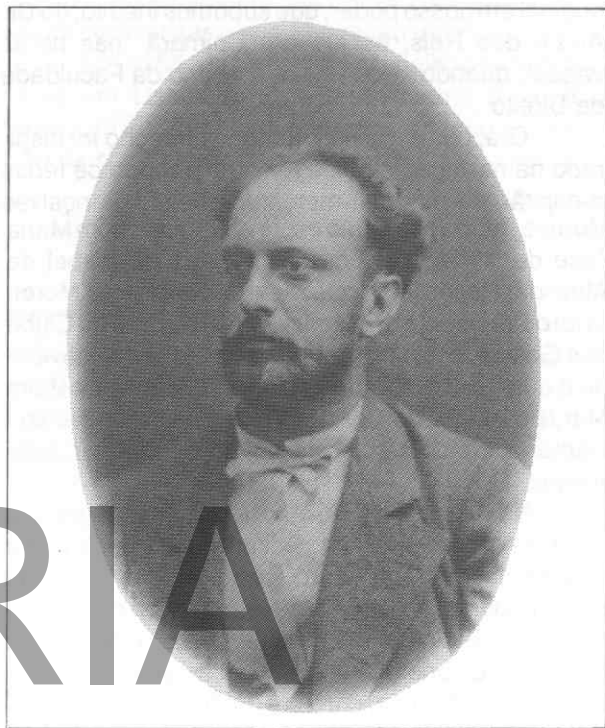
"... E as moças têm perfis com distinção e raça!
- Essa gente do povo, a gente ribeirinha... -
Um tipo defenido e uma infinita graça.
Com que leveza firme aquela não caminha,

De olhar aberto e franco, em direcção da Praça,

Descalça, quase pobre... e quase uma rainha!"

Mas para que não bastasse de tanta desventura, um novo e rude golpe iria ferir profundamente o seu coração de mãe. A morte trágica da extremosa filha Maria da Pureza, filha do grande amor da sua vida, relatada assim pela revista ABC em 20 de Janeiro de 1921.

"A aristocracia portuguesa sofreu um rude golpe com a morte duma das senhoras da primeira



Marquês de Castelo Melhor.

nobreza, a senhora D. Maria da Pureza, condessa da Ribeira Grande e pertencente à nobilíssima casa de Castelo Melhor.

A ilustre senhora era pela sua educação, pela sua beleza, pelo seu talento, uma das figuras de mais alto relevo da aristocracia. Habitava há algum tempo em Londres e foi nessa cidade que se suicidou. Ao visitar a Abadia de Westminster, subiu à sua alta torre e despenhou-se, tendo a mais horrível das mortes. A ilustre fidalga sofria de neurastenia.

O seu fim comoveu profundamente toda a gente, já pelas circunstâncias em que se deu, já porque D. Maria da Pureza só tinha simpatias à sua volta pela bondade do seu coração e pela beleza do seu carácter, pela maneira porque se conduzia fazendo sempre o bem e espalhando gentileza e graça".

Para além da neurastenia, queremos também crer que questões sentimentais estariam na origem do tresloucado acto de Maria da Pureza na capital britânica, onde o conde, seu marido, exercia funções na embaixada.

Como diz Homem Christo - "Pobre Senhora! Talvez houvesse sido mais feliz se tivesse ficado, apenas, Maria de Almeida, a neta do pescador! "E acrescenta: - "Este é o caso mais notável do poder sedutor das mulheres de Aveiro. Mas quantas mais!".

Regressando à Leonor e ao Fidalgo do "Molho de Escabeche", e como caso curioso, já a história de Isabel de Almeida havia servido de urdidura, em meados da primeira década deste nosso século, a uma opereta intitulada "O Marquês de Forte-Maior", em 3 actos repartidos por 40 cenas. Trata-se de um original em nosso poder, que supomos inédito, do Dr. André dos Reis, escrito em Coimbra "nas horas vagas", quando frequentava o 4º ano da Faculdade de Direito.

Ora, como diz no intróito, o entrecho foi inspirado na narração que lhe fez num período de férias o capitão da marinha mercante Manuel Gonçalves Moreira, (não José como escreve) casado com Maria José de Almeida e Sousa, sobrinha de Isabel de Almeida. Recorde-se que Manuel Gonçalves Moreira foi o Presidente da Comissão Instaladora do Clube dos Galitos, sócio nº 1 desta prestimosa colectividade e autor da celebrada letra das "Tricanas da Beira Mar,/Do Alboi e do Rossio,/Vamos na barca pró rio,/ Cantar à luz do luar..." musicado depois por João Aleluia.

Na opereta do Dr. André dos Reis, a tricana toma o nome de Branca. Resume-se a peça numa rocambolesca tramóia architectada pelo conde de Forte-Maior, primo do marquês. Em risco de ruína, e face a um eventual testamento que o deserdaria e aos seus, a concretizar-se a ligação amorosa entre o marquês e Branca, contrata um bando de malfeitores para obstar a uma tão triste situação de penúria.

Sabendo os maladrins dum encontro nocturno entre o apaixonado par, amordaçam por engano Genoveva. Verificando o logro, logo a libertam, sem mais cuidarem dela, que se esconde espavorida e fica à espreita.

Não tarda que surja Branca para o encontro aprazado. Lestos, vão sobre ela, que se debate, e conduzem-na ao palácio do conde, onde fica sequestrada. Entretanto, o famigerado primo faz constar que o marquês a tinha raptado. É então que Francisco, pescador e pai de Branca, corre alucinado, disposto a apunhalar o fidalgo, que, atónito, também a procura. Mas Francisco, emocionado, acaba por lhe implorar de joelhos a libertação da sua adorada filha.

Se não quando, por informação de Genoveva, os sinos tocam a rebate. O povo, armado, corre a libertar Branca. "Voa pelos ares o palácio do conde de Forte-Maior e ninguém nele se salvará. Venceu a justiça, triunfa o bem, e o mal sofre o merecido castigo!" Francisco, entre a filha e o marquês, exclama - meus filhos! Termina em festa com o coro final.

Porque já extenso este nosso apaixonante

tema, como homenagem final às "nossas Senhoras do Encantamento", fadas galantes deste Aveiro único, aqui quedamos de alma e coração abertos, a bendizer o vosso magnificante reinado, com a mais sentida emoção, a eterna lembrança na mente, e os versos que vos dedico da Tricana-Saudade.

Tricana de porcelana,
traços de fenícia,
de xaile traçado.
Tricana de tez morena,
lembrança, carícia
do tempo passado.

Tricana, tricana bela,
suave chinela,
tão leve a pisar
o chão da cidade.
Relíquia de outrora,
que só vive agora
de amor e saudade.

Tricana de Aveiro
na doce paisagem,
só recordação,
Tricana de Aveiro,
a eterna miragem
dos tempos de então.

Tricana, gentil tricana
de colo ondulante
à brisa do mar.
Tricana, gentil tricana,
do tempo distante
pudesses voltar.

Tricana, tricana bela,
suave chinela,
tão leve a pisar
o chão da cidade.
relíquia de outrora,
que só vive agora
de amor e saudade.

Amadeu de Sousa

Aveiro, Junho de 1990

Obras consultadas:

- "Litoral" de 25.07.86
- *Notas da Minha Vida e do Meu Tempo* - Homem Christo
- *Revista "ABC" - Anos I e II*
- "*Correio do Vouga*" de 10.05.52 - *Mãos Rotas de Luz* - Almada Negreiros
- *Episódios da Minha Vida* - S. de Magalhães Lima
- *Aveiro e o seu Distrito - Considerações sobre gente de Aveiro* - Eduardo Cerqueira
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*
- *Portugal Antigo e Moderno*
- *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*
- *Arquivo do Distrito de Aveiro*
- *Almanaque Desportivo do Distrito de Aveiro* - João Sarabando, M. Costa e Melo, Virgílio Veiga
- *O Marquês de Forte-Maior (Opereta)* - André dos Reis.

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES

Um ligeiro apontamento sobre um notável cientista aveirense

João Gaspar

Neste ano de 1990, a 7 de Fevereiro, ocorreu o segundo centenário da morte, em Islington (Inglaterra), de João Jacinto de Magalhães, um dos mais afamados cientistas do século XVIII, de renome internacional. Filho de Clemente de Magalhães Leitão e de D. Joana Lourenço Soares, nasceu em Aveiro, a 4 de Novembro de 1722, e foi baptizado na igreja matriz de S. Miguel, a 22 do mesmo mês. Ao que consta, era sobrinho-trineto do circum-navegador Fernão de Magalhães.

Passados alguns anos, consciente do modo imaturo como ele e outros faziam os votos religiosos, obteve do Papa o breve de secularização; saiu do Mosteiro e vestiu a batina vulgar, até que viria a desfazer-se totalmente das vestes clericais. Julgava assim concretizar a sua libertação interior.

Em 1755, João Jacinto Magalhães encontrava-se em Lisboa e pôde testemunhar o violento terramoto de 1 de Novembro, que arrasou a cidade. São da sua autoria duas descrições da catástrofe -

Registo do nascimento e do baptismo de João Jacinto de Magalhães (Arquivo Distrital de Aveiro - Aveiro, Freguesia de S. Miguel; livro nº 9, Baptismos, fl. 91)

Em o vinte e duas dias do mes de Novembro do anno
de mil e settecentos e vinte e duas baptizou o muni-
cipal o Sr. D. Theodorico de Figueiredo a Thomaz filho
de Clemente de Magalhães Leitão e de sua mother D.
Joana Lourenço Soares, a qual nasceu com os quaes o dia
do parto mes como foram padrinhos Luis da Maga-
la Gama e Antonia de Sousa e a Sr. D. Joana de Sousa
de Sousa, por quem tocou D. Manoel Henrique com
sua proleccao; de que fez este acta, que assignei
diagrama canonicamente
O Prior do Grande S. Francisco

Mandado para o Mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, da Congregação dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, quando apenas tinha onze anos de idade, aí professou em 21 de Junho de 1743, com o nome de D. João de Nossa Senhora do Desterro.

Cedo se viria a revelar como homem dotado de invulgares dons intelectuais e culturais, com manifesta propensão para as ciências físicas. Quando o astrónomo francês Gabriel de Bory, revestido com o hábito dos frades de Santo Agostinho, veio a Aveiro para observar o eclipse total do sol em 26 de Outubro de 1753, visitou-o em Coimbra, no regresso a Lisboa... tal era a sua fama. Foi ele que o levou a ver as curiosidades do Mosteiro de Santa Cruz e da Biblioteca da Universidade; vêm dessa altura as relações de amizade entre os dois, que perduraram pela vida adiante.

uma publicada no "Journal de Scarrans" (1759) e outra no "Journal d'Étranger" (1760). No primeiro escrito chega a elogiar o trabalho de reconstrução, da iniciativa do Marquês de Pombal, com quem colaborara até ao momento de deixar o país, devido ao despotismo do mencionado governante. Por volta de 1757, encontrava-se em Paris, aí convivendo com indivíduos notáveis, que eram das suas relações, em especial com o grande amigo e distinto médico português Dr. António Nunes Ribeiro Sanches.

Anos mais tarde, cerca de 1754, fixou-se definitivamente em Londres, onde viviam construtores de instrumentos científicos, de reputação mundial, como Dollond e Jesse Ramsden. Uma vez nessa cidade, João Jacinto de Magalhães, dedicando-se sempre à física e à mecânica, construiu, aperfeiçoou e inventou vários instrumentos de precisão.

Ficou célebre o relógio que inventou, o qual, por meio de campainhas de diferentes tímbrs, indicava as horas, as meias horas, os quartos de hora, os minutos, os dias de semana, do mês, da lua, etc.; tal aparelho foi extremamente útil ao duque Luís d'Aremberg que, cegando por completo aos 24 anos, lho sugeriu, nunca suspeitando que isso fosse possível. Também é de registar a inclusão de um pêndulo numa máquina de Atwood - um instrumento que era usado nos gabinetes de física para demonstrar a lei da gravidade de Newton.

"Este nome pátrio (João Jacinto de Magalhães) cobre uma verdadeira celebridade notabilizada e autenticada no mais alto meio científico do seu tempo"

Ricardo Jorge
("A Medicina Contemporânea", Vol. XIII, 1910, pg. 3)

Escreveu variadíssimas obras em francês sobre ciências experimentais; uma delas foi traduzida em inglês e outra em alemão. Colaborou assiduamente, entre 1778 e 1783, no "Journal de Physique", editado pelo físico francês Padre Jean-François Piltre de Rosier.

Asua crescente notoriedade abriu-lhe as portas da Real Sociedade de Londres, que o admitiu em 1774; foi outrossim membro das Academias das Ciências de Paris, de Madrid e de S. Petersburgo. Desta forma, teve a oportunidade não apenas de ainda mais se tornar conhecido, de ser consultado e de receber encomendas de trabalhos científicos e mecânicos - inclusivamente dos governos de Portugal e de Espanha - mas também de contactar e manter correspondência com grandes vultos da

ciência, como Euler, Herschel, Lavoisier, Volt e Watt. Ele próprio seria de ligação entre Londres e S. Petersburgo, na transmissão ou intercâmbio de conhecimentos científicos, nos últimos anos da sua vida.

Pode afirmar-se, sem qualquer dúvida, que este ensigne aveirense foi um dos que, no século XVIII, mais honraram o nome de Portugal. Por isso, o Departamento de Física da Universidade de Coimbra promoveu a realização de um congresso com uma série de conferências e debates, em que participaram destacados historiadores da ciência europeia, tanto nacionais como estrangeiros, de forma a evidenciar o papel de João Jacinto Magalhães na difusão das ideias científicas nos finais de Setecentos. Os trabalhos, que comemoraram o bicentenário da sua morte, decorreram de 7 a 10 de Novembro do corrente ano, primeiro da Universidade de Coimbra e, a finalizar, na Universidade de Aveiro.

"João Jacinto de Magalhães, "já tão útil aos sábios pelas canseiras que se impõe para favorecer a sua correspondência e as suas observações, se torna ainda mais útil por ideias engenhosas que lhes fornece para o progresso da física"

"Journal des Savans", 1780
(Cit. por A. Sousa Pinto, A Vida e a Obra de João Jacinto de Magalhães, Porto, 1931, pg. 16)

Fazemos votos por que a Câmara Municipal de Aveiro, no constante propósito de lembrar os aveirenses que engrandeceram a sua terra, encontre forma capaz de celebrar o nome prestigiado de João Jacinto de Magalhães. Decerto que não será difícil, colocando-o pelo menos na toponímia citadina.

João Gaspar

"Por menos que valha o meu trabalho, resta-me sempre a satisfação de ter servido o público, de boa vontade e o melhor que pude, particularmente o público das duas nações espanhola e portuguesa, a que sou dedicado do coração. Unicamente ao meu zelo devo coragem para vencer as dificuldades que naturalmente se encontram numa situação como a minha, residindo num país estranho, sem fortuna, com recursos que não vão além do estritamente necessário, exprimindo-me numa língua que não é a minha, sem saúde e já velho. Às almas sensíveis que lerem estas linhas não deixará de ser grato o meu sacrifício; só a elas me dirijo, e só o seu juízo me importa".

João Jacinto de Magalhães

Publicado na Revista da Universidade de Coimbra, vol. XI, pgs. 180-181

"O AMERICANO"

Fausto de Matos Melo Ferreira

(À minha mulher Rosa Pinheiro Ferreira)

Sabem o que foi "O AMERICANO"?

Todos falam dele, houve uma rua com este nome (a actual Rua do Comandante Rocha e Cunha) mas, presentemente, poucos são os leitores que saberão explicar o que foi...

Vou procurar esclarecer o assunto:

Em 30 de Outubro de 1873 o Presidente da Câmara de Aveiro, Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, em sessão camarária desta data, apresentou um requerimento do Eng. Silvério Augusto Pereira da Silva, residente nesta cidade, no qual **"sollicita licença para construir e explorar um caminho americano - Tramway - entre a Estação do Caminho de Ferro e o Caes desta cidade que deverá seguir pelo ramal entre esta e o Convento de Sá, continuando pelas ruas da cidade que conduzem ao Caes"** (hoje Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas).

A Câmara resolveu que o requerimento fosse remetido ao Governador Civil do Distrito a fim de a Repartição de Engenharia Distrital se pronunciar sobre o assunto.

Em reunião camarária, que se efectuava **"no dia de quinta feira de cada semana ou no dia imediato se por ventura o dia de quinta feira for santificado"**, de 15 de Janeiro de 1874, foi presente novo pedido mas desta vez de João Tavares Avelim, proprietário, desta cidade.

Este último declarava desejar montar uma linha férrea pelo sistema americano (Tramway), de uma só via, de cerca de 1.500 metros, que partindo do Cojo, iria à Estação do Caminho de Ferro, sendo todas as despesas de montagem e de exploração por conta do requerente.

A edilidade deliberou que este também carecia do parecer da Repartição de Engenharia Distrital, para o que o remete ao Governador Civil.

Em 5 de Fevereiro do mesmo ano foi presente, à sessão de Câmara, o parecer favorável daquela Repartição de Engenharia, pelos ofícios de 23 e 31 de Janeiro último, dos requerimentos apresentados **"cada um por si"**, de Silvério Augusto Pereira da Silva e de João Tavares Avelim, que é do seguinte teor:

"ILLmº Snr.

Em resposta ao officio de V. Sª nº 356 que acompanhava um requerimento de Silverio Augusto Pereira da Silva, engenheiro, sollicitando licença para assentar um caminho de ferro pelo sistema americano ("Tramway") entre o Caes da cidade e a estação da linha ferrea, a fim de se poder resolver não só a questão do caminho de ferro americano, como outras de maximo interesse para o municipio e para a Cidade, como V. Sª sabe, cumpre-me dizer a V. Sª que attentas as excellentes condições da nova via a construir e que levando em consideração o futuro da Cidade, a salubridade e a segurança publica, o engenheiro distrital é de parecer:

1º - *Que attenta a importancia de um tão util*

melhoramento deve a Camara da sua presidencia conceder a licença requerida, com a clausula de que o estabelecimento do caminho de ferro ha de ser feito sobre empedrado da nova rua a construir desde a praça, pelo Cojo, Arnellas, até à estação e nunca pelas ruas actuais do centro da Cidade, das quaes algumas são tão estreitas que mal comportam a passagem d'um trem ordinario;

2º - *Que o concessionario deve concorrer com alguma verba para a expropriação da casa junta ao chafariz da praça não só porque no caso de uma desvantajosa concessão pelo interior da Cidade, como pretende, era obrigado a expropriações avultadissimas como porque pela nova rua obtem um encurtamenbto e um mais livre transito;*

3º - *Que no caso de que o requerente aceite a concessão provisoria nos termos d'estas condições deve dar parte à Camara, da aceitação no praso de trinta dias para serem formuladas por esta repartição as condições da concessão definitiva relativas tanto á construção como á Camara, da aceitação no praso de trinta dias para serem formuladas por esta repartição as condições da concessão definitiva relativas tanto á construção como á exploração.*

Devolvo portanto o requerimento para que obtenha o despacho de que for digno.

Deus Guarde a V. Sª

Aveiro, 23 de Janeiro de 1874.

O Governador Civil, Manuel Jose Mendes Leite.

ILLmº Snr. Presidente da Camara d'Aveiro".

Ponderadas as razões apresentadas e reconhecendo a Câmara que seria um importante melhoramento para a cidade, acordou entregar a concessão, provisoriamente, a Silvério Augusto Pereira da Silva, por ter sido o primeiro a requerer, desde que o mesmo respeite as condições apresentadas por aquela Repartição de Engenharia e no pagamento da expropriação efectuada no prédio situado entre as duas pontes (Pontes dos Arcos e das Almas ou do Côjo e hoje Ponte Praça) pertencente a D. Margarida Angélica Henriques de Carvalho.

Também foi resolvido que fosse feito um levantamento do percurso entre a praça do Comércio (Praça Dr. Joaquim de Melo Freitas) até à Estação do Caminho de Ferro do Norte, com um ramal para a Fonte Nova.

Em sessão de 20 de Abril de 1874, presidida por Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, foram apresentadas, pela Repartição de Engenharia Distrital, as seguintes condições para a concessão do caminho de ferro americano da Praça do Comércio à Estação do Caminho de Ferro do Norte.

SOBRE A GARANTIA DO CONTRACTO

1º - Para garantia do perfeito cumprimento das

presentes condições depositará a concessionaria no cofre do Município dentro de noventa dias, a contar da data da concessão, em dinheiro ou inscrições do Governo, cotadas pelo valor do mercado, a quantia de duzentos mil reis ou prestará um fiador idoneo que fique responsável para com a Camara por aquella quantia.

2º - Depois de approvada e aberta á exploração toda a linha com o seu material fixo e circulante completos, poderá o concessionario levantar os depositos dos duzentos mil reis ou a fiança prestada, ficando considerado como deposito todo o material fixo e circulante para garantia das condições gerais do contracto, principalmente das que dizem respeito aos concertos das ruas e estradas.

SOBRE EXPROPRIAÇÕES

3º - Fica obrigado o concessionario a fazer as expropriações indispensaveis para o estabelecimento de estações ou dependencias da via no caso de que julgue isso necessario.

4º - Os terrenos necessarios para tal fim serão expropriados por utilidade publica em virtude do Decreto de 11 de Maio de 1872 e mais legislação vigente.

SOBRE O PROJECTO DA DIRECTRIZ

5º - O eixo do traçado será estudado pela direita da estrada indo da Praça para a Estação do Caminho de Ferro, não sendo permitido de modo algum cortar a estrada.

6º - Este eixo do traçado, alem de ser paralelo aos alinhamentos e curvas do empedrado da estrada, seguirá sempre os traneis e planos das ruas e estradas por onde passar.

7º - Ficam exceptuadas das condições 6ª as curvas ocasionadas pela necessidade de assentamento de linhas de desvio.

8º - O projecto que tem de ser approved pela Camara mediante informação da Repartição Distrital, deverá constar das seguintes peças desenhadas:

Planta Geral

Perfil longitudinal

Perfis transversais nos pontos em que convierem linhas de desvio.

SOBRE O MATERIAL FIXO

9º - O typo de carris será de bom systema e ferro de boa qualidade.

Só serão admittidos carris em perfeito estado de conservação com as dimensões peculiares a estas peças.

O seu assento será feito de modo que não apresentem deformações nem disjunções que prejudiquem tanto a viação ordinaria da estrada, como a do caminho americano.

10º - Seja qual for o systema adoptado na fixação dos carris ao pavimento da estrada, nunca os espaços da prisão poderão exceder um metro.

11º - As agulhas nas linhas de desvio, além de

serem construidas com toda a solidez e de modo que garantam toda a facilidade na mudança rápida da linha, deverão ser collocadas em pontos onde não embarquem o transitio ordinario.

12º - As curvas serão traçadas com a maxima perfeição, devendo o carril do lado da curva de maior raio ficar alguns milímetros mais elevado que o seu paralelo.

13º - A faixa, fora e dentro dos carris, será macadamizada com uma camada de pedra britada de 0,20m. de espessura.

Na medição da espessura do empedrado será incluído o material da fixação.

14º - As estações, quando necessarias, serão collocadas em locais aprovados pela Camara e onde não embarquem o transitio publico, nem tão pouco prejudiquem o embellestamento desses pontos quer no presente quer no futuro.

15º - No caso de serem necessarias deverão as estações ser construidas com solidez, elegância e segurança apresentando os commodos indispensaveis para prehencherem o seu fim.

16º - Os carris serão assentes ao nivel da estrada sem saliencia nem depressão, excepto nos casos previstos na condição 12ª no lado direito do empedrado indo para a Estação do Caminho de Ferro, por forma que não embarquem o transitio de passagem e de vehiculos ordinarios.

17º - O projecto do material fixo que tem de ser approved pela Camara mediante informação da Repartição Distrital, deverá constar das seguintes peças desenhadas:

Uma secção cotada de cada travessa, cubo de pedra d'asphalto, betom ou material que empregar para a fixação ao pavimento dos carris.

Uma secção do carril empregado com a designação do seu comprimento e peso por metro corrente.

Plantas, alçados e cortes das estações (quando necessárias).

Planta de uma agulha com a designação do systema empregado.

SOBRE O MATERIAL CIRCULANTE

18º - As carruagens serão dos melhores modelos suspensas sobre molas e devidamente resguardadas.

Estas carruagens terão a numeração da ordem e a designação do numero de passageiros que comportam. Esta lotação será determinada pela Câmara e pelo Administrador do Concelho.

19º - Os carros para os transportes de materiais serão solidamente construidos, assentes sobre molas, e não poderão accupar transversalmente uma largura superior á das carruagens.

Alem disso serão perfeitamente vedadas de modo que no transporte de sal não deixem cair sobre o pavimento da estrada a minima porção deste produto.

SOBRE OS ENCARGOS DO CONCESSIONÁRIO

20º - O concessionario não tem direito a indemnisação alguma nem pelos prejuizos que na via ferrea

produzir o transitio ordinario, nem pelos que o estado da estrada possa causar na linha, nem pela abertura de novas vias de communicacão, nem por trastornos ou interrupção de serviço motivada por medidas temporarias de ordem de policia, ou por trabalhos executados na via publica pelo Governo, pela Municipalidade, ou por empresas ou particulares legalmente autorizados, nem finalmente por qualquer causa resultante do livre uso da estrada.

21º - A Camara mandará fiscalisar, por intermedio da engenharia distrital, não só os trabalhos do assentamento dos carris da linha e suas dependencias, como a propria exploração.

22º - Durante a execução das differenres obras da linha ferrea o concessionario tomará todas as precauções para não serem prejudicadas a liberdade e segurança do transitio publico.

23º - São applicadas ao concessionario as leis, regulamentos do Governo, e os acordãos municipaes em vigor ou que de futuro se promulguem quer sobre viação publica quer sobre policia, higiene ou segurança publica.

24º - Fica o concessionario obrigado ao prejuizo que causar nas ruas e estrada municipal não só durante a construção como durante a exploração.

25º - É dado ao concessionario a contar da data da concessão, o praso de tres meses para apresentar os projectos mencionados n'estas condições.

26º - Depois de aprovados pela Camara todos os

ferreas americanas ou d'outro qualquer systema para qualquer parte da Cidade ou para fora d'ella se as necessidades futuras ou conveniencias publicas, assim o exigirem, uma vez que as directrizes d'essas novas concessões não tenham nada de comum com a actual.

30º - As duvidas suscitadas entre o concessionario e a Camara sobre circunstancias imprevistas n'estas condições serão resolvidas por peritos em igual numero de parte a parte.

31º - Quando se dê o caso de empate serão essas duvidas resolvidas nos tribunais administrativos segundo o processo ordinario marcado na lei.

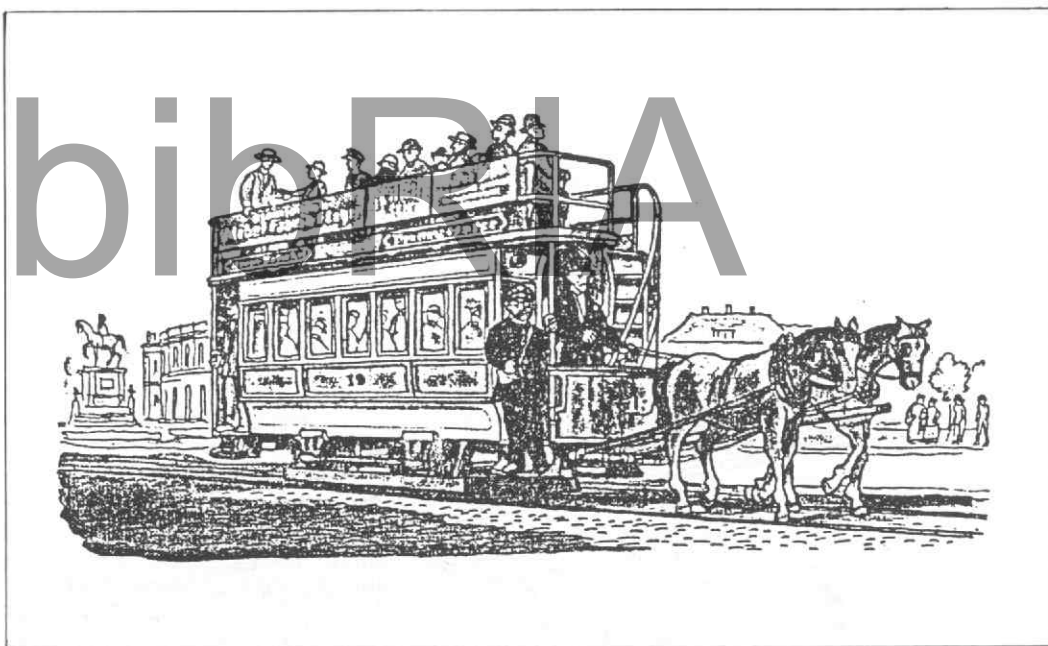
32º - O movimento das carruagens e dos carros será sempre compativel com o movimento de passageiros e de materiais.

33º - O horario e tabella de preços em qualquer epoca ficam a arbitrio do concessionário mas não serão postos vigor sem approvação da Camara.

34º - Depois de aprovado o horario e tabella de preços propostos pelo concessionario, fica na obrigação de faser cumprir por si ou por empregados sob pena de ficar sujeito ás consequencias da transgressão.

ENCARGOS DA CAMARA

35º - Para a expropriação de terrenos necessarios



Carro "americano" de passageiros.

projectos e a contar da data da approvação dará o concessionario, dentro do praso de seis meses, principio ao assentamento dos carris.

27º - É marcado o praso de dez mezes a contar do dia em que der principio para a total construção da linha ferrea e suas dependencias desde a Praça do Comércio até á Estação do Caminho de Ferro do Norte.

28º - No caso da falta de execução destas condições perderá o concessionario direito ao respectivo deposito mencionado na condição 1ª.

Ficam porem salvos os casos de força maior.

29º - O concessionario não pode obstar a que pela Camara sejam feitas concessões d'outras quaesquer vias

para as dependencias da linha apenas a Câmara requisitará o Decreto de expropriação por utilidade publica, ficando a cargo do concessionario toda e qualquer despesa resultante da expropriação.

36º - A Camara considerando o caminho de ferro como via publica fará applicar aos transgressores de posturas municipaes e aos malfeitosores da linha ferrea as penas impostas pelos acordãos municipaes.

37º - A Camara obriga-se a construir o lanço de estrada municipal da Praça á Estação dentro do praso de dez mezes a contar do dia da concessão.

Se porem por circunstancias imprevistas a Camara não puder concluir o lanço n'esta epoca de tempo será

concedido ao concessionário novo prazo compatível com a duração da obra.

38º - A Câmara permite ao concessionário licença para simultaneamente assentar carris e mais dependências durante a construção do lanço de estrada, mas de modo algum pode permitir que seja embaraçada a construção por motivo do caminho americano.

DIREITOS DA CAMARA

39º - A Câmara, além dos direitos conferidos por estas condições, mandará fiscalizar a construção e examinar os materiais a empregar, suas dimensões e natureza, e empregará os meios que a lei lhe faculta para que a segurança pública não seja comprometida.

40º - A Câmara reserva para si o direito de poder mandar desviar a linha ou marcar-lhe outra directriz dentro da Cidade no caso de grandes melhoramentos, quer elles consistam na abertura de novas ruas ou novos alinhamentos das actuais, quer na formação de novas praças, jardins, etc..

41º - Finalmente, são estas condições considera-

das como suplementares ás condições exaradas no officio nº 663 enviado á Camara d'Aveiro por esta Repartição com data de 23 de Janeiro do anno corrente e assignatura do Exmº Governador Civil d'este Distrito.

Aveiro, 10 d'Abril de 1874.

O 1º Engenheiro, Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.

A Câmara concordou com as condições apresentadas e ratificou, por escritura pública, a concessão feita a Silvério Augusto Pereira da Silva.

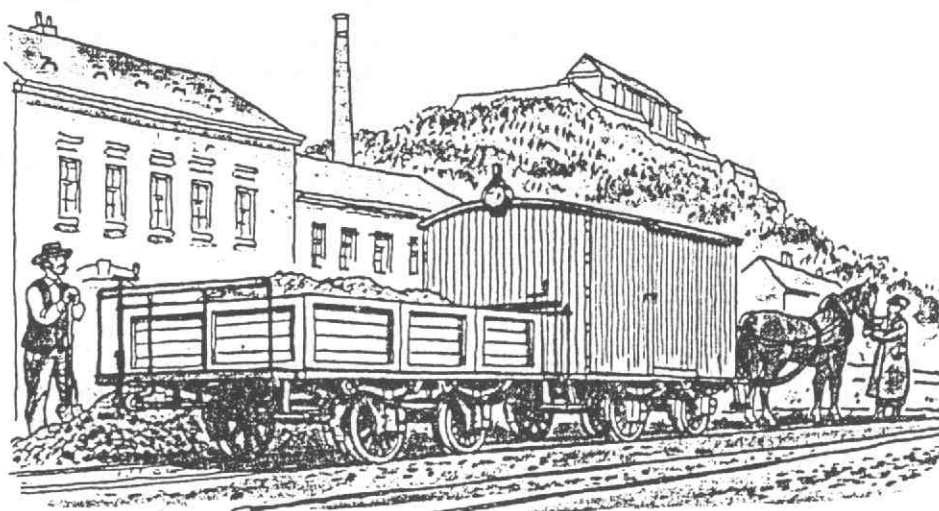
Em sessão de 9 de Junho de 1874 foi lido, pelo Presidente, um officio daquele Concessionário, com data de 4 do mesmo mês e anno, no qual declara que havia feito o trespasse da concessão da linha do caminho de ferro americano - "Tramway" - a Agostinho Francisco Velho, Manuel Justino d'Azevedo, Henrique Carlos Meirelles Kendall e Maximiliano Scherech, residentes no Porto, conforme escritura de cessão e quitação lançada no livro de Notas do tabelião Thomaz Megre Restier em 25 de Abril de 1874.

A Câmara resolve aprovar o trespasse.

E assim ficámos sem "O AMERICANO"!...

Fausto Ferreira

bibRIA



Carro "americano" de transporte de mercadorias.

MUSEU DA RIA DE AVEIRO

Avaliação do projecto de criação de um ecomuseu

Daniel Tércio Ramos Guimarães

1. A ideia de um **museu da ria de Aveiro** não é, nem recente, nem original. Uma breve (não exaustiva) análise das publicações locais, nomeadamente da imprensa regional nos últimos cem anos, revela, entre as preocupações de conservação e defesa do ambiente e do património, a existência de verdadeiros programas de implementação de um museu local, capaz de reflectir a riqueza natural e cultural da região conhecida por **RIADE AVEIRO**.

Recuando a 1896, já nessa altura surgia no bissemanário **Campeão das Províncias** o projecto de realização de uma exposição alusiva à ria de Aveiro, da autoria do barão de Cadore e do eng. Mello de Matos. Este viera para Aveiro chefiar a 2ª circunscrição hidráulica em 1887 e, no dizer de A. G. da Rocha Madahil, "sentiu a unidade geográfica e etnográfica da ria e região envolvente, por ela condicionada, realidade a que nem sempre se tem devidamente atendido em arrumações territoriais. (1)

O objectivo desta exposição, que não se realizou embora chegasse a ter comissão promotora na secção fluvial do Ginásio Aveirense, era dar a conhecer a Ria de Aveiro em todos os seus aspectos.

Do programa geral, onde Mello de Matos se mostrava preocupado com o rarear de certas actividades, faziam parte 8 secções:

- I — Pescarias (pesca marítima e pesca fluvial),
- II — Colheita do moliço,
- III — Indústria do sal,
- IV — Cultura do junco,
- V — Indústrias diversas,
- VI — Modelos de casas e mobiliário,
- VII — Plantações para fixação das dunas,
- VIII — Documentos gráficos.

Mais tarde, passando sobre outras iniciativas igualmente válidas, já na década de sessenta, uma semelhante preocupação pelo desaparecimento de actividades artesanais se fez sentir nas reuniões da junta distrital. "Dentro em pouco nada já restará do que constitui a característica etnográfica da região, e isto exactamente numa época em que todo o mundo procura salvaguardar tudo o que seja tradição ou pitoresco, numa simultânea exigência da Ciência e do Turismo, (2) declarava Humberto Leitão em reunião de 25 de Março de 1964. O objectivo era o de criar um museu de etnografia, história e arte regional do baixo Vouga, a par do Museu de Arte da cidade.

Em suma, manifestou-se uma consciência, que se tem renovado em diferentes momentos, da necessidade de implementação de um museu da ria. Revelou-se também uma sensibilidade para um conjunto de materiais que

urge proteger e preservar, no sentido de prolongar uma memória colectiva. Esboçaram-se mesmo programas de organização de tais materiais.

Quando, em 1982, integrei a equipa dirigida pelo arqtº Hélder Guimarães, a quem coube projectar a recuperação e arranjos da zona do Rossio, em Aveiro, a questão da construção de um espaço museográfico sobre a ria tornou à ribalta. O projecto previa a construção de "uma estrutura central composta por um aquário, um museu e uma sala de exposições, enquadrando um anfiteatro exterior e rodeada por um espelho de água; esta estrutura ligar-se-ia a uma zona comercial (café) e a uma estufa de flores".

Pretendia-se que todo o equipamento a construir fosse investido numa mesma directriz: a de revelar a complexidade natural e cultural sob a unidade geográfica da ria. Ficava subentendida a ideia de que a articulação entre as diversas peças de arquitectura reflectiria os equilíbrios internos do ecossistema lagunar. Do texto do PROGRAMA BASE constava esta consideração:

"... a concepção da Ria como um ecossistema justifica a articulação em aberto entre o corpo do aquário e o corpo do museu propriamente dito".

A ideia de um ecomuseu era aqui sugerida pela primeira vez, com a referência explícita à colaboração de instituições locais: universidade, autarquias e associações culturais.

Entretanto, de 83 a 85, apoiado pelo pelouro cultural da C. M. de Aveiro, encetei um estudo sobre as embarcações tradicionais. Interesavam-me, especialmente, as pinturas que, de modo geral, ostentam todos os barcos da ria, em especial o moliceiro. Os problemas de conservação e de defesa, face respectivamente ao aviltamento e ao desaparecimento desta porção do nosso património cultural, remetiam (e remetem) a todo o instante para a necessidade e até para a urgência em dar realidade física ao projecto de um **museu da ria**.

Progressivamente, de maneira algo imprecisa, delinee a hipótese de encarar áreas físicas da ria como espaços museográficos. Não se trataria de fazer substituir os museus tradicionais, instalados em recintos cobertos, por museus a céu aberto; a hipótese passaria pela articulação entre diversos tipos de instalação museográfica, segundo critérios mais cumulativos do que selectivos. Enfim, uma ideia de ecomuseu, porventura difusa e imprecisa, ganhou terreno no meu espírito.

2. O que se deve entender por ecomuseu?

Pese embora uma certa ambiguidade do conceito, deve partir-se da ideia de que o ecomuseu não surge da vontade em erguer (mais) um museu, mas constitui uma resposta a um problema de desenvolvimento comunitário;

(1) Pref. e Comentário a "Exposição alusiva à Ria de Aveiro" in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, sep. do Vol. XIII.

(2) "A propósito de um Museu de Etnografia", *Aveiro e o seu Distrito*; publ. da Junta Distr. de Aveiro, nº 3, 1976.

surge pois como um meio de participação e de intervenção da população no seu próprio progresso.

No artigo "Définition évolutive de l'ecomusée", (1) e Georges Henri Rivière explica o ecomuseu funcionando como um espelho - concebido, fabricado e gerido por uma população e um poder, que aí se reconhecem.

Simultaneamente cultural e natural, o ecomuseu oferece uma interpretação do homem no seu ambiente natural, e uma interpretação da natureza, quer no seu estado bruto, quer transformada e adaptada pelas sociedades humanas.

O mesmo G. H. Rivière declara, noutra ocasião:

"Science de l'environnement, l'écologie témoigne d'une même dualité. Écologie naturelle et écologie humaine, toutefois, tendent à se compénétrer, voire à se confondre". (2)

Uma nova aliança entre natureza e cultura parece anunciar a desactualização da velha dicotomia. A filosofia de conservação tende agora a associar o ambiente natural ao ambiente cultural.

Também a convenção sobre Protecção do Património Mundial, assinada por 53 Estados, reunidos na Conf. Geral da UNESCO em 1972, exprimiu esta nova visão. O nº de Agosto de 1980 de *Le Courier de l'UNESCO* é exclusivamente dedicado a este tema. No art. "nature et culture - patrimoine de l'homme" pode lêr-se:

"Jusqu'ici la sauvegarde du patrimoine culturel, d'une part, la protection de la nature de l'autre, apparaissaient comme deux problèmes distincts, et l'on considérait que la responsabilité d'assurer cette protection ou cette sauvegarde incombait uniquement aux pays dans lesquels se trouvent les sites culturels et naturels en question. La grande innovation de la Convention consiste à relier les deux devoirs de protection, qu'il s'agisse de nature ou de culture, et à procurer à la coopération internationale qui doit s'exercer dans ce domaine un cadre juridique, administratif et financier. Elle introduit aussi le concept de "patrimoine mondial" dont l'importance transcende évidemment les frontières politiques et géographiques".

Também no campo epistemológico se ensaia uma simbiose entre a antropologia e a biologia, em propostas como a da constituição de uma etologia humana, ou em propostas de renovação da própria etnografia. Santos Júnior, por exemplo, considera que "um estudo etnográfico de uma população agregada só poderá ser total e completo quando abrange e coordena o estudo dos factores humanos essenciais, ambos antro-po-biológicos e bio-sociais, com os factores de carácter geográfico e histórico". (3)

Mas, a ordem natural não é equivalente à ordem cultural, nem esta releva daquela. Como declara Lucien Sebag, "a natureza torna-se cultura não em razão de um sistema de equivalência que faria corresponder a cada unidade de um domínio uma unidade emprestada a outro domínio, mas através da integração de certo número de elementos naturais a um tipo de ordem que caracteriza a cultura". (4)

A grande virtude da prática da ecomuseologia (Ile

d'Ouessant, Le Creusot/Montceau-les-Mines, em França, Itaipu, no Brasil, etc., etc.) é a de relançar em novas bases a discussão acerca da correcta gestão dos recursos patrimoniais de ordem cultural e natural. Um museu, qualquer que ele seja, funciona como um banco de dados, ou como uma extensão de um gigantesco banco de dados constituído por todos os museus do mundo que têm visto a luz do dia nos últimos duzentos anos. A acumulação e o isolamento da informação, isto é, de um conjunto de objectos-signos, representa uma face da sua natureza operatória; a outra face é a da indispensável comunicação desta informação. "Ce lieu public doit assurer la communication du patrimoine de manière objectivement efficace, socialement légitime et subjectivement authentique" (5) - escreve Dominique Poulot. O museu é, então, um lugar de comunicação e de encontro social entre um indivíduo e um objecto (ou série de objectos) e entre um indivíduo e o outro; lugar de reconhecimento, ele deve também funcionar como um lugar de encantamento.

Basicamente, são dois os modos como um museu se pode implantar no terreno: ou se instala num imóvel (ou num conjunto de imóveis), ou se estabelece como museu a céu aberto.

Os museus a céu aberto têm resultado da transferência de um conjunto de peças (elementos de arquitectura tradicional, por exemplo) para um recinto natural. A partir das primeiras experiências escandinavas, este tipo passou a ser adoptado por todo o mundo. George Henri Rivière associa este modelo à expressão: "micro-unité écologique". (1) Esta espécie de experiência não exclui o edifício, não só o edifício de apoio e de serviços, mas também o edifício preparado para a instalação de colecções complementares, permanentes, ou temporárias. O ecomuseu, do ponto de vista da sua implantação no terreno, deriva destas soluções.

"L'ecomusée se compose essentiellement de deux musées coordonnés, un musée de l'espace, musée 'ouvert', un musée du temps, musée 'ouvert' (2)" - explica G. H. Rivière.

Museu do espaço versus museu do tempo, isto é, um museu que se oferece numa leitura espacial, e um outro que se desenrola no tempo. O primeiro organiza-se em torno de uma amostragem de unidades ecológicas representativas do ambiente da região; o segundo expõe colecções de objectos, que foram sujeitos a uma periodização.

O conceito de ecomuseu convida ao cruzamento destes dois modelos. Solução de certo modo híbrida e aglutinadora que, por isso mesmo, tangencia o fim da entidade museu.

3. Voltemos ao espaço geográfico da ria.

Interpretando a paisagem lagunar que rodeia Aveiro, Almada Negreiros invocava Turner:

"Algumas das célebres aquarelas de Turner podiam ter por título Aveiro. Turner, sobre um centímetro de terra na tela punha-lhe quilómetros cúbicos de ar e nuvens iluminadas com tal extravagância que a imaginação não

(1) Dossier ecomusée; Paris, 1977.

(2) "Rôle du musée d'art et du musée de sciences humaines et sociales", *Museum*, XXV (1/2), 1973.

(3) J. R. dos Santos Júnior, *The ecological concept of ethnography*, México, 1958.

(4) Cit. por Marshall Sahlins; *Cultura e razão prática*; Rio, Zahar, 1979; p. 141.

(5) "Le musée entre l'Histoire et ses légendes", *Debat, Histoire, Politique, Société*; nº 48, Março/Abril 1988.

(1) "Rôle du musée d'art et du musée de sciences humaines et sociales"; *Museum*; vol. XXV, nº 1/2, 1973.

(2) Ibidem.

supera. Como as cores mal lhe cabiam no fiozinho de terra, vá de estendê-las pelo ar e pelas nuvens com uma prodigalidade para muitos irreconhecível. Pois vinde a Aveiro: as cores que o ar e as nuvens usam aqui são uma homenagem permanente da natureza ao fantasista Turner. O pior é que a homenagem desbota Turner". (3)

Como revelar o rosto por vezes feérico da ria, por vezes bravo e cinzento, noutras vezes luminoso de fazer doeros olhos, enfim, os mil rostos da ria? Como comunicar a própria diversidade de costumes, de expressões criativas, de grupos sociais que salpicam as regiões ribeirinhas? Como, enfim, transmitir a relação entre esta gente e este espaço, o modo como este espaço tem condicionado a vida das pessoas, e o modo como a população tem intervindo sobre o ambiente físico?

Estas questões são, na verdade, o suporte da ideia de um museu da ria. Não se tratando da formalização de um projecto, fica o desejo de contribuir para o seu nascimento.

O museu da ria deveria oferecer simultaneamente uma memória comum e o deslumbramento perante tal paisagem humana e natural. Recuperar a memória, propondo ao espírito sentidos de futuro.

Como afirma Hugues de Varine, "o museu do futuro terá de ser uma obra colectiva e cooperativa, em que todo o membro da comunidade ocupe o lugar que lhe pertence". (4)

A constituição, por enquanto conjectural, de um ecomuseu da ria de Aveiro passa pela inventariação e caracterização dos espaços museográficos existentes na área geográfica da laguna. Que atitude ter relativamente aos museus existentes? Por outro lado, que atitude teriam estes relativamente a tal projecto que, como vimos, surge com características aglutinadoras? A partir dos dados fornecidos pelo ICOM, foi enviado um questionário a diversas instituições, distribuídas pelos concelhos de Ovar, Estarreja, Aveiro e Ílhavo. As perguntas incidiram sobre os seguintes itens: instalações, equipamentos, colecções, funcionários e público.

O quadro seguinte foi elaborado com base nas respostas recolhidas.

Uma última questão dizia respeito ao respectivo e eventual contributo para a constituição de um ecomuseu da ria de Aveiro. A maioria das instituições contactadas manifestou disponibilidade para se integrar e fomentar tal iniciativa.

Instituição	dependente de	fundada em
A Casa Museu Egas Moniz	autarquia	1968
B Museu de Aveiro	IPPC	1911
C Museu de Ovar	privado	1963
D Museu Hist. da V. Alegre	privado	1964
E Museu Mar. e Reg. de Ílhavo	autarquia	1937

Instalações	Área (m2)	Nº Salas	Laborat.	Bibliot.
A	40000	19	1	0
B	9814	25	0	1
C	?	12	0	1
D	660	6	0	0
E	2240	11	0	1

Equipamento	Informático	audio-visual	laboratorial
A	?	?	?
B	S	S	N
C	S	S	N
D	?	?	?
E	N	S	N

S = existente

N = não existente

Origem das Colecções	doações	acervos	aquisições	outra
A	-	-	-	-
B	S	S	S	S
C	S	-	-	-
D	S	-	S	S
E	S	-	S	-

Natureza das Colecções	arte	etnografia	esp. naturais	industrial	outra
A	S	-	-	-	-
B	S	-	-	-	-
C	S	S	-	-	-
D	S*	-	-	-	S
E	S	S	S	S	-

* Apesar de não constar na resposta recebida a categoria "arte", consideramo-la justamente a partir da discriminação apresentada na categoria "outra".

4. Uma das questões que se põe, ou que se porá, na implementação de um **ecomuseu da ria de Aveiro** diz respeito à selecção, organização e exposição de espécimes. Como esboço de uma possível organização - esboço obviamente sujeito a correcções e desenvolvimentos - poder-se-iam considerar as seguintes áreas:

a) **Evolução hidro-topográfica da chamada Ria de Aveiro** - que suscitaria uma longa incursão no tempo, proporcionando a "visita" ao período pré-lagunar e ao período lagunar, este marcado por alterações constantes da barra, até à sua fixação em 1808. Seria oportuno considerar também a relação da estabilidade da abertura para o oceano com índices de progresso da cidade e do distrito.

b) **Aspectos geológicos.**

c) **Aspectos biológicos** - Neste âmbito, considerar-se-iam os inventários das espécies vegetais e animais da laguna, o estudo de cadeias ecológicas e a análise de factores desequilibradores, particularmente a acção de entidades poluentes.

d) **Aspectos etnográficos** - Indispensável na análise dos diversos grupos sócio-profissionais que têm na laguna a razão da sua actividade (moliceiros, salineiros, pescadores, construtores navais, agricultores, etc.).

e) **Actividade artesanal** - Estudo privilegiado das indústrias tradicionais que, por efeito do desenvolvimento da economia, subsistem no limiar do desaparecimento; por exemplo, a construção naval e a construção de jugos e cangas.

Na minha perspectiva, a exposição de espécimes não se deveria reduzir a uma apresentação em espaços museográficos tradicionais. É que estes constituem frequentemente espaços-prisão, que fracturam a relação do objecto com o contexto histórico e ambiental que o gerara e em que sobrevivera.

(3) "Aveiro. Primeiras impressões"; **Panorama**; nº 1, ano 1, 1941.

(4) **Os museus no mundo**; Rio, Salvat, 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

— acerca de museus —

Considere-se, a título de exemplo, uma possível exposição da arte ornamental das embarcações tradicionais da ria, onde naturalmente caberiam os painéis policromos dos barcos moliceiros. Imagine-se um conjunto de salas onde, através de apontamentos gráficos e de registos fotográficos, se apresentasse esta arte. Neste caso, o espectador teria a visão do produto da análise, isto é, colocar-se-ia perante um espécime preparado laboratorialmente. De certo modo, oferecer-se-ia algo distante do "painel-objecto". O objecto exposto apresentaria, por assim dizer, um grau máximo de transparência.

No extremo oposto, imagine-se um passeio pela ria, uma visita aos ancoradouros e aos estaleiros dos barcos, para apreciar as respectivas decorações. Neste caso, o objecto apresentaria, por assim dizer, um grau máximo de opacidade.

Entre a transparência que desencarna o objecto e a opacidade que renuncia à procura das relações internas e externas do objecto, deve existir um espaço intermédio, uma zona onde a teoria se cruza com a prática.

O ecomuseu que imagino funciona neste espaço. Não renuncia ao **examen**; propõe-se ao público, cumprindo a indispensável função pedagógica. Também não renuncia à experiência real do objecto real, condição indispensável para o seu entendimento funcional.

Em suma, é na ideia de **museu de itinerário** que se consubstancia a proposta de um **ecomuseu da ria**.

Itinerário, ou itinerários pré-estabelecidos entre espaços museográficos cobertos (e será interessante contabilizar de novo o contributo dos museus existentes) e percursos a céu aberto. Itinerário, ou itinerários oferecidos entre o produto tratado laboratorialmente e a realidade objectual. Itinerário, também e finalmente, entre cultura e natureza.

Aqui fica uma sugestão, um esboço de projecto, cuja avaliação diz respeito à população e aos poderes instituídos. Com efeito, o concurso de todos os esforços, a vontade em participar no próprio progresso comunitário, são condições primeiras para a constituição de um ecomuseu.

Daniel Tércio Ramos Guimarães
Lisboa, Outubro de 1990.

— **Declaração do QUEBEC - Princípios de base de uma nova museologia** - 1984. (Texto fotocopiado). Texto adoptado pelo I atelier int. Ecomuseus/Nova museologia.

— FRANÇA, José-Augusto; "Museu-imaginação e museu-imaginário". **D.L.**; 30 de Agosto de 1973. "Público e não público. Museus e anti-museus". **D.L.**; 21 de Abril de 1972.

— LEITÃO, Humberto; "A propósito de um museu de etnografia" in **Aveiro e o seu Distrito**; nº 3, 1967.

— MOTSNY, Grete; "Les musées et les problèmes de la vie quotidienne"; **Museum**, vol. XXV, nºs 1/2, 1973.

— MOURA, Frederico de; "O museu marítimo e regional de Ílhavo", in **Aveiro e o seu Distrito**, nº 10, 1970.

— **Os museus no mundo**; Rio de Janeiro, Salvat ed., 1979.

— PARREIRA, Rui; **Que fazer desta memória? O estudo da evolução do povoamento na área de intervenção do Museu munic. de Vila Franca de Xira**; comun. apresent. no encontro de museus locais da Grande Lisboa; Amadora, Março de 1986.

— POULOT, Dominique; "Le musée entre l'histoire et ses légendes"; **Debat, Histoire, Politique, Société**; nº 48 Março-Abril de 1988.

— RIVIÈRE, Georges Henri; **Dossier ecomusée**, Paris, 1977. "Rôle du musée d'art et du musée de sciences humaines et sociales"; **Museum**, vol. XXV, nº 1/2, 1973.

— (Colóquio) **Tendance de la museologie contemporaine et methodes de developpement communautaire**; Lisboa, 1990.



Pessoas e instrumentos da Ria de Aveiro, segundo uma fotografia de M. Munné (Museu Tecnológico, 1877, pag. 61).

CIDADES IRMÃS E AMIGAS

1. DIA DAS CIDADES IRMÃS

No dia 22 de Abril, a Câmara Municipal de Aveiro recebeu no salão cultural as cidades irmãs de Viseu, Viana do Castelo e Ciudad Rodrigo, numa cerimónia simples mas de grande significado pelas relações que as ligam. Nessa data era o "Dia das Cidades Irmãs", integrado no programa da Feira de Março. Os elos de amizade entre estas cidades foram postos em realce pelos respectivos Presidentes dos Municípios.

Frisando a importância dos laços existentes e o alcance que tem vindo a assumir-se tanto na comunidade espanhola como na portuguesa, numa "Europa das Comunidades", o Presidente da Edilidade Aveirense, Dr. José Girão Pereira, anunciou que a cidade de Salamanca perspectiva constituir, com as cidades de Aveiro, Viseu, Guarda, Ciudad Rodrigo e Salamanca, uma Comissão Permanente que leve por diante o estreitamento de relações entre os dois países, incluindo o intercâmbio entre associações comerciais, industriais, culturais e desportivas, além da permuta turística das respectivas regiões. A Comissão, segundo afirmou o Dr. Girão Pereira, reunirá periodicamente, tratando-se de "um passo importante que será dado após o Congresso do IP5".

Aliás, a via rápida do IP5 esteve em evidência na aproximação e geminação das cidades de Aveiro e Viseu. As relações começaram quando se previa a sua construção e hoje, conforme disse o Dr. Fernando Ruas, Presidente da Câmara Municipal de Viseu, "o conceito de interioridade perdeu força neste momento e começamos já a ser mesmo uma cidade do litoral, depois de se ter começado a vencer a barreira do desenvolvimento com esta grande via".

Para o Alcalde de Ciudad Rodrigo, D. Miguel Cid Cebrian, existe uma vontade real de unidade entre cidades e regiões dentro da grande unidade europeia, respeitando-se contudo a identidade própria de cada povo; fruto dessa unidade - disse - é já a concretização de uma grande estrada que liga povos distantes e, num futuro próximo, a constituição da Comissão Permanente que integrará as cidades limítrofes do IP5. O Presidente da Edilidade espanhola desejou, por fim, que a irmanação da sua cidade com Aveiro fosse o baluarte da amizade entre as duas nações ibéricas.

Por seu turno, o Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Carlos Branco, disse que as relações com Aveiro já têm mais de meio século de existência, com base no intercâmbio entre associações desportivas e culturais; embora estagnadas durante alguns anos, essas relações voltaram a

intensificar-se. É de assinalar que, tanto em Viana do Castelo como em Aveiro, a toponímia testemunha desde 1937 os laços mútuos da velha amizade.

Na sessão de boas-vindas às cidades irmãs estiveram ainda, além dos Vereadores da Câmara, o Presidente da Assembleia Municipal, Francisco da Encarnação Dias, o Governador Civil do Distrito de Viseu e o Presidente da Assembleia Municipal de Viseu.

À tarde, antes de se deslocarem à Feira de Março, os nossos visitantes tiveram oportunidade de comprovarem a beleza da Ria de Aveiro com um passeio que lhes foi oferecido.

2. AVEIRO-FORLI

Em cerimónia realizada na Itália, nos finais do mês de Fevereiro, as cidades de Aveiro e de Forli assinaram uma carta de amizade. A delegação aveirense, chefiada pelo Presidente da Assembleia Municipal, Francisco da Encarnação Dias, integrou os Vereadores Prof. Celso dos Santos, Vitor Silva, António Alves e António Azeredo.

Recorde-se que, anteriormente, Forli celebrou o protocolo de irmanação com a cidade francesa de Bourges, tendo convidado para estar no acto uma delegação de Aveiro; também, em 1989, na assinatura do protocolo de irmanação entre Aveiro e Arcahon, esteve presente uma delegação da cidade italiana de Forli.

3. AVEIRO-OITA

Foi em autêntico ambiente festivo que Aveiro saudou a delegação nipónica da cidade irmã de Oita, numa cerimónia que decorreu no salão nobre dos Paços do Concelho, no dia 15 de Maio.

As ligações amistosas, constantes do acordo de irmanação, unem as distantes cidades desde 1978; a partir desse momento, mais se têm cimentado os laços de amizade, nomeadamente com a visita de delegações à cidade de Oita, "ficando para sempre na memória o calor humano e o entusiasmo demonstrado por milhares de pessoas que nos acolheram, nas ruas e na própria Câmara Municipal" - assim disse na abertura da sessão o Presidente da Assembleia Municipal, Francisco da Encarnação Dias. O progresso económico e os encantos da civilização oriental, traduzidos em belos arranjos florais, no vestir do quimono e no chá, fazem distinguir o Japão, "um país que representa hoje e para todo o mundo

um exemplo e um hino ao trabalho, sabendo erguer-se das cinzas com determinação, com rigor, com firmeza e com muitos sacrifícios" - salientou o mesmo autarca.

Foi nesta atmosfera que Venceslau de Moraes, célebre Consul de Portugal em Kiogo, Kobe e Osaka, foi saudosamente recordado pelo Presidente de Oita, Masam Sato, "pela forma como dedicou a sua existência a descrever e a investigar os valores culturais do Japão". O Presidente fez também referência ao percurso secular que une as duas cidades, manifestando o desejo de continuar a preservar e a sedimentar as marcas de uma história que o tempo não conseguiu destruir.

Reportando-se à passagem dos portugueses pelas terras nipónicas e às características comuns entre Portugal e o Japão, o Dr. José Girão Pereira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, sublinharia que "não podemos esquecer o cuidado e o carinho pela preservação dos mais pequenos vestígios da passagem e da presença portuguesa no Japão, expressos numa infinidade de monumentos, nomeadamente os de S. Francisco Xavier, dos primeiros missionários e da primeira intervenção cirúrgica de medicina ocidental".

O Dr. Girão Pereira recordou ainda a existência em Oita do Hospital de Luís de Almeida e o intercâmbio que liga a nossa cultura à ancestral e rica cultura japonesa. Por fim, fez um apelo para "a necessidade de valorizar cada vez mais as relações entre as nossas comunidades" e lembrou que os industriais, comerciantes e associações culturais devem encontrar forma de dar satisfação aos acordos "em boa hora estabelecidos e formalizados pelas nossas Câmaras Municipais".

4. AVEIRO-BOURGES

Durante o ano de 1990, foram diversos os encontros entre Aveiro e Bourges, em várias ocasiões.

Em 23, 24 e 25 de Maio, uma delegação de alunos e professores do Liceu Agrícola de Bourges esteve em Aveiro, para uma visita de estudo.

O objectivo principal era tomar contacto com realidades agrícolas da nossa região, pelo que o grupo visitou o Centro de Formação Profissional Agrícola da Gafanha da Nazaré, o polder-piloto do Baixo-Vouga e a Estação Vitivinícola da Bairrada; além disso, os estudantes e professores franceses, sob a orientação dos Serviços do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Aveiro, tiveram ocasião de se deslocar ao Museu da Vista Alegre, ao complexo portuário e à Base Operacional de Tropas Paraquedistas.

Simultaneamente, os nossos visitantes ainda assistiram a algumas actividades da "Semana do

Estudante" da Universidade de Aveiro.

De facto, na reunião da Câmara Municipal do dia 16 de Julho, a Vereadora Dr^a Amélia Brito informaria sobre as diligências feitas em ordem ao estreitamento das relações entre Aveiro e Bourges, no capítulo da formação profissional; concretizando, diria que em Junho de 1991, quatro alunos de informática virão estagiar em Aveiro.

Na mesma reunião, o Vereador Coronel Martinho também revelou ter contactado elementos responsáveis da Associação França-Portugal, sediada em Bourges, que se mostraram interessados em implementar a criação em Aveiro de uma Associação Portugal-França, com o apoio de ambas as Autarquias.

Em 30 de Julho, passaram por Aveiro quinze jovens, provenientes de Bourges, que se propunham fazer a pé o percurso que liga aquela cidade francesa com todas as suas cidades irmãs da Europa.

O grupo foi recebido em sessão oficial de boas-vindas, no salão nobre dos Paços do Concelho, tendo prosseguido viagem em direcção a Forlì (Itália) e Augsburg (Alemanha), depois de passarem dois dias entre nós.

Finalmente, nos dias 19, 20 e 21 de Outubro, a região de Bourges novamente esteve presente em Aveiro, com uma numerosa embaixada - o que bem demonstrou que os laços de amizade e os encantos entre as duas comunidades cada vez aumentam mais. Nesta ocasião, procurou-se mesmo encetar novos contactos com Murtosa, Oliveira do Bairro e Aradas, em ordem ao estabelecimento de geminações: - Murtosa com Fussy, Oliveira do Bairro com St. Germain du Près, e Aradas com a vila de Foecy.

O Dr. José Girão Pereira, dando as boas-vindas à delegação de Bourges em nome da Cidade e da Câmara Municipal de Aveiro, na sessão que se realizou no salão nobre dos Paços do Concelho, no dia 19, salientou o significado da visita. Nos dias seguintes, em reuniões de trabalho e em encontros, projectaram-se possíveis intercâmbios entre associações desportivas, falou-se da criação da Associação Portugal-França e estudou-se a participação de Aveiro no Salão Internacional de Investigação e Informática e Tecnologia, a decorrer em Bourges. Houve ainda um encontro com responsáveis do Instituto de Emprego e Formação Profissional de Aveiro e uma visita ao Centro de Formação Profissional de Águeda. Por fim, a numerosa comitiva francesa ainda esteve na III Mostra de Material Eléctrico, Electrónico e de Informática, cujos stands examinou com atenção e interesse.

5. AVEIRO-ARCACHON

De 23 a 25 de Maio, na Feira Internacional de

Bordéus (França), que foi dedicada às actividades do mar, esteve presente uma delegação aveirense, alargada a representações de treze Câmaras do nosso Distrito, além da Associação Comercial de Aveiro, da Associação Comercial do Distrito de Aveiro e da Região de Turismo "Rota da Luz". Os representantes aveirenses - autarcas, empresários, economistas, advogados e técnicos municipais - tiveram oportunidade de manter contactos nas cidades de Arcachon e de Gradignan.

Aveiro também apareceu na mencionada Feira Internacional, como expositor, com um stand de cerca de 64 metros quadrados. Foi uma pequena mostra do comércio, da indústria, do artesanato, dos vinhos e da cerâmica artística da região aveirense.

Em Agosto, o Presidente da Câmara Municipal deslocou-se a Arcachon para assistir às Festas do Mar. Na ocasião, a Edilidade de Arcachon revelou

festividades, o Dr. José Girão Pereira manteve conservações e contactos com as autoridades locais e com a comunidade portuguesa aí residente, calculada em cerca de 40.000 emigrantes. O resultado mais saliente de tal visita foi o lançamento da ideia de se instruir em Newark uma Casa de Aveiro.

Com a presença do Presidente da Câmara, manifestou-se interesse num melhor conhecimento da realidade aveirense por parte dos diversos agentes económicos, tendo em vista eventuais investimentos na nossa região, sobretudo de empresários luso-americanos.

7. AVEIRO-CIUDAD RODRIGO

Uma delegação da Câmara Municipal de Aveiro participou, em 19 de Agosto, nas cerimónias do "Dia de Portugal", celebrado em Ciudad Rodrigo (Espanha), no âmbito das festas anuais desta cidade-irmã.

Na Sessão Solene da recepção aos representantes das Cidades Irmãs e Amigas; O Vereador Celso dos Santos no uso da palavra (22 de Abril de 1990).



a intenção de incluir no Plano de Actividades de 1991, nomeadamente, o apoio à visita e actuação do Coral Vera-Cruz, à realização de uma exposição de pintura e de cerâmica com artistas das duas cidades a realizar no Verão, bem como ao intercâmbio a nível de desporto.

6. AVEIRO-NEWARK

Convidado oficial do "Mayor" de Newark (U.S.A.) para as cerimónias do "Dia de Portugal" em 10 de Junho, o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro esteve naquela cidade norte-americana durante três dias. Além de tomar parte nas referidas

Aveiro também teve ocasião de divulgar algumas das suas potencialidades e riquezas culturais, tendo-se feito representar, com um stand próprio, no "Segundo Certamen Comarcal de Muestras", que esteve patente de 14 a 19 de Agosto.

A comitiva aveirense, convidada oficial do "Alcalde", incluiu vários membros da Edilidade e o Presidente da Assembleia Municipal, além da Companhia de Dança de Aveiro.

Os autarcas das duas cidades-irmãs realizaram uma reunião de trabalho onde abordaram, designadamente, algumas matérias relacionadas com II Congresso do IP5, projectado este ano para Salamanca, nos dias 19 e 20 de Outubro.

CALENDÁRIO DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES — 1991

FEIRA DE MARÇO' 23 de Março (Sábado) a 21 de Abril (Domingo)

II SALÃO DE ANTIGUIDADES 28 de Fevereiro a 3 de Março

FEIRA DO LIVRO 25 de Maio a 10 de Junho

II SALÃO AUTOMÓVEL 22 a 30 de Junho

AGROVOUGA 13 a 21 de Julho

XII FARAV 3 a 18 de Agosto

FEIRA DO MAR 7 a 15 de Setembro

INFORAV 5 a 13 de Outubro

II BIENAL INTERNACIONAL DE CERÂMICA 4 a 30 de Novembro

FESTA DA RIA 15 de Julho a 15 de Agosto

FESTAS DO MUNICÍPIO 1 a 20 de Maio

III JUMPING 19 a 22 de Dezembro

I SALÃO DE ANTIGUIDADES

De 8 a 11 de Março, no pavilhão octogonal do Recinto Municipal de Feiras e Exposições, esteve patente ao público o I Salão de Antiguidades. A iniciativa pertenceu ao Lions Clube de Santa Joana e contou com o decidido apoio da Câmara Municipal de Aveiro, do Governo Civil, da Região de Turismo "Rota da Luz" e da Associação Comercial de Aveiro.

Participaram vinte e sete antiquários que, de Setúbal a Braga, trouxeram a Aveiro as suas preciosas peças. Foi a primeira vez que se realizou entre nós uma grande exposição-feira de antiguidades que, sendo de base comercial, não deixou de ter um grande alcance cultural.

Esta realização teve uma vertente de solidariedade social, pois todo o lucro reverteu para as obras de assistência a que o Clube promotor se dedica.

FEIRA DE MARÇO

No meio do entusiasmo popular, com o rebentar dos foguetes e com os acordes da Banda Amizade, a secular Feira de Março abriu as suas portas no dia 24 de Março de 1990, no recinto Municipal de Feiras e Exposições, onde se manteve durante um mês. Estiveram presentes ao acto inaugural, entre outras individualidades, o Governador Civil do Distrito, Dr. Sebastião Dias Marques, o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. José Girão Pereira, o Presidente da Assembleia Municipal de Aveiro, Francisco da Encarnação Dias, o Comandante do Batalhão de Infantaria de Aveiro, o Vigário Geral da Diocese, o Presidente da Região de Turismo da "Rota da Luz", o Vereador do Pelouro da Cultura e demais elementos da Vereação Municipal, o Presidente da Associação Industrial do Distrito de Aveiro e o Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Tem-se podido facilmente verificar que, de ano para ano, a Feira de Março, que conta 556 anos de existência, vai melhorando em número de expositores e de produtos, nunca perdendo o seu carácter popular, social e comercial - o que, paralelamente, cria dificuldades à Organização em corresponder a tão crescente procura.

Este ano, a Feira de Março contou com a presença de 222 expositores - número que, sem dúvida, seria maior, se não se tivesse de fazer um rateio. Pela primeira vez, esteve um expositor estrangeiro, de Ciudad Rodrigo; além disso, como nos anos anteriores, foi dedicado um dia - 22 de Abril - às cidades irmãs e amigas de Aveiro: Bourges, Arcachon, Ciudad Rodrigo e Viseu. Simultaneamente, decorreu um programa de animação cultural, bastante diversificado.

Depois de duas horas e meia de visita atenta, foi servido às entidades presentes um ligeiro beberete que serviu de ocasião a serem proferidas algumas palavras. O Dr. José Girão Pereira diria que o certame era um dos melhores de sempre, quer na qualidade quer na quantidade. Todavia, confessou que um desafio era lançado à Câmara para caminhar rapidamente na procura de uma solução em conseguir satisfazer as solicitações de dezenas ou centenas de pretendentes a expositores.

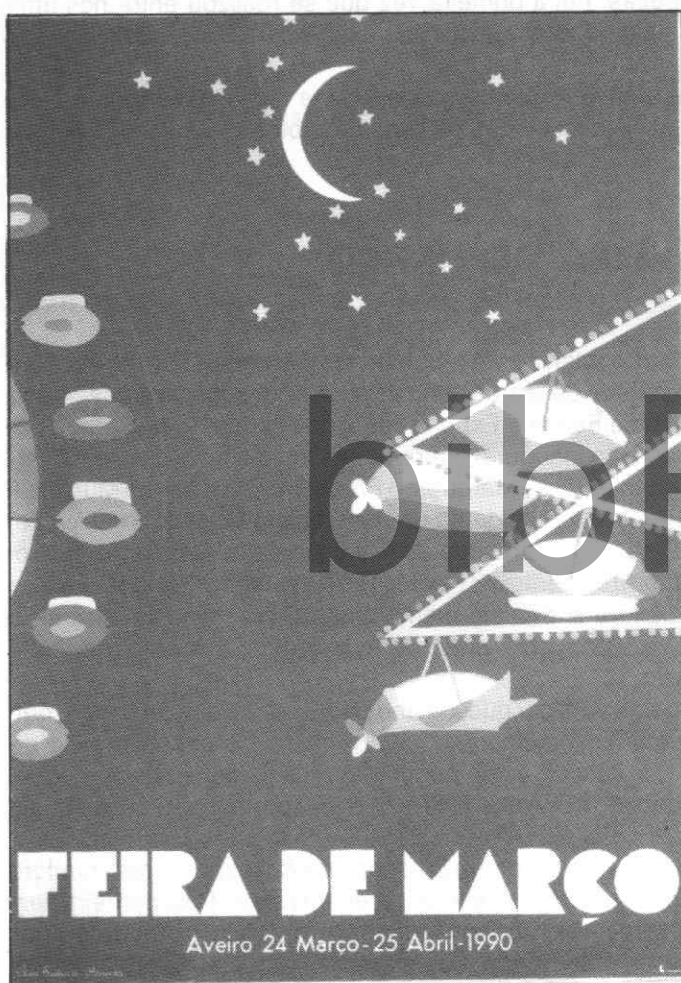
O prof. Celso dos Santos, Vereador responsável, ratificou o que afirmara o Presidente da Edilidade e aludiu às dificuldades surgidas para conseguir o maior número de lugares, sublinhando as três grandes vertentes da Feira de Março: social, comercial e industrial.

O Dr. Sebastião Dias Marques também acentuou a necessidade de se arrancar

decidida e definitivamente para outro local, pois é por demais evidente a procura e o carinho dos expositores pela Feira de Março, em Aveiro.

No dia 28 de Março, o júri seleccionado para apreciar, escolheu e premiou os melhores stands, efectuou a sua votação obedecendo aos critérios definidos pelo regulamento do concurso: criatividade, qualidade estética e objectivo de mercado em função das marcas ou produtos expostos.

Assim, o primeiro prémio foi atribuído à Luzostela, "pela modernidade na definição da Empresa"; o segundo contemplou a Empresa Anselmo Santos, "pela clareza de leitura dos materiais expostos"; e o terceiro classificado foram os Móveis Brasão, devido à "coerência do conjunto". Para além dos prémios, atribuíram-se menções honrosas ao stand de Viseu, "pelo romantismo do estilo", à Empresa Cunha e Queirós, pelo "uso dos próprios materiais de venda na construção do stand", à Filipex, pela "ambiência conseguida com o conjunto dos materiais" e à Empresa Induslubre "por ser dos stands pequenos o que melhor traduziu, com poucos meios, a imagem de marca".



Cartaz da Feira de Março
(Desenho de Sílvia Cristina
P. Simões Miranda, aluna do
7º ano da Escola Secundária
de Esgueira).

Finalizando esta notícia, transcrevemos o que o Presidente da Câmara escreveu na pequena publicação sobre a Feira de Março, sob o título **"Necessidade de Mudar"**:

A Feira de Março, quando abre as suas portas, aparece-nos sempre, sem sombra de dúvida, como um espelho da comunidade onde se insere - comunidade rica, multifacetada, aberta às concepções da vida moderna, que transporta para dentro do certame toda a sua pujança comercial e industrial desta laboriosa região. É dentro destes pressupostos que, de ano para ano, a procura tem aumentado, o que torna o espaço oferecido manifestamente insuficiente.

Hoje, como aconteceu há onze anos, torna-se necessário, se não mesmo premente, repensar numa nova área que ofereça condições ideais a esta e a todos os outros certames.

Por isto, submetemos à apreciação das instâncias comunitárias um projecto para a construção de um centro de exposições que, a efectivar-se, permitirá, ainda mais e com condições adequadas, a divulgação da indústria e do comércio da nossa região, em certames específicos.

Termino reafirmando que a Feira de Março manterá sempre as suas tradições velhas de cinco séculos e meio. Procuraremos sempre aliar o lúdico à área comercial e exposicional, de forma a que este binómio se complete e, até ao encerramento, motive e mantenha um nível superior de procura viva e interessada.

E, do Vereador do Pelouro da Cultura e Presidente da Comissão Executiva da Feira de Março, são as seguintes palavras:

A Feira de Março, antiga e sempre renovada, todos os anos semelhante e em cada ano diferente, tem vindo a ganhar uma projecção e uma procura cada vez maior.

Esta edição regista um alargamento no número de participantes, facto que obrigou a Organização a ratear os espaços pelos interessados. Mais uma vez, a falta de área disponível obsta a que a Feira se estenda. Tentámos obviar a esta contrariedade construindo um novo pavilhão, que permitirá a presença de mais alguns expositores.

Quanto aos divertimentos, para além dos habituais, aparecerá este ano um combóio. O programa de animação trará algumas figuras bem conhecidas do mundo do espectáculo. No termo da Feira mantivemos o dia dedicado às cidades irmãs e amigas, sendo de realçar que, este ano, estará presente uma firma de Ciudad Rodrigo.

Esperamos, pois, ter criado as condições necessárias para que o certame atinja uma procura de público ainda superior ao ano transacto, na certeza de que encontrará uma Feira com motivos de interesse. Além disso tivemos a preocupação de salvaguardar as tradições que nos vêm de antanho, nos seus aspectos mais característicos.

COMISSÃO DA FEIRA DE MARÇO

PRESIDENTE: - Prof. Celso dos Santos.

SECRETARIADO: - Vasco Alves Lopes; Alexandrina Maximino; Isabel Neto.

COMISSÃO TÉCNICA: - Arq. José Quintão (Gab. de Arquitectura); António José Bartolomeu (Gab. de Topografia); Jorge Guimarães (Gab. de Design); Dr. Emanuel Cunha (Serviços de Cultura); Elmano Ramos (Armazéns Gerais); Justino Tomás Ribeiro (Armazéns Gerais); José Evaristo Rodrigues (Serv. de Fiscalização).

COLABORADORES: - Associação Comercial de Aveiro; Associação Industrial do Distrito de Aveiro; Inatel.

CONCURSO DE MONTRAS

Entre os dias 5 e 13 de Maio de 1990, decorreu o Concurso de Montras, enquadrado no programa das Festas do Município. Para efeitos da classificação foram consideradas aquelas montras que, às 11 horas do primeiro dia, estivessem inscritas e exibissem o cartaz do concurso. Podiam-se candidatar todos os estabelecimentos comerciais da zona urbana de Aveiro.

Os três primeiros prémios, após cuidada reflexão, distinguiram as seguintes montras: - Vanitá, na Rua de Alberto Souto; Cenoura, na Rua de Fernão de Oliveira; e Azevedo e Menano, na Rua do Conselheiro Luís de Magalhães. Todos os demais estabelecimentos foram contemplados com menções honrosas: - Armazéns de Aveiro, Joaquim de Oliveira Sérgio, Filho, Lda., Casa das Utilidades Abel Santiago, Lda., Boutique Prazeres, Confecções Leonel, Lda., Magna e Gracinda, Lda., Lopes e Filhos, Lda., Arménio de Figueiredo e Cª Lda., Carioquinha Artesanato, Gráfica do

Vouga, Lda., Garcia e Filhos, Lda., Decorações Leonel, Lda., Sacchetti e Matos, Lda., e Carlos Coelho Silva Freire.

A entrega dos prémios realizou-se na reunião da Câmara Municipal, no dia 2 de Julho; o Vereador Prof. Celso dos Santos aproveitou a oportunidade para felicitar os concorrentes e manifestar-lhes a gratidão pelo empenho manifestado.

DISTINÇÕES HONORÍFICAS

O dia 12 de Maio, feriado municipal, foi a data escolhida pela Edilidade para a entrega de diversas distinções honoríficas. A cerimónia efectuou-se, ao princípio da tarde, durante uma sessão solene, no salão nobre dos Paços do Concelho, e foi precedida por uma recepção oficial abrilhantada pela Banda Amizade e pelo Grupo Coral Vera-Cruz.

Abrindo a sessão, o Presidente da Assembleia Municipal, Francisco da Encarnação Dias, explicou a razão da homenagem: "o reconhecimento a personalidades e instituições, desde há muito empenhadas no desenvolvimento e promoção da comunidade aveirense".

Por sua vez, o Dr. José Girão Pereira realçou os motivos da iniciativa, aludiu ao papel dignificante da Associação Comercial de Aveiro, ao longo dos 130 anos da sua existência, e do periódico "Ecos de Cacia" que neste ano perfaz 75 anos de publicação, e não esqueceu os funcionários do Município, "pela forma digna como souberam executar as suas tarefas e pelo merecido reconhecimento das intervenções qualitativas no trabalho"; finalmente, o Presidente do Executivo sublinharia que "urge incrementar as infraestruturas espirituais da inteligência, pois são elas que dão alma e dignidade ao funcionamento dos serviços", acrescentando ainda que "é necessário reflectir e ultrapassar as querelas existentes, valorizando estes homens e estas mulheres, que nunca procuraram a vaidade nem o destaque, permanecendo uma legenda viva da cidade".

O Dr. Giberto Parca Madaíl, Governador Civil do Distrito, que esteve presente à cerimónia, testemunhou, em nome particular e do Governo, a justa homenagem a estas instituições e figuras da comunidade aveirense, confessando ser para ele "uma honra saudar colectividades e pessoas que tão bem souberam pugnar pelo progresso do Concelho, sobrepondo aos seus interesses os da sociedade e cultura da sua terra".

Seguidamente, foram entregues medalhas de mérito municipal à Associação Comercial de Aveiro e ao jornal "Ecos de Cacia", na pessoa do seu director e



O Presidente da Câmara Municipal de Aveiro e o Director e Proprietário do jornal "Ecos de Cacia".

proprietário, Manuel Damião, e placas de prata aos funcionários municipais com mais de trinta anos de serviço: - Adriano Cirne Tavares, Aires Alberto da Silva Martinho, Alexandre Fernandes, António de Sousa Lima, António Lage Lopes, Bernardino Gonçalves Ferreira Coelho, Eliseu Martins Godinho, Emília Tavares Miranda, Graciete Rebelo e Silva Ladeira, Inocêncio Ribeiro Gaspar, José Evaristo Rodrigues de Almeida, Maria Augusta Simões Silva, Maria Luisa de Resende Gonçalves Andias, Miguel Andrade Cravo, Olívia Gonçalves de Oliveira Gomes, Agostinho de Almeida e Manuel Paiva dos Santos Branco.

VARANDA, JANELA E JARDIM FLORIDO

O concurso "Varanda, Janela e Jardim Florido", da iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro, realizou-se durante o mês de Maio e, mais uma vez, resultou num êxito. Incluiu as três modalidades referidas, e a cada qual foram atribuídos cinco prémios: ao primeiro coube o valor de 50.000\$00; ao segundo o de 30.000\$00; ao terceiro o de 20.000\$00; ao quarto o de 10.000\$00; e ao quinto o de 5.000\$00. As menções honrosas, em número de dez, receberam 1.500\$00 cada.

No concurso podiam inscrever-se os habitantes pertencentes ao perímetro urbano de Aveiro; como critério de classificação foram adoptados a beleza, a harmonia do conjunto, a qualidade e o estado da floração, sendo admitidas quaisquer variedades de flores.

O júri, nomeado pela Edilidade e constituído por pessoas de reconhecida competência para o efeito, iniciou a visita para a classificação às 9 horas do dia 1 de Junho, percorrendo as moradas correspondentes às inscrições.

A distribuição dos prémios foi feita na reunião da Câmara Municipal do dia 18 de Junho, com carácter público. Na ocasião, o Presidente agradeceu a presença das pessoas premiadas e proferiu palavras de saudação e de reconhecimento pelo empenho demonstrado, incentivando-as a continuar a dedicar o mesmo carinho e zelo no embelezamento de Aveiro; o Prof. Celso dos Santos destacou a importância do certame que também convida a população para melhorar a imagem da cidade; e o Eng. António Alves, na qualidade de membro do júri, deu uma breve explicação sobre o critério da escolha.

A classificação foi feita da seguinte forma:

— **Varandas:** 1º - Emília Maria da Silva; 2º - Florinda Ferreira de Bastos; 3º - Teresa de Jesus Tavares Brito; 4º - Ortélia dos Santos Martins Rocha; 5º - Dora Maria de Oliveira Madaíl dos Santos. Menções Honrosas — Maria Helena da Cruz Oliveira, Vitor Manuel Pereira da Rocha, Ilda de Melo Neves, Ortélia de Jesus Portovedo, Maria Alice Resende Gonçalves Andias, Maria Luisa de Resende Gonçalves Andias, Maria de Lurdes Saraiva Ramires, Albano Vinagre Miguéis Picado, Teresa de Jesus Correia Nogueira e Maria Anunciação Fortes.

— **Janelas:** 1º - Dora Maria de Oliveira Madaíl Santos; 2º - Carlos Moisés Oliveira Reis.

— **Jardins:** 1º - Teresa de Jesus Correia Nogueira; 2º - Maria Vieira Sarrico Ferreira; 3º - Guilhermina Silva Valente Rangel; 4º - José Augusto Valente Vieira; 5º - Maria Fernanda Tavares. Menções Honrosas — Maria da Soledade Melo Cotafo, Maria Manuel Henriques Moreira Teixeira, Vasco Cunha Homem de Melo, Maria José Almeida e Silva, António Ramos Andrade, João de Oliveira Rico, Maria Mercedes da Silva Branco, Carlos Moisés Oliveira Reis, Albertina Pereira de Almeida e Dora Maria de Oliveira Madaíl Santos.

FEIRA DO LIVRO

De 2 a 17 de Junho de 1990, no pavilhão octogonal do Recinto Municipal de Feiras e Exposições, decorreu a Feira do Livro. Estiveram presentes nove livrarias: - ABC, Arcos, Contracapa, Estante, Ibéria, Liceu, Santa Joana, O Esquilo e O Golo.

O certame contou com o apoio da Câmara Municipal de Aveiro, como tem sido habitual.

Na opinião da Direcção da Associação dos Livreiros de Aveiro, não é fácil fazer uma feira do livro em Aveiro. "Em Lisboa e no Porto - diria Elídio Pinho, membro da referida Direcção - é o editor que faz a feira, tentando levar o melhor que tem; em Aveiro não, porque somos nós, livreiros, que levamos o que os editores querem mandar".

A animação contou com espectáculos diários para todas as idades e gostos, com a finalidade de atrair presenças... pelo livro e pelo espectáculo. Contudo, não foram apenas estes os atractivos; além do desconto geral de 20%, houve ainda a possibilidade do desconto de 30% a 50% no chamado "livro do dia".

I SALÃO AUTOMÓVEL DE AVEIRO

Organizado pelo Departamento de Feiras da Câmara Municipal de Aveiro, decorreu nesta cidade, de 26 de Junho a 1 de Julho, o I Salão Automóvel de Aveiro - um certame inteiramente dedicado a este importante sector económico. Apoiaram esta iniciativa a Região de Turismo da "Rota da Luz" e o "Jornal de Notícias", e nela colaboraram, além do comércio automóvel local, a Automóvel Clube de Portugal, a Direcção Geral de Viação, a Associação do Comércio Automóvel de Portugal, a Associação Nacional dos Industriais do Ensino de Condução Automóvel e o Vouga Sport Clube.

Primeiro certame inteiramente dirigido ao sector automóvel - cuja presença vem sendo marcante noutras feiras que habitualmente fazem parte do calendário de Feiras e Exposições de Aveiro - o Salão Automóvel teve por palco o Recinto Municipal de Feiras e Exposições, que oferece uma área coberta de cerca de 5.500 m² repartida por dois pavilhões.

Confirmou-se a presença de três dezenas e meia de expositores, em representação de cerca de duas dezenas de marcas de automóveis e dos sectores das peças, acessórios, pneus, tintas e vários serviços relativos ao sector automóvel; ou seja, um número e uma diversidade de participantes que excedeu as melhores expectativas da Comissão Executiva e foi senhor de um êxito a todos os títulos assinalável. Nos dois pavilhões do Recinto, estiveram expostos os melhores e mais recentes modelos das marcas com presença activa no mercado português.

O Automóvel Clube de Portugal e a Prevenção Rodoviária Portuguesa contaram-se entre os expositores do I Salão Automóvel de Aveiro, contribuindo assim para elevar o nível qualitativo do certame, que significou uma iniciativa arrojada da Câmara Municipal de Aveiro, que tem apostado na divulgação das potencialidades regionais e se tem empenhado na dinamização das actividades económicas.

Entre as manifestações paralelas, que decorreram a par da exposição, sobressaiu um desfile de automóveis antigos de âmbito regional e uma prova de perícia, patrocinada pelo diário "Jornal de Notícias".

No dia 27 de Junho, na respectiva sala do pavilhão rectangular, realizou-se um ciclo de colóquios sobre o tema geral: "O automóvel e as novas medidas de segurança rodoviária", em que intervieram:

- Dr. João Chabert, da Prevenção Rodoviária Portuguesa - "Álcool e condução";
- José Guilherme Pacheco, do Automóvel Clube de Portugal (Norte) - "A motorização e o meio ambiente";
- Capitão Aníbal da Silva, da Brigada de Trânsito - "A acção fiscalizadora no quadro da prevenção rodoviária";
- Eng. Custódio Tomé, da A.N.I.E.C.A. - "Formação de condutores";
- Polícia de Segurança Pública - "Relação entre a Polícia e os condutores no âmbito da fiscalização";
- João Anastácio, da A.C.A.P. - "A evolução recente do mercado automóvel em Portugal";
- Costa Neves, da A.C.A.P. - "A fiscalidade sobre o automóvel";

- Dr. Carlos Filipe Esteves Dias, da Direcção Geral de Viação - "O esquema sancionatório na legislação rodoviária".

O Vereador Prof. Celso dos Santos escreveu as seguintes palavras de introdução à pequena brochura do I Salão Automóvel de Aveiro, sob o título "A Aposta":

Há relativamente pouco tempo realizaram-se em Aveiro as tradicionais Feira de Março, a FARAV (artesanato) e a Agrovouga.

O Parque de Feiras e Exposições era assim utilizado apenas em três períodos que, no seu todo, correspondiam a pouco mais de dois meses em cada ano.

A Câmara Municipal atenta ao crescimento e desenvolvimento do concelho e região e pretendendo corresponder às necessidades dos industriais e comerciantes, decide, em boa hora, avançar com um programa de feiras e exposições arrojado, capaz de dar resposta às necessidades dos sectores de actividade económica, pesem embora, as condições precaríssimas das instalações e a falta de experiência.

Assim, e como por encanto, vai surgindo um calendário de feiras que leva a uma ocupação e a uma movimentação durante todo o ano, criador de um dinamismo que a nós, de certo modo responsáveis pela "aventura", surpreendeu.

Outra coisa não seria de esperar numa terra em que cada um é um empreendedor, um investidor, um criador de trabalho e de riqueza.

Em 1990, como é do conhecimento geral, além de várias acções promovidas por particulares, assistimos a um elevado número de certames além das três atrás

bibRIA

Cartaz do I Salão Automóvel de Aveiro (Designer: Jorge Guimarães).



mencionadas. Assim: a Bicimota - a Feira do Livro (já realizadas) - o 1º Salão Automóvel - a 1ª Feira do Móvel - o 2º Salão de Construção e Obras Públicas e a Inforav, o que dá um total de nove feiras, abrangendo os mais diversos sectores de actividade e significativamente importantes para Aveiro, conferindo-lhe mesmo o terceiro lugar a nível nacional em acções do género.

É nosso dever realçar à decisão municipal que conduziu a criação de um

Secretariado próprio que, apoiado por um grupo de Técnicos de inagável valor enfrentando embora inúmeras dificuldades, conseguiu criar as condições necessárias.

Assim, passo a passo, de desafio, em desafio é com satisfação que apresentamos o Salão Automóvel. Trata-se de um certame organizado em moldes bastante diferentes, com um período de tempo curto, voltado para um sector específico e notórias características promocionais, resultando da presença marcante do automóvel em feiras anteriores.

Assistimos à exposição dos melhores e mais recentes modelos de marcas, esperando-se algumas novidades. Marcará presença, a realçar, o sector de peças, acessórios e equipamentos diversos. Por outro lado, o automóvel antigo estará presente para gáudio dos apreciadores e deslizará pelas ruas da cidade em grandioso desfile demonstrando juventude a invelhar, além de uma prova de perícia automóvel que trará até nós valores de nível nacional.

Pretendendo-se também dar qualidade ao certame, teremos um colóquio, cujos temas a apresentar por individualidades relacionadas e perfeitamente conhecedoras do sector, reputamos da mais importância no âmbito do esclarecimento e muito especialmente pelo seu sentido didáctico e pedagógico.

Estamos certos de que corresponderemos às expectativas criadas e registamos com muito apreço e gratidão a voluntariosa colaboração das Direcção-Geral de Viação, Direcção-Geral da Indústria, Prevenção Rodoviária Portuguesa, Associação do Comércio dos Automóveis Portugueses, Automóvel Clube de Portugal, Associação Nacional dos Industriais de Escolas de Condução, Automóvel Antigo, Associação Comercial e Industrial de Aveiro, Região de Turismo "Rota da Luz", Comandos da P.S.P e G.N.R. e Vouga Sport Clube.

De facto o seu apoio e colaboração contribuíram decisivamente para a concretização deste Salão Automóvel.

Saudamos os estimados expositores que, acreditando em nós, aderiram em elevado número.

COMISSÃO DE HONRA: - Governador Civil de Aveiro; Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Presidente da Assembleia Municipal de Aveiro; Director-Geral de Viação; Presidente da Junta Autónoma de Estradas; Director da Prevenção Rodoviária Portuguesa; Presidente da Associação do Comércio de Automóveis Portugueses; Presidente do Automóvel Clube de Portugal; Presidente da Associação Comercial de Aveiro; Presidente da Associação Industrial do Distrito de Aveiro; Presidente do Clube de Automóveis Antigos; Presidente da Região de Turismo da "Rota da Luz"; Presidente da Associação Nacional dos Industriais de Escolas de Condução; Comandante Distrital da G.N.R.; Comandante Distrital da P.S.P.; Vouga Sport Clube.

COMISSÃO EXECUTIVA: - Prof. Celso dos Santos - Vereador; João dos Santos - Garagem Universal; António Henriques - Caciauto; Justino Pinheiro - Stand Justino; Manuel Oliveira - Rangel & Oliveira, Lda.; Carlos Mendes - Auto Sueco, Lda.; Dr. José Azevedo - Automóvel Antigo; Gastão da Silva Alves - Gastauto.

SECRETARIADO: - Arq^o José Quintão; Alexandrina Maximino; Isabel Neto; Elmano Ramos; Jorge Guimarães; Justino Ribeiro; António José Bartolomeu; Eng^o Acílio Vitória.

EMBAIXADOR DA JUGOSLÁVIA

No dia 6 de Julho, deslocou-se a Aveiro o Embaixador da Jugoslávia em Portugal, tendo sido oficialmente recebido na Câmara Municipal.

O diplomata manteve um breve encontro com representantes da Associação Comercial de Aveiro e da Associação Industrial do Distrito de Aveiro e debateu assuntos relacionados com a actividade económica e com as potencialidades locais.

Por fim, o Embaixador visitou o complexo portuário de Aveiro e duas unidades industriais da região.

I FEIRA DO MÓVEL DE AVEIRO

Prosseguindo uma política de apoio e divulgação das actividades económicas, não só do Concelho como de toda a Região, a Câmara Municipal de Aveiro delineou para este ano de 1990 um conjunto de feiras e exposições em que, mantendo as tradicionais (Feira de Março, Agrovouga, Feira do Artesanato, etc...), apostou em novos certames. Está neste caso a I Feira do Móvel de Aveiro, que se inaugurou no dia 14 de Julho, pelas 16 horas, e que esteve patente ao público até ao dia 8, no Recinto Municipal de Feiras e Exposições.

A Comissão Executiva soube ultrapassar as contingências e os riscos inerentes a uma primeira mostra, para mais dedicada a um sector - o do mobiliário - que, objectivamente, ainda não tem grande implantação na região, mas que tende a instalar-se por força da dinâmica da construção civil e do ritmo de crescimento a que se assiste.

Foi duplo o objectivo deste certame: por um lado, proporcionar a industriais e comerciantes um espaço onde pudessem apresentar os seus produtos, nas mais recentes formas de estilo e materiais; e, por outro lado, possibilitar aos potenciais

bib RIA

Cartaz da I Feira do Móvel de Aveiro (Designer: Jorge Guimarães).



clientes - a população em geral - um contacto mais directo e um conhecimento objectivo daquilo que, neste sector, a indústria da região faz e o comércio oferece em matéria de estilo, materiais, qualidade, funcionalidade, detalhes artísticos, etc....

Na I Feira do Móvel de Aveiro estiveram presentes 23 expositores de empresas comerciais e industriais dos ramos do mobiliários, estofos e colchões, relógios, lustres e candeeiros, mármore, granitos e artigos de decoração. Predominaram, como seria de esperar, os expositores provenientes da Região de Aveiro; no entanto, verificou-

-se com agrado a presença de fabricantes e retalhistas da zona do Porto, de Gondomar e de Rebordosa.

COMISSÃO EXECUTIVA: - Prof. Celso dos Santos; Arquitecto José Quintão; Jorge Guimarães; Elmano Ramos; Justino Tomás Ribeiro; Eng^o Acílio Vitória.

SECRETARIADO: - Alexandrina Maximino; Isabel Neto.

DESIGN DO CARTAZ: - Jorge Guimarães.

FESTA DA RIA

A Festa da Ria animou Aveiro desde 14 de Julho até 12 de Agosto, com manifestações de música, de folclore e outras. O programa encerrou com as tradicionais regatas de moliceiros entre a Torreira e Aveiro e as cârridas de moliceiros e bateiras no canal das Pirâmides. Houve também o habitual concurso de painéis dos barcos, com distribuição de prémios.

A Festa da Ria foi organizada pela Câmara Municipal de Aveiro com o patrocínio da Região de Turismo da "Rota da Luz" e o apoio da Companhia Aveirense de Moagens.



*Cartaz da Festa da Ria
(Designer: António José
Bartolomeu).*

Destacam-se os seguintes números entre os demais:

— Festival regional de Folclore: Grupo Folclórico do Baixo-Vouga (Eixo), Grupo Folclórico "As Varinas de Ovar", Grupo Folclórico de Eirol, Grupo Folclórico da Casa

• **Corrida de Bateiras à Pá:** HOMENS - 1º - Aveiro ("Matolas"); 2º - ex æquo - Aveiro ("Cagaréus") e Murtosa; 4º - Pardelhas. MULHERES - 1º - Murtosa; 2º - Aveiro; 3º - Murtosa.

• **Corridas de Moliceiros à Vara:** 1º - António Rebelo - Bestida e 2º - Fernando Tavares - Quintas do Norte.

• **Corridas de Moliceiros à Sirga:** 1º - Reinaldo Belo - Bestida e 2º - José Rendeiro - Bunheiro.

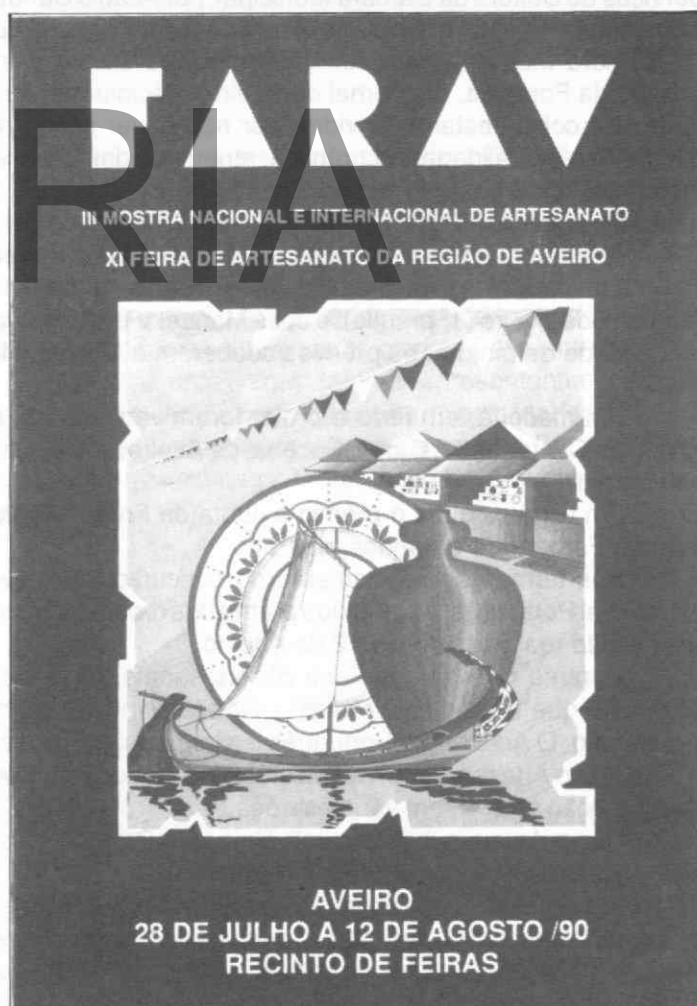
• **Concurso de painéis dos Moliceiros:** 1º - Reinaldo Belo - Bestida; 2º - Fernando Dias Tavares - Quintas do Norte; 3º - Domingos Beiroto - Bestida; 4º - António Rebelo - Bestida; 5º - Manuel Lamego - Torrão do Lameiro; 6º - Salvador Arrojado - Murtosa; 7º - Manuel Silva Vieira - Torreira.

Os prémios foram entregues no encerramento da Festa da Ria.

FARAV/90

A Câmara Municipal de Aveiro, tendo o apoio e a colaboração da Região de Turismo da "Rota da Luz", da Cooperativa de Artesãos de Aveiro "A Barrica" e do Instituto de Emprego e Formação Profissional, tomou a iniciativa de realizar, na sequência dos anos anteriores, a XI Feira do Artesanato da Região de Aveiro - FARAV/90 - que simultaneamente foi a III Mostra Nacional e Internacional de Artesanato. O certame decorreu desde o dia 28 de Julho até ao dia 12 de Agosto, no

bib



Cartaz da Farav/90 (Designer: António Marinho Vieira).

Recinto Municipal de Feiras e Exposições. Com 306 stands, 143 expositores, 40 artesãos a trabalhar ao vivo e a presença de 13 países além de Portugal - Brasil, China, Espanha, Filipinas, Holanda, Índia, Inglaterra, Kénia, Marrocos, Paquistão, Perú,

do Povo de Cacia e Grupo Folclórico da Região do Vouga (Águeda).

— Festival Internacional de Folclore: Grupo Folclórico da Casa do Povo de Cacia, Grupo "O Gigilos" de Chania-Creta (Grécia), Grupo "Fundación Ballet Cordillera" de Bogotá (Colômbia) e Grupo "Jivograi" da Ucrânia (U.R.S.S.).

— Música Popular Portuguesa, com o Grupo Etnográfico da Ria (Gafanha da Encarnação) e Grupo Cantares do Silveiro.

— Serenata de Coimbra.

— Serenata à Ria, com Orfeão da Vista Alegre, Orfeão de Esgueira, Coral Polifónico de Aveiro, Coral Vera-Cruz, Tuna de Santa Joana e Tuna de Santa Cecília.

— Noite de Fado, com Judite Gonçalves, Armindo Pimenta e Lizete da Conceição, acompanhados à guitarra por Armindo Fernandes e à viola por Eurico de Oliveira.

— Actuação da Companhia de Dança de Aveiro e do Projecto Dança de Aveiro.

Finalmente, registam-se aqui os nomes dos vencedores da regata, das corridas e do concurso de painéis:

• **Regata Torreira-Aveiro:** 1º - Manuel Maria Cachaço - Quintas do Norte (Torreira); 2º - Manuel Lamego - Torrão do Lameiro (Ovar); 3º - Manuel Silva Vieira - Torreira; 4º - António Rebelo - Bestida; 5º - Fernando Dias Tavares - Quintas do Norte; 6º - Reinaldo Belo - Bestida; 7º - José Maria Oliveira Rendeiro - Bunheiro; 8º - Gonçalo Caravela Vieira - Torreira; 9º - José Valente Almeida - Bunheiro; 10º - Domingos Beiroto - Bestida.

Senegal e Zimbábue - a FARAV/90 alcançou assinalável êxito.

Procedeu-se ao mesmo tempo ao concurso "Melhor Peça de Artesanato". Tendo reunido no dia 28 de Julho, o Júri, constituído pelo Dr. Emanuel Cunha, dos Serviços de Cultura da Câmara Municipal, por Acácio Conde, do Instituto de Emprego e Formação Profissional, pelo Dr. Artur Jorge, da "Rota da Luz", por Jorge Guimarães, da Câmara Municipal, por António Pinho, do Banco Comercial Português, e por Brissos da Fonseca, do "Jornal de Aveiro", decidiu não atribuir prémios nas modalidades de cobre, estanho e vidro, por não haver concorrentes; deliberou também subdividir a modalidade de cerâmica, atribuindo dois prémios em vez de um nas sub-modalidades de barro vermelho e pintura.

O vencedor do "prémio especial", foi C. Matos, do Estabelecimento Prisional de Aveiro, pela originalidade da peça e conjugação dos materiais aplicados.

Em cerâmica, na modalidade de barro vermelho, foram premiados José Augusto, de Aveiro (1º prémio), e José Manuel Vieira, de Ílhavo (menção honrosa); na modalidade de pintura, os prémios couberam a Dulcina Martins e Ivone Santos, de Aveiro.

Em madeira, em ferro e prata, foram vencedores, respectivamente, Manuel Alves, de Cantanhede, Carlos Sucena, de Aveiro, e José Germano Silva Coutinho, de Gondomar.

Em têxteis coube o prémio à Junta de Freguesia do Tropeço (Arouca) e em couro a Fernando Fernandes, do Porto.

Nos termos do regulamento do concurso, que teve o patrocínio do Banco Comercial Português, os artesãos premiados receberam a importância de 10.000\$00, em sessão realizada no dia 12 de Agosto.

Durante o tempo da Feira do Artesanato, desenvolveu-se um programa de colóquios que tiveram por temas: - Os Municípios e o Artesanato; O Turismo e o Artesanato; O Artesanato Português e a Integração Europeia; O Estatuto do Artesão; e o Apoio ao Artesanato. Diversos grupos folclóricos e etnográficos encarregaram-se da animação festiva, em vários serões.

Das palavras subscritas pelo Vereador Prof. Celso dos Santos, a propósito da FARAV/90 destacamos os seguintes períodos:

— *"A iniciativa pretende divulgar uma das expressões mais genuínas do nosso Povo, uma das realidades mais específicas da nossa Região, quiza mesmo uma das facetas da riqueza cultural e social de Aveiro. Mas não só: ela também deseja salvaguardar e promover um património venerando, de que o País e a Região são ricos, qual é o Artesanato.*

Com esta Mostra temos oportunidade de verificar que as artes populares, não se diluindo na voragem do progresso, tendem a revitalizar-se sempre mais, muito embora já não se orientem tanto para o fabrico de peças e utensílios de uso doméstico

- substituídos com mais vantagem pelo labor industrial. Mas, apesar da industrialização constante, a verdade é que se verifica um aumento de procura de objectos artesanais, sobretudo em meios urbanos. O Artesanato mantém assim a sua função, além de proporcionar condições para o homem-artesão se realizar numa actividade mais personificada e personalizante do que na do simples operário da máquina.

Ao constatar-mos a frequência de certames deste tipo, sentimos cada vez mais a necessidade de um Centro de Feiras e Exposições suficientemente estruturado, capaz e vasto, que possa responder ao imparável crescimento sócio-económico de Aveiro, do seu Concelho e da sua Região.

O Município de Aveiro, com a preciosa colaboração e o imprescindível apoio atrás referenciados, põe assim à consideração das entidades oficiais e da população em geral o valor e o interesse desta Mostra Nacional e Internacional de Artesanato da Região de Aveiro - a FARAV/90.

Por último, cabe aqui uma palavra de gratidão e de estímulo dirigida a todos os expositores individuais e colectivos, que nos honram com a sua participação e presença. Se pensá-mos neles ao pretendermos realizar esta iniciativa, também, sem eles, ela não seria possível. Bem hajam todos".

COMISSÃO ORGANIZADORA: - Prof. Celso dos Santos - Vereador da Câmara Municipal de Aveiro; Dr. Diamantino Dias - Representante da "Rota da Luz"; Jorge Corte Real - Representante da Cooperativa de Artesãos "A Barrica"; Arquitecto José Quintão; Dr. Emanuel Cunha; Jorge Guimarães; Alexandrina Maximino; Isabel Neto; Elmano Ramos; Justino Ribeiro.

"ECOS DE CACIA"

O jornal mais antigo do concelho de Aveiro, que dá pelo título de "Ecos de Cacia", completou, no dia 5 de Agosto, setenta e cinco anos de existência. Manuel Damião, seu director e proprietário, que acumula as funções de repórter, compositor, paginador, impressor, distribuidor e cobrador, há dezenas de anos tem garantido a sua existência, com extrema dedicação.

Foi ele também que não deixou passar a efeméride - as bodas de diamante do seu jornal - sem convidar os amigos, colaboradores, anunciantes e apoiantes para um breve convívio. Entre as pessoas presentes, contaram-se representantes locais da comunicação social e ainda responsáveis de instituições e de colectividades de Cacia.

A Câmara Municipal de Aveiro esteve presente na pessoa do Dr. José Girão Pereira que levou a Manuel Damião, em nome do Município, o testemunho do apreço e da consideração que lhe são devidas.

"AO ENCONTRO DE PORTUGAL"

Provenientes de Portugal e de Espanha, catorze jovens estiveram na região aveirense, durante uma semana, ao abrigo do programa "Ao Encontro de Portugal", do Instituto da Juventude. Uma vez que o seu objectivo principal era o conhecimento da ria de Aveiro, os jovens visitaram alguns Municípios confinantes com a mesma ria, sobretudo os principais pontos de interesse turístico e cultural.

Tendo o apoio da Câmara Municipal de Aveiro, esta dispensou-lhes uma recepção oficial, na presença de toda a Vereação, durante a sua reunião normal. Na oportunidade, o Presidente do Executivo pediu aos jovens que, no fim da estadia entre nós, dirigissem à Câmara as suas críticas ou sugestões relativamente àquilo que porventura observassem não estar bem; seria uma colaboração de agradecer.

ESTUDANTES DE SALAMANCA EM AVEIRO

Um grupo de estudantes da Universidade de Salamanca, acompanhado por uma delegação da mesma escola de que fazia parte o Prof. Dr. Eugénio Zarca, esteve em visita de estudo na cidade de Aveiro, onde foi oficialmente recebido pelo Presidente da Câmara Municipal e pelo Vereador do Pelouro da Cultura.

Durante a breve cerimónia de boas-vindas, o Dr. José Girão Pereira proferiu algumas palavras de congratulação, acrescentando ser importante o intercâmbio entre jovens das duas cidades e, nomeadamente, entre as suas universidades, tão diferenciadas no ensino. É que, enquanto em Salamanca o ensino se baseia em disciplinas clássicas, entre nós ele volta-se muito para a técnica e ciências modernas.

Por fim, o Prof. Dr. Eugénio Zarca aproveitou a ocasião para agradecer a colaboração prestada pela Câmara Municipal e formulou o voto de que a visita originasse ligações mais estreitas entre Aveiro e Salamanca, assim como trocas de metodologias e técnicas praticadas nos dois estabelecimentos do ensino superior.

ESCOLA EUROPEIA DE MOL

Uma comitiva constituída por professores da Escola Europeia de Mol (Bélgica) deslocou-se à cidade de Aveiro, tendo sido recebida pela Câmara Municipal, numa cerimónia de boas-vindas, realizada no salão nobre dos Paços do Concelho. Inserida numa mais vasta deslocação a vários pontos de Portugal, esta visita incluiu um passeio pela ria de Aveiro e teve como finalidade um melhor conhecimento das actividades da nossa região.

A Escola Europeia de Mol, cujo director é o Dr. Adriano Vasco Rodrigues, destina-se, como todas as outras escolas europeias, ao ensino das filhas dos funcionários e técnicos da CEE, e é considerada como "escola integrada", abrangendo os diversos graus de ensino, desde o pré-primário ao superior.

Frequentada por jovens de cerca de trinta países, funciona por secções linguísticas, pelo que é possível facultar o ensino nas próprias línguas nacionais.

Durante a visita, o Dr. Adriano Vasco Rodrigues ainda salientou o interesse em estabelecer maior intercâmbio entre professores e em dinamizar os contactos já existentes com escolas portuguesas, fazendo votos por que, em breve, a Escola Europeia de Mol seja também frequentada por jovens do nosso País.

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-FRANÇA

As Câmaras Municipais de Aveiro, Murtosa e OLiveira do Bairro e a Associação Comercial de Aveiro, bem como algumas associações culturais e vários clubes desportivos, propuseram-se dinamizar a criação da Associação de Amizade Portugal-França. A formação desta instituição reveste-se indubitavelmente de extrema importância na consolidação e no desenvolvimento das relações já existentes entre as regiões de Aveiro e de Bourges, em França.

Como nota de interesse, regista-se que, em Outubro, uma numerosa delegação da zona de Bourges, constituída por autarcas, responsáveis associativos e responsáveis de organismos ligados à formação profissional, acedeu ao convite da Associação França-Portugal, aí sediada, e efectuou uma visita a Aveiro com a finalidade de programar formas mútuas de cooperação e de perspectivar a futura Associação Portugal-França, com sede prevista para Aveiro.

Concluir-se-ia então que as Câmaras Municipais não estão vocacionadas para este género de associações, pelo que "devem ser as forças vivas de uma e de outra região a tomarem iniciativas concretas, que elas não deixarão de apoiar.

AGROVOUGA/90

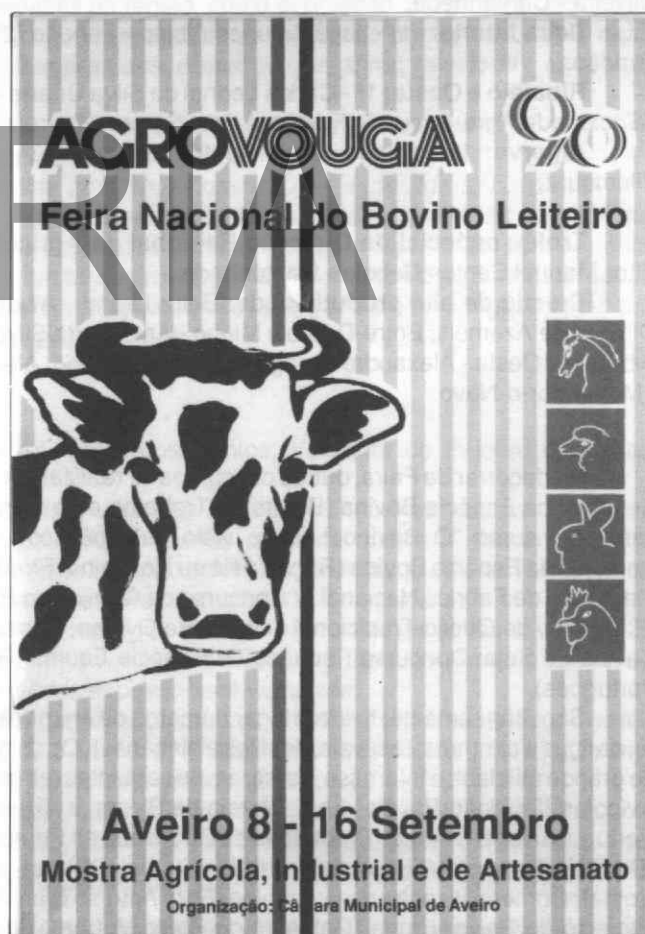
De 18 a 16 de Setembro realizou-se em Aveiro, no Recinto Municipal de Feiras e Exposições, a décima quinta edição da AGROVOUGA que, desde 1982, é também a Feira Nacional do Bovino Leiteiro. Ao acto da inauguração presidiu o Ministro de Agricultura e Pescas, Eng. Arlindo Cunha, que, depois de visitar pormenorizadamente todo o certame, classificou-o "como um fórum agrícola, que sempre primou pelo debate das questões técnicas ligadas ao desenvolvimento da agricultura".

Estas palavras foram proferidas em breve sessão, durante a qual o mencionado membro do Governo chamou a atenção para a importância da sanidade animal como factor determinante na nossa entrada no Mercado Único Europeu e revelar muito do que se tem feito em Portugal para melhorar a cobertura técnica e sanitária.

Por sua vez, o Presidente da Câmara Municipal aproveitou a cerimónia para lembrar "a necessidade que o concelho de Aveiro tem de um mercado abastecedor, que sirva as produções dos pequenos agricultores".

Constituíram objectivos da AGROVOUGA/90 não só a tradicional e diversificada exposição de máquinas agrícolas mas também uma exposição-feira de artesanato e uma mostra comercial e industrial da região aveirense. Além disso, em cumprimento do despacho do Ministro de Agricultura e Pescas, a Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral, em colaboração com a Comissão Executiva da AGROVOUGA/90, com o parecer técnico da Direcção-Geral da Pecuária e com o patrocínio do Governo

bib RIA



*Cartaz da Agrovouga/90
(Designer: António José
Bartolomeu).*

Civil do Distrito e da Câmara Municipal de Aveiro, também realizou o XI Concurso Nacional da Vaca Leiteira, cuja classificação, publicada no dia da inauguração da AGROVOUGA/90, teve os seguintes resultados:

1ª Classe - Melhores produções de leite registadas a nível nacional:

1ª Secção - Lactação: 1º - José da Silva Félix - Rio Maior; 2º - Hendrik Roelofsen - Montemor-o-Novo; 3º - José da Silva Félix - Rio Maior.

2ª Secção - Lactação: 1º - Sociedade Agro-Pecuária França, Lda. - Samora Correia; 2º - Alexandre Arriaga e Cunha - Sabugo; 3º - Sociedade Agrícola de Boelhe - Penafiel.

3ª Secção - 3ª Lactação: 1º Carlos Leonel da Silva Duarte - Salvaterra de Magos; 2º - Vasco Gomes de Sousa Zuzarte - Estremoz; 3º - Alexandre Arriaga e Cunha - Sabugo.

2ª Classe: - Melhores produções de leite, convertido a 3,7 por cento de gordura:

1ª Secção - Lactação: 1º - Hendrik Roelofsen - Montemor-o-Novo; 2º - José da Silva Félix - Rio Maior; 3º - Sociedade Agro-Pecuária França, Lda. - Samora Correia.

2ª Secção - Lactação: 1º - Sociedade Agrícola Lama da Atela - Alpiarça.

3ª Secção - 3ª Lactação: 1º - Carlos Leonel da Silva Duarte - Salvaterra de Magos; 2º - José Figueiredo de Carvalho - Barcelos; 3º - Vítor Manuel Santos Rebola - Cantanhede.

3ª Classe: - Melhores produções de leite, convertido a 3,70 por cento de gordura, registadas:

Entre-Douro e Minho: 1º - José Figueiredo de Carvalho - Barcelos; 2º - Sociedade Agrícola de Boelhe - Penafiel.

Beira Litoral: 1º - Vítor Manuel Santos Rebola - Cantanhede; 2º - Maria Costa Oliveira - Cantanhede.

Beira Interior: 1º - José Antunes Albino - Fundão; 2º - José Antunes Albino - Fundão.

Ribatejo e Oeste: 1º - Carlos Leonel da Silva Duarte - Salvaterra de Magos; 2º - Sociedade Agro-Pecuária França, Lda. - Samora Correia.

Algarve: 1º - Centro Experimental de Tavira; 2º - Sociedade Agrícola de Vilamoura.

Troféu especial da Direcção Regional da Agricultura da Beira Litoral: - Vítor Manuel Santos Rebola - Cantanhede.

Prémio de alta produtividade: Beira Litoral - Albano Tavares de Almeida - Oliveira de Azeméis; Entre-Douro e Minho - António da Silva Jacinto - Vila do Conde; Ribatejo e Oeste - Alexandre Arriaga e Cunha - Sabugo; Alentejo - Hendrik Roelofsen - Montemor-o-Novo.

No decorrer da Feira, outros concursos se realizaram: - 47º Concurso Pecuário Regional da Espécie Bovina (Raças de Trabalho e de Carne); Concurso de Atrelagens; Concurso "O Bovino Leiteiro visto pelo público"; 47º Concurso Pecuário Regional da Espécie Bovina (Raça Frísia ou Holstein X Frísia); XI Concurso do Queijo Flamengo de Fabrico Nacional; V Concurso de Queijo tipo Prato de Fabrico Nacional; I Concurso de Queijo Tradicional de Leite de Ovelha; Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela; Concurso Pecuário da Espécie Equina (Raça Lusitana e Cruzado Português).

Simultaneamente, tiveram lugar números de animação (música popular, folclore, danças e cantares, festivais, desfiles e gincanas). Os colóquios e mesas redondas, de grande utilidade e interesse, versaram os seguintes temas: - Marketing de produtos Avícolas (Dr. João Paixão, Eng. Correia de Barros e Álvaro Teixeira); A Agricultura Portuguesa e os Grandes Problemas da Qualidade na Perspectiva dos Consumidores (Dr. Beja Santos); A Exportação de Hortícolas e Flores (Eng. António Manuel da Costa); Comercialização de Hortícolas (Eng. António Manuel da Costa); Dinâmica do Projecto do Baixo-Vouga (Gabinete do Baixo-Vouga); Perspectivas no Sector dos Lacticínios (Eng. Ramiro do Rosário); Potencialidade e Riscos do Mercado dos Produtos Agrícolas numa Europa Alargada (Eng. Tito Rosa); Produção e Qualidade dos Vinhos (Eng. Dias Cardoso); Os Vinhos da Bairrada no Contexto do Mercado Europeu (Dr. João Casaleiro); Perspectivas para a Produção de Leite em Portugal face à adesão na CEE (Eng. Ramos Rocha); Quotas à Produção Leiteira (Eng. Simões

Pontes); A Qualidade do Leite em Portugal (Eng. Donzília Cantarinho); A Qualidade do Leite na Europa (Vidon Patrick, da U.L.N.); A Criação de Cavalos e o Bom Cavalo de Desporto.

Transcrevemos as palavras que o Dr. José Girão Pereira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, deixou na respectiva brochura da AGROVOUGA/90, sob o título "Um regresso... para o futuro":

Ao fim de vários anos de ausência forçada, em obediência a imposições de ordem sanitária, é com satisfação e agrado que vemos o gado bovino de volta, presente em força na AGROVOUGA/90, como que num regresso... ao futuro.

No coração da Região do Vouga, muito justamente tida como o "solar" da vaca leiteira, a AGROVOUGA pode, assim, voltar a fazer juz ao seu título oficial de Feira Nacional do Bovino Leiteiro.

E fá-lo exactamente quando o certame soma quinze edições sucessivas, encerrando, pelos vistos da melhor forma, década e meia de trabalhos e canseiras, quinze anos de entrega de uns poucos (não muitos!) a uma causa, que foi (e é) a do desenvolvimento económico e da promoção da região.

Sem falsa modéstia, terá de reconhecer-se que nem sempre foi um percurso isento de escolhos... e de frustrações.

A começar pelo objectivo inicial, que era forçar a recuperação do riquíssimo Baixo-Vouga, e que ainda hoje representa uma miragem, bem mais longínqua e intangível do que seria de esperar.

Pelo contrário, a crescente afirmação da AGROVOUGA como mostruário privilegiado das potencialidades da região, como expressão "sui generis" do desenvolvimento que, apesar das contrariedades, temos sabido protagonizar com muita vontade e crer nas nossas capacidades, é sinal de que, afinal, nem todo o esforço foi em vão.

Longe de uma vitória em toda a linha, teremos porventura percorrido meio caminho em direcção à meta!

É por isso que, agora, contamos convosco — expositores, cooperativas e organizações da lavoura, técnicos e serviços oficiais. Para cumprirmos o caminho que falta, com vista a uma agro-pecuária moderna, eficaz, com capacidade para enfrentar os desafios futuros, em ordem ao desenvolvimento económico e ao bem estar social.

Em nome da Câmara Municipal de Aveiro, aqui deixo o meu obrigado pelo muito que nos têm motivado e ajudado a fazer.

Por seu turno, o Prof. Celso dos Santos, Vereador do Pelouro de Feiras, subscreveu:

Durante nove dias mais uma vez a AGROVOUGA vai animar o Recinto Municipal de Feiras e Exposições, trazendo à cidade mais um momento alto no conjunto das feiras que se vêm realizando em Aveiro, entre as quais esta se destingue, não só pelo que representa para a Região, como também para o País.

Certame com elevado prestígio, decorre sem interrupção há quinze anos, constituindo no seu género uma verdadeira Mostra Agrícola, Industrial e de Artesanato, atraindo e entusiasmando expositores e visitantes.

Como é sabido, dificuldades resultantes do estado sanitário do gado bovino têm gerado momentos difíceis às Comissões Executivas e seus colaboradores, só sendo ultrapassados à custa de sacrifícios e grandes esforços.

Igualmente na AGROVOUGA/90 não se realizará o Concurso Nacional com o gado ao vivo. Não será assim dado cumprimento cabal ao despacho do Ministério que confere à Feira a realização do mesmo. Decorrerá assim na forma habitual, sendo afixados os resultados.

Há contudo nesta XV Feira uma melhoria considerável. É já possível, em 1990, reeditar o Concurso Regional do Gado Bovino — o que, por consequência, vai trazer nova vida ao certame, aumentando o número de animais na exposição permanente e nos leilões.

Uma nova animação rodeará o sector do gado bovino, fruto dos esforços desenvolvidos pelos Serviços Agrícolas e dos Agricultores que, final e felizmente,

resultaram positivamente no estado sanitário dos animais e que muito nos apraz registar.

Palco aberto à discussão destes problemas, local de debate por excelência, pensamos que a AGROVOUGA contribui também para este sucesso, pelo esclarecimento e empenhamento de todos na luta contra a peripneumonia.

Salientamos com satisfação a presença do cavalo que participa e muito alegre a Feira, bem como a dos ovinos e caprinos.

De igual modo referimos o elevado número de expositores de máquinas agrícolas, os quais se propõem realizar um desfile e um campeonato de motolavoura.

Um programa de colóquios com temas de grande interesse e actualidade preencherá a parte didáctico-pedagógica.

Uma participação mais intensa de vinhos irá ocorrer, ao mesmo tempo que se realizarão algumas provas com a colaboração dos expositores de lacticínios que não regatearão oferta dos seus melhores queijos. Aliás o habitual Concurso do Queijo terá novos concorrentes, considerando o seu alargamento.

Pela primeira vez teremos uma exposição francesa (Região da Aquitânia — Bordéus) promovida pela Action Aquitaine - Portugal, o que registamos com muito apreço.

Tudo contribuirá para manter o prestígio de que a Feira disfruta, o qual bem merecido é, e não representa mais que o corolário do empenhamento, da força e persistência de todos os que de há quinze anos a esta parte por ela trabalharam e vêm trabalhando.

A todos, como Vereador responsável pelo Pelouro de Feiras, presto as minhas homenagens e agradecimentos.

Finalmente, sob a epígrafe "Um certame continuamente renovado", o Eng. Carlos Manuel Ferreira da Maia, Director Regional de Agricultura da Beira Litoral, escreveu o seguinte:

A AGROVOUGA/90 apresenta-se, à partida, como um certame continuamente renovado e revelador das potencialidades da Região do Vouga que se estende dos altos cerros da Lapa até à laguna estabelecida na área do antigo golfo marinho, a Ria de Aveiro.

Tem constituído, desde sempre, a partir da participação activa dos Agricultores e das suas Associações, um canal privilegiado de informação de desenvolvimento centrado no aproveitamento agrícola de uma extensa mancha de solos de natureza aluvionar, fundos e férteis, cuja capacidade de uso se encontra condicionada por excesso de água durante parte do ano — os campos do Vouga.

Cumpra a todos nós a defesa deste valioso património comum que é o solo agrícola, recurso limitado em extensão e em capacidade de uso que importa sobremaneira conservar e valorizar como principal suporte da nossa produção agro-alimentar.

Nesse sentido, encontram-se presentemente em curso na área do Baixo-Vouga importantes investimentos públicos no âmbito do sub-programa de Drenagem e Conservação do Solo do PEDAP, que tem por objectivo potenciar a sua capacidade de uso agrícola, através da intensificação e racionalização dos seus sistemas produtivos, por forma a aumentar a eficácia e a competitividade das suas actuais estruturas de produção, transformação e comercialização de produtos agrícolas. Isto no sentido de as converter em empresas mais competitivas, que se deverão caracterizar por: - Remunerar convenientemente o capital e o trabalho nelas investido; produzir mais com menores custos de produção; produzir produtos com qualidade e com fácil escoamento no mercado; evidenciar flexibilidade e capacidade de adaptação e reacção às condições do mercado.

A AGROVOUGA/90 irá contribuir, estamos certos, para melhor capacitar os agricultores e demais agentes económicos ligados ao sector a fazer face ao grande desafio que se nos depara com a nossa próxima integração no Mercado Único Europeu.

COMISSÃO EXECUTIVA: - Câmara Municipal de Aveiro; Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo; União de Cooperativas de Entre Douro e Mondego — LACTICOOP;

Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite do Centro Litoral — PROLEITE; Cooperativa Agrícola Mirense; Cooperativa Agrícola e Leiteira de Vagos; Cooperativa Agrícola de Estarreja; Associação de Criadores de Cavalos de Aveiro.

COLABORADORES ESPECIALIZADOS: - Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral; IROMA; Zona de Intervenção Sanitária; Sub-Região Agrária; Dr. Jaime Machado — Concurso do Gado Bovino; Dr. António José Valente — Concursos Pecuário, Leilão e Exposição; Eng^a Rosa Canha — Concurso do Gado Bovino; Dr. Fernando Rendeiro Marques — Concurso de Queijos; Eng^o Mário Cupido — Concurso e Leilão; Eng^o Nunes Cardoso — Concursos e Colóquios; António Pereira de Pinho "Púcaro" — Exposições de Animais; Eng^o Armindo Sá — Dia da Máquina; Dr. Manuel Monteiro — Concursos; Dr^a Isabel Viana — Concursos.

SECRETARIADO: - Maria Alexandrina Maximino; Isabel Neto; Arq. José Quintão; Jorge Guimarães; Elmano Ramos; Justino Tomás Ribeiro; António José Bartolomeu; Gonçalo Lé.

GABINETE DE IMPRENSA: - José Carlos Maximino.

ESTADOS GERAIS DA EUROPA E FEIRA NACIONAL DOS MUNICÍPIOS

A Câmara Municipal de Aveiro participou, em Lisboa, nos XVIII Estados Gerais dos Municípios e Regiões da Europa, que decorreu de 3 a 6 de Outubro, e na II Feira Nacional dos Municípios, que se realizou em simultâneo, de 30 de Setembro a 7 de Outubro.

Aquele Congresso, que se efectuou pela primeira vez em Portugal, teve a presença de mais de quatro mil eleitos locais e regionais europeus e de altas individualidades nacionais e comunitárias. Os debates centraram-se em torno de grandes problemas europeus: ambiente e qualidade de vida, estrutura das finanças locais e regionais na perspectiva de 1993, e o desafio da integração europeia para as colectividades locais e regionais.

Na Feira Nacional dos Municípios, organizada pela Associação Nacional dos Municípios Portugueses, a Câmara Municipal de Aveiro fez-se representar com um stand próprio.

II SALÃO DE CONSTRUÇÕES E OBRAS PÚBLICAS DE AVEIRO

Por iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro e com a colaboração da Associação dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas do Norte, da Universidade de Aveiro, da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, da Associação Comercial de Aveiro e da Associação Industrial do Distrito de Aveiro, decorreu o II Salão de Construções e Obras Públicas de Aveiro, no pavilhão rectangular no Recinto Municipal de Feiras e Exposições. O certame realizou-se entre os dias 6 e 13 de Outubro e teve a participação de vinte e seis expositores.

Paralelamente, programaram-se diversos serões de animação cultural e organizaram-se vários colóquios, subordinados aos seguintes temas, seguidos de debate: - A conjuntura actual da construção civil; P.D.M.; G.R.U.A.; Planeamento Municipal; Ambiente e construção; O plano geral de desenvolvimento do Porto de Aveiro.

Transcrevem-se três depoimentos relativos ao II Salão de Construção e Obras Públicas de Aveiro:

1 - Do Dr. José Girão Pereira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Se dúvidas houvesse quanto à importância da indústria da construção no contexto da economia nacional, bastaria sublinhar que ela tem sido responsável por cerca de 50% do investimento global do País.

Acrescente-se que emprega cerca de 400 mil trabalhadores e ter-se-á, então, uma ideia mais aproximada do seu peso social.

O Município de Aveiro, centro nevrálgico de um dos distritos "mais europeus" do nosso País, como é insistentemente referido, é um exemplo da dinâmica do sector.

A introdução da contribuição autárquica - em substituição da contribuição predial - permitiu detectar a existência de 6.200 isenções temporárias (por prazos de dez anos) relativas a prédios urbanos. Os contribuintes efectivamente sujeitos a contribuição autárquica, esses cifram-se em 7.800 aproximadamente. Quer isto dizer que, em menos de dez anos, o número de habitações quase duplicou na área do município.

Há, depois, o sector das obras públicas, com destaque para as vias de comunicação, os edifícios públicos e as infraestruturas de base, que representam uma importante parcela da actividade da indústria de construção.

Isto para dizer que, se não houvesse mais razões, bastaria este quadro para justificar a realização, em Aveiro, de um salão dedicado à construção civil e de obras públicas.

Acontece que a Câmara Municipal de Aveiro tem outras razões e uma política de feiras e exposições que persegue a divulgação das potencialidades regionais através de certames especializados e pretende fomentar as actividades económicas que, já tendo alguma expressão ou apresentando boas perspectivas de implantação, se mostrem úteis ao desenvolvimento da região.

Para atingiresse duplo objectivo, contamos sobretudo com as empresas e com os empresários, mas também com as autarquias, as associações sectoriais, os serviços locais da administração central e com a Universidade... de Aveiro, é claro!

A todos os que não nos têm regateado apoio e encorajamento, aqui deixo a expressão do meu reconhecimento, em nome do Município de Aveiro: Bem hajam!

2 - Do Prof. Celso dos Santos, Vereador do Pelouro da Cultura do Município Aveirense:

Prossequindo uma política de apoio e divulgação das actividades económicas, não só do Município como de toda a Região, mais um certame se realiza e inaugura hoje, no Parque Municipal de Feiras e Exposições - o II Salão de Construções e Obras Públicas.

Aveiro vem sendo um importante polo dinamizador da Região. O dinamismo e riqueza desta proporcionam vitalidade, atraindo múltiplos investidores.

A construção tem sido um dos sectores da actividade que mais vem distinguindo e contribuindo para o desenvolvimento da Cidade. Por tal motivo se entendeu criar um certame a ela dedicado.

Procura-se, assim, proporcionar aos industriais e comerciantes uma oportunidade para divulgarem a sua actividade e simultaneamente apresentarem o seu produto, materiais, novos estilos e técnicas. Por outro lado, possibilita-se o contacto directo entre a população em geral, afinal os potenciais clientes, e os expositores de que resultará certamente a informação, o esclarecimento necessário e ainda o debate aberto sobre problemas que afectam o ramo e que serão evidenciados na parte didáctico-pedagógica que acompanha o Salão — os colóquios.

A todos os que contribuíram para a realização deste Salão, deixo uma palavra de reconhecimento e uma saudação especial aos expositores, os quais, participando, promovem Aveiro e a Região, contribuindo de modo decisivo para seu engrandecimento.

3 - Do Eng. Vítor Manuel Serafim de Matos, Secretário da Associação Comercial de Aveiro:

O êxito das feiras e salões realizados no recinto do Município Aveirense, vulgo, "Pavilhão das Feiras", "obrigou" ao surgimento do Salão de Construções e Obras Públicas de Aveiro. Se, geograficamente, Portugal não é beneficiado por ser uma

Nação "central", tem, contudo a vantagem de ser uma das "Portas da Europa" e beneficiar de um excepcional clima que é elemento importante nestas questões.

Afinal, estamos virados à África e às Américas e somos, no contexto da CEE, país com grande vocação atlantista e ponte entre vários "mundos".

A experiência colhida possibilita a realização de Feiras, Salões e Exposições cada vez maiores e mais participados e procurados. O Salão de Construção e Obras Públicas de Aveiro é garantia de ser vitrina privilegiada para a novidade num panorama real da Indústria e Comércio de Aveiro, um mostruário de novidades e tecnologias, um espaço de contactos comerciais e de negócios, Forum onde temáticas se debatem e acertam estratégias, um impulso às actividades produtivas e de

bibRIA

Cartaz do II Salão de Construções e Obras Públicas de Aveiro (Designer: Jorge Guimarães).



serviços, uma pedagogia de sinal prático para o público, especialmente os Jovens.

As feiras de Aveiro abriram-se ao País numa primeira fase e, hoje, abrem-se ao mundo.

O Salão de Construção e Obras Públicas de Aveiro é disso uma magnífica prova e Aveiro, Porta da "Construção" Europeia, o paradigma.

Mais uma vez, ficou demonstrado o interesse dos promotores do II Salão de Construções e Obras Públicas de Aveiro em divulgar as potencialidades da Região no âmbito da construção, em proporcionar a industriais, comerciantes e a demais entidades um espaço onde pudessem apresentar os mais recentes projectos e produtos, em contribuir para a promoção deste importante sector de actividade, e em permitir à população um melhor contacto com esta área fortemente implantada em Aveiro.

COMISSÃO EXECUTIVA: - Vereador Professor Celso dos Santos; Arquitecto José Quintão (Gabinete de Arquitectura); António José Pereira Bartolomeu (Gabinete de Topografia); Dr. Emanuel Cunha (Serviços de Cultura); Jorge Guimarães (Gabinete

de Design); Justino Tomás Ribeiro (Armazéns Gerais); Engº Acílio Vitória (Armazéns Gerais).

COLABORAÇÕES ESPECIALIZADAS: - Associação dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas do Norte; Universidade de Aveiro; Junta Autónoma do Porto de Aveiro; Associação Comercial de Aveiro; Associação Industrial do Distrito de Aveiro.

SECRETARIADO: - Alexandrina Maximino; Isabel Neto.

GABINETE DE IMPRENSA: - José Carlos Maximino.

INFORAV/90

Na tarde do dia 20 de Outubro, no pavilhão octogonal do Recinto Municipal de Feiras e Exposições, foi inaugurada a III Mostra de Material Eléctrico, Electrónico e de Informática de Aveiro — INFORAV/90. O certame, de muito interesse, esteve patente ao público até ao fim do dia 24. "Os objectivos, à semelhança dos anos anteriores, são, por um lado, abrir aos industriais e comerciantes do sector mais um espaço onde podem apresentar os seus produtos mais recentes e, por outro lado, proporcionar aos agentes económicos e ao público em geral um contacto fácil e directo com as novas tecnologias" — como referiram os responsáveis do Secretariado de Feiras e Exposições de Aveiro.

As empresas presentes foram, sobretudo, aquelas firmas que exercem a sua actividade na comercialização de materiais e instalação de equipamentos eléctricos, electrónicos e de informática mas também aí estiveram representados a Câmara



Cartaz da Inforav/90 (Designer: Jorge Guimarães).

Municipal de Aveiro, o Departamento de Electrónica da Universidade de Aveiro, a Telecom-Portugal, a Região de Turismo "Rota da Luz" e o Instituto da Juventude. Ao todo, foram 25 expositores que mostraram os seus produtos.

A INFORAV/90 caracterizou-se, como era natural que acontecesse, por uma atracção especial para a juventude, cuja afluência foi notória. Aliás, esta ideia, mesmo antes da abertura — que reflectia o interesse da Edilidade na organização e divulgação da feira — fora expressa pelo Vereador Prof. Celso dos Santos, que também escreveu as seguintes palavras para a respectiva brochura, sob o título "Preparar o Futuro":

- "Pela terceira vez estará presente no Parque de Feiras e Exposições uma mostra de Material Eléctrico, Electrónico e de Informática.

Caracteriza-se pela presença de um número elevado de expositores cuja actividade se dedica a um sector de conhecimentos modernos e muito especial.

Certame que nasce para acompanhar o progresso das técnicas modernas, integra-se bem em Aveiro, pois, situando-se numa região altamente industrializada, nela se verifica a necessidade de técnicos especializados e experientes no sector da electrónica e informática.

Por outro lado, permite ao público em geral, muitas vezes menos avisado para este importante aspecto, um contacto directo com a técnica, enriquecendo os seus conhecimentos.

O Secretariado de Feiras cumpre assim, mais uma vez, o compromisso assumido: manter e concretizar um calendário de feiras e exposições com a regularidade e a diversidade que se impõem nos tempos que correm.

Os expositores vêm apostando no certame o que demonstra o acerto desta realização. Assim o público compareça e analise a tecnologia de que dispomos.

A todos os que contribuíram para mais esta Mostra, o meu reconhecimento".

COMISSÃO EXECUTIVA: - Vereador Professor Celso dos Santos; Arquitecto José Quintão (Gabinete de Arquitectura); António José Bartolomeu (Gabinete de Topografia); Dr. Emanuel Cunha (Serviços de Cultura); Jorge Guimarães (Gabinete de Design); Elmano Lopes Ramos (Armazéns Gerais); Justino Tomás Ribeiro (Armazéns Gerais); Eng^o Acílio Vitória (Armazéns Gerais).

SECRETARIADO: - Alexandrina Maximino; Isabel Neto

GABINETE DE IMPRENSA: - José Carlos Maximino.

MONUMENTO À MÚSICA

No dia 18 de Novembro, no Largo do Conselheiro Queirós (Albói) procedeu-se à inauguração do Monumento à Música. A ideia, que nasceu há anos no seio do Lions Clube de Aveiro, foi ganhando força e obteve o apoio da Câmara Municipal de Aveiro. Encarregou-se da sua concepção o artista aveirense Gaspar Albino.

Se o monumento em si é importante, maior relevância tem o que simboliza: trata-se da Música, de que, no acto, falou João José Barbosa, presidente da Direcção da Banda Amizade. O Dr. José Girão Pereira, no uso da palavra, recordaria a sua importância na sociedade, afirmando que "enquanto o homem existir, existirá sempre a Música". De facto, o valor da Música manifesta-se como uma forma de desenvolvimento cultural e social — salientou-se.

Simultaneamente, o monumento significa um preito de gratidão à Banda Amizade, que então festejava o 156^o aniversário. Todos os que falaram na ocasião se referiram a esta prestimosa agremiação, especialmente Fernando Carvalho, presidente do Lions Clube de Aveiro. No próprio monumento pode ler-se - "Homenagem da Cidade de Aveiro à Banda Amizade".



Monumento à Música, no Bairro do Albói (Aveiro), inaugurado em 18 de Novembro de 1990.

biblioteca

NOVAS MORADIAS EM SANTIAGO

Desde o dia 27 de Novembro e durante o mês de Dezembro, a Câmara Municipal procedeu à entrega, por venda ou renda económica, das primeiras cento e vinte moradias no Complexo Habitacional de Santiago, na Cidade de Aveiro. Isto foi possível, graças ao apoio do Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado e à comparticipação do Instituto Nacional de Habitação.

Na transferência das famílias e dos seus haveres foi notório o serviço prestado pelo Batalhão de Infantaria de Aveiro, com seus homens e suas viaturas. Agora, em Santiago, pensa-se no trabalho de integração, de que se ocupa, desde há anos, a Paróquia da Glória, cooperando com outras Entidades; também já se encontra reservado um lugar para a implantação de uma igreja, com seus anexos. Em breve tempo, aquele aglomerado humano ultrapassará as cinco mil pessoas.

A entrega insere-se num plano mais vasto de combate à habitação degradada, estando prevista a construção, em três fases, de 784 fogos, sendo 150 para venda e 634 para arrendamento. A primeira fase, agora em curso, cifra-se em 240 moradias.

A Câmara Municipal de Aveiro e os dois Institutos acima referidos também assinaram, em Junho de 1987, um acordo para a construção de 206 fogos, destinados a arrendamento social, em várias freguesias do concelho. A empreitada foi posta a concurso, faltando apenas proceder à sua adjudicação.

Notícias breves

Fevereiro, 12	À Câmara Municipal deliberou apoiar financeiramente as comemorações religiosas do quinto centenário da morte de Santa Joana, Padroeira de Aveiro, as quais fazem parte do programa geral das Festas do Município de 1990.	Festas do Município
Março, 15	Foi deliberado mandar editar a Agenda Cultural para 1990, com as indicações de todas as actividades culturais no concelho de Aveiro.	Agenda Cultural
Abril, 9	Por proposta do Presidente, a Câmara deliberou abrir concurso junto de gabinetes da especialidade, com vista à execução de um estudo relativo à salvaguarda do Património Histórico da Vila de Eixo.	Património Histórico de Eixo
Abril, 23	A Edilidade deu parecer favorável, por unanimidade, à implantação de uma escola C+S em Eixo.	Escola C+S em Eixo
Maio, 28	Foi deliberado que, dentro do possível, se apoie a elaboração de um roteiro do concelho de Aveiro, denominado "As Ruas de Aveiro".	"As Ruas de Aveiro"
Junho, 25	A Câmara deliberou adquirir algumas medalhas pertencentes a uma colecção particular, as quais se destinam a enriquecer o espólio municipal.	Aquisição de Medalhas
Julho, 16	Na reunião da Edilidade, o Vereador Prof. Celso dos Santos deu a conhecer os circuitos turísticos dos moliceiros na Ria. - Foi deliberado apoiar a criação no nosso Concelho de um estabelecimento de Ensino Técnico-Profissional, respondendo-se assim à solicitação da Associação Comercial de Aveiro.	Moliceiros na Ria Ens. Técnico-Profissional
Julho, 30	Foi deliberado ceder uma habitação do Bairro de Santiago à Paróquia da Glória, destinada a implementar acções pedagógicas em favor da promoção e educação doméstica.	Educação Doméstica
Agosto, 6	A Câmara Municipal deliberou, por unanimidade, vender uma parcela de terreno, em Santiago, para a construção de uma igreja, ao mesmo preço por que foi adquirida.	Igreja de Santiago
Outubro, 8	A Edilidade autorizou a instalação de algumas associações culturais, nomeadamente o Grupo Etnográfico e Cénico das Barrocas e o Coral Vera-Cruz, no edifício municipal sito na Rua de Manuel Firmino, e ainda a reserva de uma sala no mesmo edifício para as aulas de deficientes auditivos. - A Câmara deliberou apoiar a realização do Congresso Internacional alusivo ao bicentenário da morte do cientista aveirense João Jacinto de Magalhães, promovido pelo Departamento de Física da Universidade de Coimbra, o qual terminará em Aveiro, no dia 10 de Novembro.	Sede de Associações João Jacinto de Magalhães
Outubro, 15	A Vereação Municipal deliberou a publicação da Agenda Desportiva com indicação de todas as actividades desportivas, a nível do Concelho, na época de 1990-91.	Agenda Desportiva
Outubro, 29	A Câmara Municipal deliberou, por unanimidade, editar o livro "Aveiro Medieval", da autoria de D. Maria João Violante Marques da Silva, com uma tiragem de mil exemplares. - Também foi deliberado apoiar a elaboração da tese de doutoramento sobre a cidade de Aveiro no séc. XVIII, que a Dr ^a D. Maria Inês Brandão, assistente da Faculdade de Letras do Porto, se propõe fazer.	"Aveiro Medieval" "Aveiro no séc. XVIII"
Novembro, 26	A Câmara deliberou atribuir o nome do Eng. João Ribeiro Coutinho de Lima a uma das artérias citadinas, homenageando assim um aveirense que se empenhou na valorização e progresso do porto marítimo.	Eng. Coutinho de Lima



Aveiro — Canal Central da Ria